

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

***Etec Dans:*
UMA ESCOLA PROFISSIONALIZANTE**

VOLUME II – ENTREVISTAS

Arlete Piccolo de Oliveira

**São Carlos – SP
2020**

SUMÁRIO VOLUME II

A - Oduvaldo Vendrametto, ex-superintendente do Centro Paula Souza	4
B - Rosa Maria Zuliani, diretora da ETEC DANS	20
C - Valmir Hilário Pureza, ex-diretor	26
D - Célia Regina de Souza Gabriel, ex-diretora	33
E - Maria José Roveri, docente	51
F - Carla Cristina Galassi, docente	58
G - Rosângela Maria Monteiro, bibliotecária, docente e coordenadora de curso	64
H - Sidemar Donizete Rodolffi, agente técnico administrativo	68
I - Mara Sílvia Polezi Lui, egressa com vínculo empregatício de auxiliar docente	72
J - Aliandra Rissi Morata, egressa com vínculo empregatício de agente técnico administrativo.	78
K - Ronaldo Ogasawara, egresso com vínculo empregatício de agente técnico administrativo	84
L - Adauto Luiz Carrino, egresso com vínculo empregatício docente	89
M - Amadeu Di Pietro Neto, egresso com vínculo empregatício docente	96
N - Fernanda Gianotti, egressa com vínculo empregatício docente	102
O - Laís Valência Gimenes, egressa com vínculo empregatício docente por tempo determinado.....	112
P - Lidiane Cristina Pavarina, egressa com vínculo empregatício docente	116
Q - Maria Aparecida Beltrame, egressa com vínculo empregatício docente	122
R - Nelson Sadala, egresso com vínculo empregatício docente.....	127
S - Ariele Regina Severino, egressa.....	133
T – Gabriel Luís Colombo, egresso.....	137
U - Leonardo Frederico Tayar Lui, egresso	142
V - Thiago Aparecido Cetrone, egresso	151

W - Vítor Augusto de Souza Ferreira Marques, egresso	158
X- Dorival José Micali.....	163

Lista de Figuras – Volume II

Figura 1 - Oduvaldo Vendrametto.	4
Figura 2 - Rosa Maria Ellero Zulliani.	20
Figura 3 - Valmir Hilário Pureza.	26
Figura 4 - Célia Regina de Souza Gabriel.....	33
Figura 5 - Maria José Roveri 51	51
Figura 6 - Carla Cristina Galassi..... 58	58
Figura 7 - Rosangela Maria Monteiro..... 64	64
Figura 8 - Sidemar Donizete Rodolffi 68	68
Figura 9 - Mara Sílvia Polezi Lui 72	72
Figura 10 - Aliandra Rissi Morata 78	78
Figura 11 - Ronaldo Ogasawra 84	84
Figura 12 - Adauto Luiz Carrino 89	89
Figura 13- Amadeu Di Pietro Neto..... 96	96
Figura 14 - Fernanda Gianotti 102	102
Figura 15 - Laís Valência Gimenes 112	112
Figura 16 - Lldiane Cristina Pavarina..... 116	116
Figura 17 - Maria Aparecida Beltrame 122	122
Figura 18 - Nelson Sadala 127	127
Figura 19 - Ariele Regina Severino..... 133	133
Figura 20 - Gabriel Luís Colombo..... 137	137
Figura 21 - Leonardo Frederico Tayar Lui..... 142	142
Figura 22 - Thiago Aparecido Cetroni 151	151
Figura 23 - Vítor Augusto de Souza Ferreira Marques..... 158	158
Figura 24 - Dorival José Micali 163	163

Figura 1 - Oduvaldo Vendrametto.



Fonte: A pesquisadora.

A - Oduvaldo Vendrametto, ex-superintendente do Centro Paula Souza

O professor Oduvaldo Vendrametto possui graduação em Física pela Universidade de São Paulo (1970), mestrado em Física pela Universidade de São Paulo (1987) e doutorado em Engenharia (Engenharia de Produção) pela Universidade de São Paulo (1994). Assessorou a Reitoria da UNESP em assuntos referentes à Gestão de Planejamento e Orçamento de 1983 a 1987. Foi Diretor Superintendente do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza de 1987 a 1991. Atuou no Departamento de Engenharia de Produção da Escola Politécnica USP como representante da parceria para qualificar docentes para as FATEC's, de 1994 a 1997. Desenvolveu o projeto para criação e aprovação pela CAPES do Mestrado Profissional em Habitação pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo, em 1995 e 1996. Organizou o projeto para criação do Mestrado *stricto sensu* em Engenharia de Produção da Universidade Paulista, em 1997 e de Doutorado, em 2006 os quais é coordenador e professor titular. Líder do Grupo de Pesquisa da Cadeia Produtiva

da Carne, Couto e Calçados sob a ótica da Cadeia de Fornecimento, de 2000 a 2010, atuou em pesquisas sobre Arranjos Produtivos Locais (calçados, couro, leite, hidropônicos, cerâmicos, metal mecânico, transportes etc.). Atualmente, pesquisa a contribuição dos Arranjos Produtivos Locais e Redes de Empresas para melhoria da competitividade das empresas¹.

Durante o período em que esteve à frente da superintendência do Centro Paula Souza, fundou, entre outras, a Escola Técnica Doutor Adail Nunes da Silva, objeto de estudo.

A entrevista ocorreu na Universidade Paulista (UNIP), na unidade de Indianópolis, São Paulo, em 06.08.19. O entrevistado prontamente atendeu à solicitação da pesquisadora, se colocando à disposição. O encontro ocorreu de forma tranquila, com total acolhimento e participação.

Entrevista

Oliveira: Gostaria de começar perguntando como foi sua experiência como superintendente do CEETPS, da criação da ETEC DANS e a sua entrada no Centro Paula Souza.

Oduvaldo Vendrametto: É preciso falar sobre alguns antecedentes, a própria criação do Centro Paula Souza foi em decorrência de uma movimentação estudantil em termos mundiais. Em 1968, já havia o descontentamento, pelo fato de que os cursos acadêmicos eram extremamente longos, além da distância com os trabalhos que seriam realizados após a formatura. Esse movimento, o Brasil participou, a França até certo ponto é um movimento, vamos chamar de sangrento. Isso ocorreu na Alemanha, Itália, Estados Unidos e, em consequência, alguns projetos que estavam em desenvolvimento se afloraram. Foram criados os cursos que, no Brasil, inicialmente, eram de curta duração. Eram as formaturas, os bacharelados e as licenciaturas, finalizadas em um tempo muito menor. Isso aconteceu na área educação, de formação dos

¹ Disponível em: <CV: <http://lattes.cnpq.br/4464305202900755>> Acesso em 29.01.2020.

professores três anos, dois anos e meio, dependia da instituição, da proposta e, inclusive na área de engenharia, foi criado o curso de engenharia operacional na FEI aqui no Brasil. Nessa época, havia um projeto do Governo do Estado que estava na Assembleia, para a criação do Centro Paula Souza, que inicialmente se chamava Centro de Educação de São Paulo e, nessa oportunidade, parece que o projeto gozava de grande prestígio pela Assembleia. O AI5 praticamente destituiu a Assembleia Legislativa e acabou o governador, então, legislando o decreto. O Paula Souza, bem no bojo dessa história alternativa, de ter cursos diferenciados do que aqueles tradicionais de duração maior e uma oferta de formação mais rápida e voltada para o trabalho, o governador se valeu de que a Assembleia estava fechada, assinou o Decreto e foi criado o Centro Paula Souza, num formato semelhante aqueles que já vinham sendo desenvolvidos, particularmente na *Führerschein*, na Alemanha. Evidentemente, em um grau de eficiência extremamente grande, diferenciado, em relação à cultura e o poder econômico. Na França, os chamados de UTES, Universitários de Tecnologia, todos esses, na Itália por exemplo, nos Estados Unidos já tinham lá as *Communities Colleges* e as instituições proliferaram nessa época com esse formato. O modelo adaptado no Brasil são as FATECs, as Faculdades de Tecnologia. Tratava-se desse tipo de curso, que propunha formar alguém entre o engenheiro e o técnico, um intermediário com bastante atividade de gestão e, sempre voltado, para a área mais técnica e mais industrial. Com isso, o aluno poderia ter sua qualificação em dois anos, longe dos cinco anos da engenharia tradicional. Esse contexto deu origem a motivação, na época, para a criação do Centro Paula Souza. As FATECs, inicialmente, tinham só em Sorocaba e São Paulo, durante um tempo razoável. Essa oportunidade acabou sendo observada, das necessidades e cidades industriais, levando a uma certa expansão. As FATECs, nesse intervalo, de 1969 a 1980 aproximadamente, por exigência do governador, ampliou para 12 as escolas técnicas dentro do Centro Paula Souza. Os motivos, bem visíveis na época, tratavam de escolas de certa excelência e custo muito alto e, o governo, muito preocupado, democraticamente resolveu então, que essas escolas deveriam repassadas para o Centro Paula Souza. Eu diria assim, que apenas com base em redução do orçamento dessas escolas. Havia escolas como a Lauro Gomes, em São Bernardo que, na época, tinha o custo da ordem aproximadamente 20 ou 30 escolas comuns da rede.

Realmente, era uma escola de excelência e, já dentro do contexto social, as escolas técnicas, que por fatores históricos sempre foi uma escola do pobre, para formar para o trabalho rapidamente, para auxiliar a família ou coisas do tipo, isso é Revolução Industrial. Nessas escolas de excelência, participavam as melhores famílias, com as maiores rendas e dificilmente esses alunos se tornavam técnicos. Na verdade, uma grande parte deles, provavelmente a maioria, eram os melhores alunos das faculdades de Engenharia ... porque o curso realmente era um curso altamente qualificado em termos técnicos que acabava até por se tornar excelência. Dentro do currículo se colocava - a forma desejável que fossem todas as escolas - um volume de conteúdo, de matéria, matemática, português e línguas em que o aluno saía extraordinariamente bem preparado quando comparado com os outros, inclusive com aqueles que faziam somente a escola propedêutica. Essas diferenças foram se acentuando, se tornando uma das alegações para que escolas fossem transferidas para o Paula Souza. O fato de transferir essas escolas, que eram 12 inicialmente, provocou um tumulto dentro do Paula Souza, até porque as escolas foram para o Paula Souza, mas o orçamento que elas tinham não. Ou seja, as escolas tiveram que se adequar a estrutura do Paula Souza em termos salariais, de materiais, a própria carga horária do professor, que dispunham de tempo para a preparação de aulas, de laboratório e coisas do tipo, deixaram de ter. Houve uma certa rebelião, inclusive, por parte dessas escolas mas, até pelo regime que se vivia, as pessoas eram obrigadas a se adequar rapidamente às exigências e houve um constrangimento por um longo tempo em função disso. Essas escolas mantiveram um certo padrão, mas certamente muito inferior aqueles que elas tinham anteriormente. Em termos de escolas técnicas, conforme se agregou as escolas técnicas, houve também uma expansão das Faculdades de Tecnologia, então houve a criação de Americana, depois ...

Mococa?

Vendrametto Mococa já tinha. Foi uma daquelas que vieram no conjunto das 12 ... Essa falta de planejamento e visão de futuro tanto com a educação como as necessidades do país, esses ajustes de natureza política, esses controles orçamentários abusivos que sempre se colocou em cima da educação é que infelizmente sempre nortearam não só o Paula Souza, mas todo o ensino

do país! É desse jeito e continua. Funciona isso assim, mais ou menos um dente de serra, um gráfico que quando o professor ascende a escola passa a ter um certo grau de consideração, uma expansão, uma melhoria de qualidade. Na primeira crise que nem se avista, mas mostra sinais, os cortes são sempre feitos na educação, lamentavelmente. Desmorona todo um projeto, um processo e começa lá de baixo de novo, até ter outra queda. O Paula Souza viveu muito em consequência disso. Eu assumi o Paula Souza em 1987 e meu mandato foi até 1991. Eu encontrei o Paula Souza nessa situação, com 12 escolas técnicas, se não me engano, quatro FATEC's na época. Eu acabei criando duas escolas técnicas, e uma é a escola técnica de São Paulo, onde funciona dentro da própria FATEC São Paulo, isso devido ao meu horror em observar o pátio interno, o vazio da instituição, especialmente nas partes da manhã. Eu, particularmente, entendo que foi um sucesso de natureza administrativa, consegui melhorar bastante o orçamento, inclusive em termos de salário para professores e de obras. O Paula Souza nunca tinha tido recurso para coisa nenhuma! A FATEC São Paulo funcionava nos prédios da antiga Politécnica, cujas construções mais recentes tinham pelo menos 30 anos! A parte interna tinha um conjunto de barracões, inclusive teve que abrigar o ouro para a Revolução Constitucionalista de São Paulo, comido de cupim, vez por outra desabava telhado, não foram adaptados para sala de aula! Enfim, aquilo era um horror, não tinha instalação para a prática esportiva e tudo mais. De alguma forma eu consegui recursos, foram feitas mudanças que deram uma certa dignidade para a instituição. Tem um ginásio de esportes que eu considero que foi um pouco exagerado, mas como eu me baseava em boas orientações dos meus professores da área civil), com larga experiência de mercado eu acabei aceitando. O projeto foi praticamente deles e até eu fiquei muito orgulhoso. Os prédios da sala de aula deram uma certa dignidade para o ambiente, estava perigoso, podendo ocorrer um desabamento, como de fato aconteceu. A sorte é que foi quando não havia alunos e, acabamos também fazendo uma reforma do prédio, que depois se transformou numa escola técnica durante o dia. Tudo aconteceu em termos de realização administrativa, uma visão política da educação. Eu entendia que já tinha algumas escolas técnicas, talvez devesse ter mais, mas dentro do padrão, eu diria inferior daquelas 12 iniciais dos recursos que elas tinham e, ainda assim, superior das escolas que pertenciam à rede. O desinteresse tanto por parte da

secretaria como o tratamento que sempre se deu a formação – o que é profundamente lamentável, parece que o futuro do país não depende disso - os números das escolas técnicas que pertenciam à rede é um número exorbitante, em torno de 200 escolas. Essas escolas, uma boa parte delas, os alunos que terminavam se transformavam em professores, muitas delas, eram escolas que utilizadas mais como um abrigo para crianças, para jovens, adolescentes no caso, porque os pais tinham dificuldades, não tinham recursos. Funcionava como se fosse um internato, porque eles moravam na escola, eles comiam, tinham um grau de instrução, especialmente as agrícolas. Das visitas que eu fiz posteriormente, eu já não era mais superintendente, participei de uma comissão da Secretaria de Ciência e Tecnologia, estava incumbido de fazer um levantamento, tinham diversas escolas que não tinham um cidadão, uma família cujos alunos, nenhum deles, vinham de famílias que moravam no Estado de São Paulo. Na verdade, era uma segregação, um pai não queria mais o filho ou o filho queria novas aventuras ou o pai não tinha condições de dar o tratamento, criar os filhos conforme desejava e ele encontrava um lugar desse! As escolas foram se deteriorando de uma tal forma que não havia concursos, e, se tinha, não havia interessados. Se pagava tão pouco que um aluno se formava nessa escola e se tornava professor, a coisa ficou extremamente degradada. E, de repente, um outro governo, o Fleury, essas escolas foram rapidamente jogadas para dentro do Centro Paula Souza, da mesma forma! Ela já tinha um orçamento irrisório, acredito que não houve melhoria nesse orçamento, eu já não era mais superintendente nessa época. Certamente teria discutido, se eu estivesse na Superintendência, se essa exigência fosse feita durante a minha gestão. Foi praticamente enfiado "goela adentro", e transformou aquilo num negócio inadministrável. Essa é minha visão posterior. Hoje, provavelmente ela esteja mais bem estruturada. Estou afastado há muito tempo, as estruturas passam por um interesse político, invulgar, foi usada exacerbadamente por todos os nossos ex-governadores e provavelmente o atual irá fazer isso logo, quando descobrir o potencial dessas escolas técnicas, das faculdades criadas. Não pode permanecer assim, sem quadro na prefeitura, um prédio velho lá caindo aos pedaços, faz-se uma adaptação e dá três funcionários para fazer a limpeza... Na verdade, a escola acaba não se caracterizando como um ambiente que ofereça, que seja agradável para o aluno, para o professor.

O que o senhor se lembra da ETEC DANS?

Vendrametto: Calma, eu vou chegar lá!

OK.

Vendrametto: O motivo pelo qual o Paula Souza foi criado, as injunções que acabaram acontecendo, quer dizer, o governo, ao invés de dar uma estrutura de crescimento, como aconteceu em outros países, cujas instituições cresceram. As *Führerschein*, da Alemanha, têm mais alunos do que as faculdades tradicionais hoje. Nessa época da minha vida, na minha gestão, eu acho que a escola de Taquaritinga ela tem alguns méritos. A teimosia e a garra, acabaram se sobrepondo à uma visão de que existe alguns quesitos que deveriam ser cumpridos anteriormente para que isso ocorresse. Eu me lembro da paciência Célia, eram três...

A Célia, a Maria Bertati [...]

Vendrametto: Não, eram três [...] era o Lázaro. Eu me admirava! São Paulo tem seus condicionamentos climáticos e, para quem não vive aqui - aliás para quem vive também já é difícil - as manhãs frias, geladas, o pessoal embarcar, viajava a noite inteira e chegava antes do que eu lá no Paula Souza. A escola tinha sido construída, muito bonita, pela Secretaria da Educação, e, dentro dos seus planejamentos, imagino que não devia ter tido nenhum, porque a escola tinha sido construída e não tinha aluno, uma escola abandonada. Em função disso, acharam interessante conhecer o Paula Souza e que essa fosse uma escola do Paula Souza. Isso está dentro do que eu citei. Deveria ter uma expansão das escolas técnicas, tentando se aproximar do padrão daquelas 12, e não do padrão daquelas 200 e tantas que a Secretaria da Educação tinha. Eles também enxergavam isso, provavelmente. A preocupação deles talvez fosse essa, uma escola propedêutica e, portanto, uma escola que não se previa oficinas, laboratórios, espaços para equipamentos, que fossem usados numa escola técnica necessitaria ter uma adaptação. Havia algumas exigências, eu tive algumas lutas, algumas eu obtive sucesso, outras nem tanto. Uma delas era para ter regularizado o patrimônio do Centro Paula Souza. Todas as escolas do Centro Paula Souza, tinham sido engajadas na instituição, mas não de forma regular, então eram, mas não eram do Paula Souza. Por quê? As escrituras que

pertenciam ao Centro Paula Souza, que era uma autarquia, era o documento que concedia autorização de uso, uma espécie de comodato, pela secretaria da educação, no caso pela USP, de parte dos prédios ali, que eram da Politécnica. Aquilo era um verdadeiro inferno! A tentativa era regularizar todos, eu falei: "bom, esse que vai chegar vamos dar um jeito." Eu sei que eles fizeram, devem ter transformado o setor de patrimônio da Secretaria da Educação num inferno, convencendo um e outro a transferência para o Paula Souza. Tentamos seguir o padrão: as escolas tinham um formato, os currículos adaptados e, dentro do que tínhamos e pela experiência, averiguamos qual seria mais adequado para se instalar em Taquaritinga. Paulatinamente, a escola foi sendo instalada e criada por eles, primeiro um curso, depois vieram outros e, enfim, a escola ganhou um espaço dentro da cidade. Fiz algumas visitas lá e havia uma movimentação, a Célia, o Lázaro, e a outra cujo nome não me recordo, se tornaram funcionários do Paula Souza.

A Célia continua trabalhando ...

Vendrametto: A Célia foi indicada como diretora colocando a escola em funcionamento. Talvez pela formação pertinácia, experiência no setor público não me dava sossego! Apesar dos recursos serem poucos, cada hora eles queriam alguma coisa nova! Faziam muito bem esse tipo de política, de exigência! Eu diria que, se essa escola ela não teve o padrão daquelas 12 anteriores, ela também não foi igual aquelas da Secretaria da Educação. Um padrão, um índice de procura inicial muito alto, até políciei em parte a exigência da formação propedêutica, não do técnico, apenas práticos sem cultura, sem condições de interpretar, sem nenhum tipo de norma, sem manual, coisa do tipo. Nossos currículos sempre gozaram de um certo privilégio. É uma época de formação extremamente importante na adolescência, se você não contempla essa fase, você pode até estar formando um técnico qualificado naqueles dias, mas ele vai ter dificuldade sérias de adaptação com as mudanças que estão ocorrendo cada vez mais sérias. O equipamento que é manual daqui uns dias é automatizado, ou é totalmente digitalizado, ou ele é controlado à distância e esse que foi formado apenas e tão somente na manipulação, ele vai fazer o quê? Então, isso sempre foi uma preocupação no currículo do Centro Paula Souza, nas escolas isso foi muito levado a sério. Ao menos na minha época eu

fiz questão de que isso constasse nos currículos, essas exigências e tudo mais. Então, a história do Paula Souza, talvez especificamente lá de Taquaritinga foi um acidente bravo! Eu estava contando o caso da FATEC São Paulo que, devido ao tempo, estavam desabando parte dos prédios. No caso de Taquaritinga também, um prédio novo de repente dá uma chuva de vento, derruba, destrói os telhados, foi uma catástrofe! Os recursos eram relativamente poucos, no entanto, de repente tem que conseguir recursos ou deslocar para atender uma coisa que era totalmente inesperada, principalmente porque o prédio era novo! Para uma inspeção visual, parecia tudo muito ótimo, mas como eu não estava lá, eu não sabia o tamanho da chuva e do vento para ter provocado todo aquele estrago, mas esse foi um dos fatos interessantes que aconteceu lá. Eu diria que a escola de Taquaritinga foi uma conquista do pessoal de Taquaritinga, particularmente dos três que nós estamos comentando aqui. Eu não me recordo qual foi o período, mas eu imagino que isso tenha levado mais de um ano. Eu diria que o intervalo maior que eles não tiveram chegava a 15 dias! Podia esperar, ou era toda semana ou no máximo a cada 15 dias estava o pessoal: “o senhor pediu isso e fomos no palácio e falamos com não sei quem que está tomando essa providência, olha, aquele pedido já está sendo feito e aconteceu isso, isso, aquilo”. Impressionante a paciência, eu diria sim um certo grau de teimosia no sentido positivo, fantástico daquela gente. Impressiona...

Hoje é uma escola referência ...

Vendrametto: Eu fico contente.

Ela cresceu muito, muito mesmo. Ela abrange hoje 14, 15 cidades da região e temos um aluno que está fazendo medicina na UFSCar...

Vendrametto: Pelo jeito está indo no caminho que eu falei anteriormente, se qualifica tanto o aluno que ele não vai querer ser técnico mais. Eu acho razoável, acho que é isso mesmo, ingressos na pesquisa ...

Temos muitos professores que são egressos, que se formaram, fizeram nível superior e hoje são docentes. Outros seguiram carreira fora ou dentro do curso técnico, mas ela cresceu gigantemente nesses 30 anos de ETEC...

Vendrametto: Essa foi uma outra coisa com a minha experiência na FATEC como professor, eu não sei se teve outro, mas talvez eu tenho sido um

dos poucos. O Elias também era professor, acho que fomos só nós dois. Então, fomos professores da instituição, assumimos a superintendência e, no meu caso, eu voltei a dar aulas normalmente quando acabou o meu mandato. Eu voltei para a sala de aula, uma semana depois de terminar o meu mandato eu estava dando aulas como fazia. A minha visão, na época a respeito, que uma instituição que se chama Faculdade de Tecnologia ela tem que desenvolver tecnologia, não pode ficar apenas no treinamento, na qualificação de pessoas para se utilizar daquilo que já é tradicional dentro do mercado e, muitas coisas, inclusive, superadas. A visão, tanto do brasileiro, a visão intelectual, a visão escolar não permite que a grande parte da massa tenha um mínimo de visão do que isso significa. Eu confesso que aprendi muito dentro da superintendência, inclusive com muitas viagens que eu acabei fazendo e tive alguns esforços para tentar colocar pesquisa dentro do Paula Souza. Foi dramático porque, grande parte do pessoal, a FATEC eliciava o pessoal do mercado de trabalho e não professor com formação acadêmica. Isso foi trazendo uma distorção para instituição que era extremamente dolorosa, quando se pensa em termos de formação. O pessoal tinha como único referencial a produtividade industrial, digamos assim, porque grande parte era da indústria. Então, não era para qualificar, para formar o ser humano, mas como um homem que iria passar algumas horas realizando um trabalho. Quanto melhor, mais rápido e com mais perfeição ele fizer mais próximo estará do objetivo do dono da fábrica, mas não de quem está formando gente.

Acredita na unificação entre trabalho e educação?

Vendrametto:

Sim.

Uma educação propedêutica, forte educação junto também com uma educação profissionalizante?

Vendrametto: Eu acho que essa fase já está superada já pertence, do meu ponto de vista, ao passado. Isso é da época colonial, do início da Revolução Industrial. O aristocrata trazia o professor. Nós tivemos aristocracia, trazíamos o italiano para ensinar música, o francês para ensinar dança, ou seja, isso era para os filhos deles. Então, tínhamos uma escola extremamente

propedêutica, basta ver o nosso segundo Imperador que falava 30 línguas, fluentemente 10 línguas mortas, um conhecimento fantástico, mas um grupo relativamente pequeno de séculos atrás. Quando chega a Revolução Industrial, o pessoal sai do campo e não tem formação prática, não tem ideia nenhuma do que seja um trabalho organizado, um trabalho feito na sequência, conjunto de partes, as partes têm que ser somadas para dar um resultado lá no fim, tem que ser medido, tem que respeitar rigidamente um horário porque aquilo está numa linha de montagem. Esse entendimento é muito complicado e daí se formou as escolas para o trabalho. São as escolas técnicas, cuja origem de forma estrutural começa na Alemanha, em mil setecentos e pouco, coisa do tipo, e isso vai evoluindo até que chega o Vale do Silício e quebrou todas essas estruturas. Têm que ser propedêuticos, tem que ter conhecimento de um lado, mas também tem que ter conhecimento técnico! Ficar na escola dando conhecimentos de formação, teóricos e tudo mais, numa velocidade extremamente grande onde as mudanças ocorrem, se corre o risco de estar encaixotando para sempre pessoas que nunca mais vão ter oportunidade, então a melhor coisa é a mescla. Agora, para isso o país tem que ter consciência, o político tem que ter consciência, o professor tem que ter consciência. Na Alemanha, eu estive diversas vezes na Alemanha, eu mandei 50 das FATECs para Alemanha. Confesso que a instituição não tinha estrutura, desses eu posso contar nos dedos aqueles que deram um bom retorno, um professor que foi diretor da FATEC, que teve um desempenho altamente inovador, teve uma professora... Conseguiram aproveitar aquela vivência. Na Alemanha tem um sistema dual que tenta exatamente se complementar. O menino tem a parte propedêutica elevadíssima, não só facilidades que tem em termos de recursos, mas de história e tudo mais e no caso deles pelas proximidades que tem ali. Eu conheci um menino de 12 anos lendo Shakespeare na Alemanha, ele não está aprendendo gramática não, ele está lendo Shakespeare. Eu me hospedei na casa de um professor nas várias vezes que eu fui lá e, acidentalmente me deram o quarto do menino para ficar. Fiquei curioso e observei as coisas do menino. Em termos de matemática, física, algumas coisas eram dadas em faculdades. O menino tinha 12 para 13 anos. Meu Deus do céu! Quando que nós vamos chegar perto dessa gente? E o curso, então ele tem a parte, vamos chamar de propedêutica, numa parte do dia e depois ele frequenta o que seria um curso técnico. Não tem a preocupação de,

digamos, ensinar alemão para o menino, como é que se escreve, interpretar textos de história porque ele já aprendeu isso na escola propedêutica. A parte técnica é feito na fábrica. Casualmente foi uma época de crise que eu estive lá, então uma fábrica de torno, eles tinham em torno de 5000 empregados e foram demitidos 2000. Eles tinham permanentemente 80 alunos então, 40 e 40 - certamente o governo deve ter subsidiado tudo isso – veja a preocupação com a formação, o próprio povo naquilo que ele deseja, que acha importante, o próprio futuro do país. Os professores eram da empresa, os alunos são credenciados obtendo o título. Quando ele se forma, é um negócio interessante de ter essa fábrica. O menino começava com uma lima, limando um pedaço de metal para identificar o que era um metal, saber se aquilo era aço, se aquilo era ferro, se aquilo era um pedaço de cobre e terminava fazendo programação já com automação de manufatura! O aluno tinha todo um conhecimento propedêutico que permitiu a ele chegar nesse ponto. No Brasil, não se constrói de uma forma lógica até porque não se pensa nisso, a nossa incapacidade é tão grande que não se consegue ver mais do que dois ou três anos para frente. E mais, isto feito por um político, quando for substituído, o outro vai fazer questão de destruir tudo isso que está feito para que o nome dele não permaneça, para que ele seja rapidamente destruído. Não adianta sair de uma escola falando latim, francês, grego, sabendo história da humanidade, história do Brasil, história da Europa, geografia, só isso? Não vai ter espaço para encontrar um emprego, dentro desta competitividade maluca que vivemos. Não que esse pessoal não tem importância! Deveriam ter e muita importância, dando melhor qualidade para as escolas! Mas o que oferece para um pobre professor? A Prefeitura de São Paulo, há três anos, fez um concurso para contratar professores que já não tem faz tempo, era de geografia, matemática e outras disciplinas. Pagavam R\$ 2.000,00 por mês por 40 horas. Quem sobrevive com isso? A flanelinha, que fica lavando o para-brisa de carro na esquina tira mais do que isso por mês! Fizeram questão, não é de desmoralizar a função de quem, ou por dom, ou por prazer, ou até para poder sobreviver porque todo mundo tem que sobreviver, pretende se dedicar ao ensino, eles não só destruíram, mas fizeram questão de humilhar. Um professor titular, na universidade federal hoje, e do Estado também, ele vai receber R\$ 9000,00! Um concurso para ser doutor é muito mais, e aí não desmerecendo, acho que todo mundo deveria ganhar razoável, um militar, um

soldado da polícia rodoviária federal ganha mais do que isso! Começamos a comparar e vemos que o país ficou na mão de algumas pessoas para as quais o conhecimento não tem valor nenhum!

Infelizmente...

Vendrametto: E fica aí, isso que a gente está vivendo aí...

[...] não sei se concorda com a minha fala, mas todos eles passaram por um professor, sem conhecimento não tem ciência [...]

Vendrametto: Quando os sistemas são bem estruturados tem uma certa resistência, até uma certa exaustão: ou ele desmorona ou ele cede, ou ele acaba se adaptando, para se manter como sistema ainda e daí, vira um inferno! Hoje camadas sociais são extremamente distintas e as mais sofredoras são a grande maioria, então de repente, a oferta de um trabalho no magistério, apesar do salário ridículo que se paga significa, para muitos dos brasileiros, um grande ganho, uma ascendência social enorme, quer dizer, ele sai do nada e de repente é um professor. Agora, infelizmente, ele não tem a bagagem que se exige para poder ensinar. Nos últimos 30 anos - talvez a gente esteja pagando muito das consequências hoje por conta dessa época - ocorreu sistematicamente a paralisação das escolas, que já tem o número irrisório de aulas por ano, com a paralisação de dois ou três meses. As escolas de primeiro e segundo grau, sistematicamente elas param, um, dois, às vezes até três meses por ano e por oito meses de aula no papel, que não são efetivos. Além disso, algumas festas são consideradas como dia letivo, ou seja, se arruma tantos mecanismos e justificativas que qualquer coisa vale. Essa é uma das grandes diferenças quando eu falo das escolas da Alemanha, é o tipo de formação, ou alemão tem consciência, como eu disse, ou a fábrica vai à falência. Em momento nenhum pensaram em desativar o sistema dual, continuaram recebendo alunos, continuaram dando aquele conteúdo que se propuseram, pôs funcionário na rua, um monte de gente, aquilo que é o futuro deles, o futuro do país. Pena que a gente não tem visão, missão... nós estamos fugindo do que você me perguntou.

O senhor discorreu de alguma forma, tudo que eu iria perguntar, mas todo esse tempo, pelo menos que o senhor esteve na superintendência, teve algum fato que marcou o senhor?

Vendrametto: Teve muitos. Primeiro, talvez a mais profunda delas, foi a reflexão de que o país, com a atual proposta de país é ingovernável. Acho que a nossa própria estrutura política e social, ela é extremamente canhestra, ela é pobre no sentido de proposta para o país. A gente é um país formado, mesclado, de pessoas que vieram aqui porque, por diversos motivos, principalmente pela miséria que passavam os países de que eles são oriundos. Meus avós foram assim, os japoneses que vieram foram pelo mesmo motivo, alemães, enfim, em grupos menores inclusive. De alguma forma, eles vieram e talvez até pela tradição de colônia, não perdeu o espírito de colônia entendeu? Não assumiu, em momento nenhum, o que é um país que tem que ser dono do seu próprio destino e nesse vácuo, alguns se acham que eles são os donos do destino do país. A nossa história, desde a descoberta, os processos de doação de terras, de formação, de tradição passando pelos paulistas, pelos mineiros, os governos de café com leite, as famílias tradicionais, impediram durante muito tempo o avanço educacional. Desde a colônia, o reinado, o império português não permitia isso, impedindo qualquer manufatura. Quando começaram a fazer os teares manualmente, a fazer roupas, aquelas roupas de tecidos de algodão branco normalmente, foram proibidos de fazer. Nem isso podia! Já estava entrando na era do metal, já estava produzindo equipamentos baseados em fundição, em montagens, aquela coisa toda e a gente continuava extraindo o que a terra oferece! E essa mentalidade permaneceu, nenhum sentimento, digamos, de melhoria, é só tirar! É o minério e o plantio. Sofremos solavancos um atrás do outro, sem aprendermos. A classe universitária, por exemplo, é um modelo de desperdício, de malandragens, de safadeza, não diferencia de nenhuma outra, da empresarial, da religiosa, da militar, qualquer uma, não existe um estrato o que você pode dizer "esse pessoal pensa no país, quer melhorias", tem uma proposta boa, então o que acontece? A Revolução Industrial, pode se dizer que começa por volta de 1750 na Áustria, no século XVIII, ela chega para nós em 1950! Em 1948, para ser mais preciso, cria a CSN e usando o dinheiro da população! As pessoas davam anéis e joias! Temos 200, 300 anos de atraso, começa dentro de uma dependência absurda! Primeiro os donos da terra, de alguma forma, não só na forma de minério, mas também da exploração da terra, agropecuária, da própria agricultura, o café, antes o açúcar e depois cachaça. Quando chega pela década de 80, a Colômbia praticamente inova, entope a

produção de café e toma todo o mercado que presta do mundo. O Brasil poderia ser o grande produtor, mas o que realmente traz um retorno bastante bom é o colombiano! Nós somos 30 anos atrasados em relação a Colômbia na produção de café, que era a nossa rubiácea, nosso melhor produto, maior produto de exportação e nós estamos nisso desde 1980, sem melhoria nenhuma. Ou seja, não se investe no conhecimento, na pesquisa, em coisa nenhuma e esse é o maior prejuízo que traz a mentalidade colonial. Com relação ao desenvolvimento industrial que começa realmente como a CSN para valer. Tem uma guerra entre as duas Coreias. A Coreia do Sul é menor do que a metade do Estado de São Paulo, não tem terra, não tem produto agrícola, não tem minério algum, não tem petróleo, não tem o que tirar daquilo, decide que tem que comprar matéria-prima e transformar de qualidade e concorrer no mundo. Eles têm a Hyundai, é dessa época, isso começa praticamente em 1953, as duas Coreias fizeram a guerra, destrói aproximadamente 30, 40% da força de trabalho. É um país pequeno, mas tem noção, nós queremos fazer um país! Começa aí produzindo tecidos, depois começa a produzir equipamentos para usinas nucleares, depois começa a produzir equipamentos digitais e confronta com o mundo. E a gente continua aí... Traz alemão, ele vai trabalhar para nós, vai fazer carro para nós, nós somos ricos, podre de ricos. O alemão vem, o americano já estava aqui e começou a ampliar um pouco, o francês e com isso acabaram com toda a possibilidade de pesquisa no país, no Brasil. Isso se transformou no carro chefe da economia. Se todo mundo, as escolas, as faculdades principalmente, os técnicos vão se formar para trabalhar para essa gente... A Uml, que é a cidade do Einstein, tem uma indústria de autopeças que andou comprando uma porção delas aqui no Brasil, e tem lá 4.000 pesquisadores. O que fabricam são coisas antigas, já estão sendo inovadas no país de origem, sucata que eles deixaram de fazer a muito tempo. Daí vem a inovação, ou se põe trava elétrica na frente do carro e maçaneta atrás, aqui ainda tem fábrica de maçanetas! Essa é a grande inovação tecnológica nossa! E não adianta porque, esperar que o Estado tenha recursos para pagar pesquisa não vai ter nunca! Uma empresa dessa, investe, eu fazia uma comparação nos estudos que eu tinha, a Intel, isso em 98, ela aplicava em pesquisa mais do que o Brasil em uma empresa Americana. Como é que você vai concorrer? Não tem jeito, nós vamos ficar com a sucata sempre, ser produtor de matéria-prima e o conhecimento, é isso o que a gente conversou até agora,

não tem valor nenhum! Isso é dramático, temos que mudar essa visão, não dá para ficar nisso, acho que as escolas só têm um caminho: a escola. Se pensar que as suas ideias são as melhores e vai querer impor as suas ideias via força, provavelmente não dará certo. Esse negócio de ficar como satélite subserviente de outros países é a maior vergonha, é só exploração, só se rebaixa perante eles e eles não nos dão nada em troca. Eles cobram por qualquer coisa, é muito caro, é diferenciado quando se compara com aquilo que a gente tem para fazer a troca. Então, é característico, o país tem que ser mantido do jeito que está, com analfabetos, crises internas, dificuldades, miséria e o pior de tudo é quando, dentro do próprio país, não se cresce o suficiente, tendo um mínimo de dignidade e se lutar contra isso. Parece que é uma aceitação passiva de tudo isso, aí a coisa fica altamente comprometida. O caminho realmente é a escola, escola boa, isso leva muito tempo, é de geração, é um processo de melhoria contínua e lenta. Como eu disse, os interesses são muito altos. Se não há conscientização, o entendimento de que a mudança para melhor não interessa para o povo, enquanto a grande maioria não entender isso, o que vai valer é a valentia, é a esperteza que muito vale aqui. Está se discutindo a lei tributária, e a maior parte, se for procurar, está vinculado a empresas que não recolhem impostos. Na reforma da Previdência Social, a grande parte deles e da família deles, já estão aposentados com seus quarenta e poucos anos com salários superiores aos salários pagos para quem está na ativa em determinadas funções do governo, que 20% desse pessoal leva 80% da arrecadação.

Alguma coisa a dizer sobre o Centro Paula Souza?

Vendrametto: Não, o Centro Paula Souza foi revolucionário na sua época, houve uma proposta, como eu disse, nasceu aí de fórceps, não foi um nascimento normal, que como grande parte das iniciativas elas se perdem com o tempo. Eu entendo que o Paula Souza, até por ser na época uma instituição menor, governável digamos assim, pelo tamanho e pela liberdade que teve de escolha procurou um tipo de pessoal que foi extremamente importante no qual se escorou nisso, mas não podia ter ficado nisso, não caminhou, não avançou, o objetivo era o que? Era formar uma gente qualificada para trabalhar na indústria, agora a instituição tem que entender que há uma evolução nos processos de produção dos materiais, uma evolução no desenvolvimento de

equipamentos e de máquinas, que é uma instituição que pretende favorecer o desenvolvimento de tecnologia. De alguma forma tem que desenvolver o conhecimento e não só ficar treinando pessoas para trabalhar no que existe!

Figura 2 - Rosa Maria Ellero Zulliani.



Fonte: Redes Sociais.

B - Rosa Maria Zuliani, diretora da ETEC DANS

Rosa Maria Ellero Zuliani é natural de Itápolis, descendente de italianos. Graduada e licenciada em Enfermagem pela UFSCar, o início de sua carreira foi no Senac, Araraquara. Posteriormente, foi contratada pela Santa Casa de sua cidade natal, atuando concomitantemente entre saúde e educação.

Em 2000 realiza concurso para docência na ETEC DANS atuando nesta função até 2004. Posteriormente, assume a coordenação do curso de enfermagem e, em 2088, retorna para a docência. Retorna para a coordenação de curso entre 2009 e 2012, quando assume a direção da ETEC DANS até a presente data.

A entrevista ocorreu na ETEC DANS, num ambiente amigável e acolhedor. A entrevistada se dispôs a auxiliar tanto quanto lhe fosse possível, inclusive com total acessibilidade ao acervo da Unidade Escolar. O relato

transcorreu sobre forte emoção, de ambas as partes, rememorando tempos de trabalho e dedicação. O encontro ocorreu na ETEC DANS, Taquaritinga, em 04.04.19.

Entrevista

Rosa Maria Ellero Zuliani: Eu não sou daqui de Taquaritinga. Eu sou natural de Itápolis. A minha profissão de origem é a enfermeira e o meu ingresso aqui na ETEC aconteceu na área da enfermagem. Eu prestei concurso para docência na área da enfermagem em 2000 e eu fui contratada em agosto. Até 2004 eu fui docente, em 2004 assumi a coordenação do curso de enfermagem até 2008. Em 2008 eu voltei para docência e, 2009 eu voltei para a coordenação do curso e fiquei até julho de 2012 quando então eu fui nomeada na direção da escola.

Oliveira: Como que foi a escolha da ETEC DANS, por esta instituição, para estar ensinando, entrando [...]

Zulliani: Quando eu fiz a graduação na enfermagem na UFSCar, era oferecido para gente a licenciatura em enfermagem e eu fiz. Na época eu não sabia nem o que significava isso. Foi por orientação da minha mãe, a minha mãe era professora, então ela falou assim para mim: faz que a gente nunca sabe o dia de amanhã, eu fiz e licenciatura que era oferecida pela UFSCar, na época da graduação e, aí tomei o primeiro emprego como enfermeira inclusive, foi no Senac em Araraquara porque eu tinha e licenciatura, eu era uma das poucas enfermeiras na época que tinha licenciatura, então meu primeiro emprego na verdade foi no Senac, dando aula no Senac. Eles abriram um curso em Itápolis, que é a minha cidade e me puseram lá como professora. Aí eu fui conhecida pela Santa Casa, eles me contrataram, mas como eu tinha licenciatura, sempre concomitantemente eu trabalhava na enfermagem e lecionava. Porque na época tinha na escola estadual Doutor Antônio de Moraes Barros, em Itápolis, o curso técnico em enfermagem era pela secretaria de educação e eu consegui aulas por ter licenciatura, então eu trabalhava nos dois locais. E aí sempre me encantou a licenciatura, à docência e eu fui investindo, fazendo cursos na área. Havia muitas oportunidades por eu ter licenciatura, tanto que logo que eu entrei na ETEC. Eu fiquei muito bem classificada na pontuação docente, primeiro por

ter licenciatura. Hoje as enfermeiras praticamente todas tem licenciatura porque é um campo de trabalho à docência na enfermagem. Por isso que eu acabei vindo, eu tinha uma enfermeira amiga minha aqui em Taquaritinga, que me falou que ia ter esse concurso, e eu vim, fui assim recebida de braços abertos pela Celinha. Não me sai da lembrança que eu estava entrando na ETEC, ela veio de encontro a mim e falou: “veio fazer o concurso? Vim, de enfermagem”. Ela me deu as boas-vindas, eu nem tinha feito a prova ainda. Eu passei, estou aqui, mas eu não conhecia a instituição, eu vim por indicação de uma colega, que morava aqui em Taquaritinga e falou para mim que ia ter o concurso. Eu vim fazer, eu não conhecia instituição [...]

[...] e pelo jeito [...]

Zulliani: Fiquei apaixonada!!

Eu gostaria de saber, nesses 20 anos que a senhora me disse que está, como foram as mudanças, as matrizes curriculares, o perfil do aluno?

Zulliani: Pois é, o perfil do aluno, acho que é o que mais mudou. Quando eu entrei aqui, e na minha experiência anterior, também na docência, antes quem procurava o curso de enfermagem eram pessoas de mais idade, não, não, idosas. Não é isso. Não eram assim, jovens que estavam saindo do ensino médio você entendeu? Por que na história da enfermagem o que que aconteceu? Existe a categoria de atendente de enfermagem, auxiliar de enfermagem, técnico em enfermagem e um enfermeiro graduado, aí saiu uma lei que não podia mais exercer a profissão o atendente, então houve um movimento muito grande para qualificação desses atendentes em auxiliares e técnicos para que eles pudessem continuar exercendo a profissão. Então quem vinham procurar os cursos de enfermagem, eram pessoas que já trabalhavam na enfermagem e que precisavam de uma qualificação para continuar trabalhando. Hoje não, hoje embora o aluno da enfermagem tenha que ter 18 anos completos para fazer o curso, ele ainda é muito jovem, ele está saindo da escola, do ensino médio. Então perfil da enfermagem, na enfermagem, mudou completamente, do aluno. Em termos de matriz curricular o que eu acho bastante interessante no Centro Paula Souza é que sempre eles estão alterando, estudando as matrizes, adequando as matrizes através do laboratório de currículo constantemente. Em

2011, inclusive eu tive oportunidade de participar de um laboratório de currículo de enfermagem que é a matriz que prevalece até hoje, está sendo mudada, a notícia que eu tenho aqui é que provavelmente 2020 essa, essa matriz será alterada. Mas eu tive assim, honra, porque foi muito gratificante participar da construção dessa matriz, desse laboratório de currículo, e não é só com a enfermagem que acontece isso, com todos os cursos de todas todos os eixos tecnológicos, existe essa, essa adequação de matriz curricular de acordo com o perfil, né do que o mercado espera do profissional que a gente vai colocar no mercado de trabalho.

Relatou algo relevante, que é o perfil do profissional que nós vamos colocar no mercado de trabalho, existe uma ponte, porque nós sabemos que o Centro Paula Souza, ele é uma escola profissionalizante. Existe uma ponte entre trabalho e educação?

Zulliani: Tem que existir. Então eu não acho ela seja evidente, não é todo mundo que enxerga que existe essa ponte. Na verdade, quem tem que atravessar essa ponte primeiro é a escola porque o mercado, a indústria, a empresa, nem todos, não podemos generalizar, nem todos enxergam essa ponte. Então quem tem que se aproximar do mercado somos nós, nós que temos que procurar a empresa, nós é que temos que procurar indústria e perguntar o que eles estão precisando e mesmo tendo que seguir uma matriz curricular específica, a gente pode adequar a matriz para nossa necessidade regional. A necessidade de mão-de-obra de Taquaritinga, claro, que não é a mesma da capital, de São Paulo, cidade de São Paulo. Temos a liberdade, e tem que ter esse compromisso, de adequar para a necessidade local. Se nós não transpusermos essa ponte, nós não podemos esperar que o empresário venha até nós, nós é que temos que ir, tem que existir esse elo, por mais sutil que ele seja ele tem que existir.

Neste tempo que a senhora está, como é a relação entre professores, alunos e comunidade? Como a ETEC é vista por todos?

Zulliani: Eu fico muito feliz quando, quando tem Websai, que é o sistema de avaliação institucional, a primeira pergunta que eu vou quando sai o resultado é ver a satisfação do aluno em relação ao curso que ele faz e em relação a escola

e, graças a Deus, está lá, comprovado o aluno responde que ele ama escola, que ele gosta da escola, que ele gosta do curso que ele faz, então isso, é um *feedback* muito bom para nós. Agora eu acho que nós, enquanto ETEC Doutor Adail dentro da cidade de Taquaritinga, temos um reconhecimento muito bom na cidade. Nós temos alunos de escola particular, cujo pais nos procuram para trazer-los para cá, porque acredita na formação que a gente dá, principalmente para aquele aluno que vai fazer um vestibular. E nós temos muitos alunos que saem do nosso ensino médio que agora é ETIM, porque agora em todas as classes já são integradas, saí direto para faculdade, nós temos esse um aluno que passou em primeiro lugar na USP em Ribeirão Preto em odontologia, portanto, temos qualidade de ensino. A relação aluno e professor eu acho que é normal, é perfeitamente normal acontece, corre tudo muito bem. É claro que de vez em quando existem alguns probleminhas, mas nada que há a necessidade de maiores intervenções. E o nosso relacionamento na cidade também. Olha, eu fico às vezes fico admirada que, como eu não sou daqui, às vezes eu não conheço as pessoas e as pessoas me conhecem porque eu sou diretora da ETEC. Então eu acho que a escola se fez na cidade.

Nesse segmento de raciocínio da senhora, eu ousaria dizer que a instituição se fez na cidade e eu penso, observando, que se fez na região?

Zulliani: Na região, porque nós temos alunos de Borborema, Ibitinga, Sertãozinho, Guariba, temos alunos da região toda. Nós temos ETEC em Monte Alto, nós temos em Guariba, nós temos a ETEC em Ibitinga, nós temos ETEC em Matão, temos alguns alunos que vem de lá para cá. É claro que buscando a formação daqueles curso que são oferecidos aqui e não tem na cidade de origem deles, mas se você for pensar até em questão de financeira, de poder aquisitivo o mais lógico seria pensar que ele iria fazer o curso que ele tem mais facilidade na cidade dele, que está sendo oferecido ali, ele não precisa de um transporte, não precisa pegar a estrada todo dia, é mais rápido chegar em casa. Nós temos alunos que nos falam que eles chegam em casa meia-noite e meia, uma hora da manhã e no outro dia cedinho tem que trabalhar e temos alunos que vêm para o período da manhã que as aulas iniciam às 7:10 que saem de casa 5:30 da manhã, enquanto tem ETEC na cidade deles.

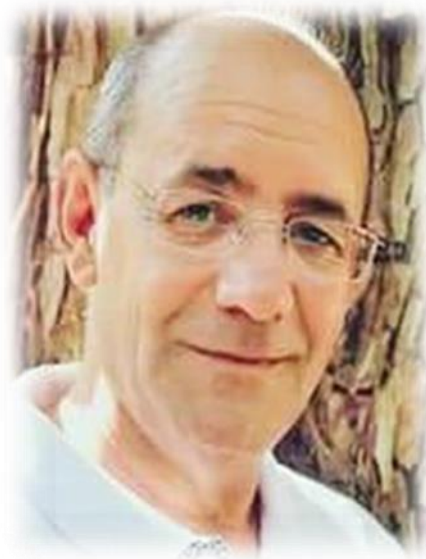
Qual o significado, na percepção da senhora, desse período da ETEC? Qual o significado dessa experiência seja como docente, seja na direção?

Zulliani: O que a gente faz numa na escola? Aprende, eu só aprendi, a escola foi uma escola para mim. Então o meu crescimento profissional aqui dentro foi maravilhoso, primeiro que jamais eu imaginei que eu ia chegar na gestão de uma escola, embora eu tenha feito uma especialização em administração hospitalar, eu nunca cheguei a pensar na administração escolar e aprendi muito. Eu só aprendi aqui dentro!

Gostaria de dizer mais alguma coisa que complementasse esse encontro?

Zulliani: Eu gostaria de registrar, eu quero registrar sim, que eu gosto demais o que está acontecendo. Eu acho que a história da escola tem que vir à tona, porque se você perguntar para mim, assim detalhes da história, eu não sei eu sei, a história que eu vi nos documentos que eu tenho aqui, e a história que eu ouço contar, então eu tenho uma sede de ver esse trabalho seu concluído.

Figura 3 - Valmir Hilário Pureza.



Fonte: Redes Sociais.

C - Valmir Hilário Pureza, ex-diretor

Valmir Hilário Pureza, natural de Taquaritinga, São Paulo, é descendente de italianos e, motivado pelo tio e pela avó materna, abraçou a carreira na área da educação.

Aos 13 anos de idade começou a trabalhar e, durante 22 anos integrou o quadro de colaboradores da empresa S/A Stefanni Comercial, cuja matriz está localizada em Jaboticabal, com filial em Taquaritinga. Devido aos rendimentos de seu trabalho, cursou a graduação em Letras, na Faculdade São Luís de Jaboticabal.

Em 1998 foi aprovado no concurso da Secretaria Estadual de Educação e, neste mesmo ano, ingressou no Centro Paula Souza, na ETEC Silvio de Matos Carvalho, na cidade de Matão.

Em 2004, prestou concurso para diretor do Centro Paula Souza, com aprovação. Esteve à frente da direção entre 2004 até 2012. Em sua gestão

houve reformas significativas, como o refeitório, rampa para deficientes, ampliação das salas de aulas, manutenção do mobiliário bem como cobertura da quadra poliesportiva, que se iniciou em sua gestão e se finalizou na seguinte.

Criou, junto com sua equipe, ETEC de Bebedouro, a ETEC de Monte Alto, a ETEC de Guariba e a Extensão 9 de Julho.

O entrevistado foi receptivo ao convite e pronto a colaborar na investigação. A entrevista ocorreu na ETEC DANS, sem maiores intercorrências. O clima foi positivo, lembrando momentos ora de alegria, ora de farta emotividade. O encontro ocorreu na ETEC DANS, Taquaritinga, em 10.04.19.

Entrevista

Oliveira: Gostaria de solicitar seu depoimento sobre o seu ingresso na ETEC DANS, a entrada como professor e, posteriormente, como diretor da ETEC?

Valmir Hilário Pureza: Minha mãe é de origem italiana, meu avô paterno é italiano e minha avó espanhola, por parte de pai pode-se dizer que são brasileiros, uma vez que meus bisavôs vieram de Minas Gerais. A minha avó paterna, origem italiana e o meu avô, pode-se dizer, brasileiro. Eu estudei em escola pública a minha vida todinha, por vontade do meu pai eu iria trabalhar após o quarto ano primário, mas por vontade de um tio, de minha avó materna, eu fui estudar. Com isso, eles arcaram com as despesas desde o calçado, as meias, o cinto, o uniforme e materiais. Eu fui aluno que aguardava os livros chegarem, para que depois chegasse até mim e, aos 13 anos de idade, eu comecei a trabalhar, foram 22 anos na empresa, na firma S/A Stefanni Comercial, a matriz em Jaboticabal, filial em Taquaritinga e, eu devo isto a minha possibilidade de ter cursado Letras, na Faculdade São Luís de Jaboticabal. Eu praticamente trabalhava para pagar o transporte até lá, e a mensalidade da faculdade, mais foi com isso que eu cursei letras, português e inglês. Em 95 deixei a Stefanni e fui lecionar, a espera de um concurso público, que só surgiu em 96, e eu fui aprovado, o resultado saiu em 98. O ano de 98 decisivo na minha

carreira enquanto educação, eu fui aprovado num concurso da Secretaria de Educação. Fui aprovado num concurso que eu fiz em Barretos para o ingresso no Paula Souza, e devo à isso à professora Ivone Ferioli, diretora da ETEC de Matão. E quando eu prestei, para a Rafael Brandão, eu fiquei em segundo lugar, e esse concurso estava para caducar, e quatro dias antes, ela, o professor de português da ETEC Sylvio de Mattos Carvalho, de Matão, deixou a escola, e dona Ivone então, varreu as ETECs da região, para saber se havia um concurso de professores, concursados, que poderiam assumir essas aulas, e ela viu o meu nome, que estava em segundo lugar lá, em Barretos. Imediatamente ela consultou o Centro Paula Souza e ela foi autorizada a me convocar. Eu fui para Matão no dia primeiro de março, depois do carnaval, o meu prontuário estava toda aqui na ETEC Doutor Adail Nunes da Silva, que eu havia trabalhado quatro meses, substituindo um professor no doutorado, e por concurso também, eu estava no cadastro, de maneira que tudo isso aconteceu assim, relâmpago, e no dia quatro de março de 98 eu ingressei no Centro Paula Souza, na ETEC Silvio de Matos Carvalho, na cidade de Matão. Ao mesmo tempo, esse ano também eu prestei um concurso para diretor da Prefeitura Municipal de Taquaritinga, e fui aprovado em quinto lugar. Então eu tinha três escolhas: Secretaria da Educação, Prefeitura Municipal de Taquaritinga e Centro Paula Souza. Eu não sei por que razão, eu optei pela secretaria da educação e esse ano eu estou completando aí 29 anos de exercício, e o Centro Paula Souza. Então eu fui para Matão, no quatro de março de 98, e só em 99 que eu consegui ampliar as minhas aulas, na ETEC Doutor Nunes da Silva, em Taquaritinga. Eu viajei durante seis anos para Matão, no período da manhã e lecionava à tarde no estado. Eu só consegui ampliar para a ETEC Dr. Adail Nunes da Silva em 99. Até 2004, eu prestei o concurso para diretor, diretor do Centro Paula Souza, fui aprovado e eu não quis concorrer com nenhuma das minhas diretoras, em consideração e respeito. Eu fui concorrer em Ilha Solteira, não sei por que razão atravessei o estado, num ônibus, e concorri em Ilha Solteira, e lá fiquei em segundo lugar também. Eu prestei outro concurso, em 2003, neste eu fui aprovado, estava vencendo o mandato tanto da dona Ivone quanto da professora Célia, e eu então me inscrevi, foi muito difícil, ao mesmo tempo, estourou uma greve na FATEC, os alunos da ETEC foram solidários. No dia da eleição, vieram professores e funcionários, mas não vieram alunos. Os alunos não foram convocados, estavam

em greve e ninguém os convocou, de maneira que não houve quórum, por que é que funciona como é que funciona isso? Nós temos que ter 50% mais um de professores, alunos e funcionários, de maneira que a eleição aconteceu e, não teve o quórum, a professora Célia permaneceria pró tempore por mais dois anos. Quando foi em maio ou junho, o Centro Paula Souza remarcou uma nova eleição para o mês de junho, a metade de junho e aí sim, havia alunos, professores e funcionários e eu fui, na lista tríplice, em primeiro lugar, e a professora Laura me designou diretor do Centro Paula Souza, da ETEC Doutor Adail Nunes da Silva. Eu tomei posse no dia 15 de julho de 2004. E permaneci diretor até 2008, montei uma equipe a qual conseguimos muitas coisas junto ao Centro Paula Souza, mas essa equipe se diluiu em 2008. Houve um novo concurso, houve uma nova eleição, e as pessoas que estavam comigo, acreditaram que seria possível competir, e era um direito e, competiram, perderam, de maneira que eu fui reconduzido em 2008 até 2012, foi preciso restabelecer, formar uma nova equipe, para dar continuidade àquilo que pretendíamos para atingir as metas propostas, mas foi muito doloroso, foi difícil, eu vim a enfartar no dia 31 de julho. Fiquei ausente por dois meses da escola, quando eu voltei, eu tive que criar novamente uma equipe para seguir até 2014. Em 2014, em 2013 houve um programa Centro Paula Souza junto com o Governo do Estado de São Paulo de criar ETEC em alguns municípios. Criamos a ETEC de Bebedouro, a ETEC de Monte Alto, a ETEC de Guariba e graças à equipe que nós montamos, conseguimos né, fazer tudo isso. A ETEC de Bebedouro, esse projeto começou pouco antes de 2008, acredito que em 2006, foram muitas as idas e vindas a Bebedouro, depois Monte Alto e depois Guariba. Em Guariba e Monte Alto já tinham salas descentralizadas, foi mais fácil implantar ETECs, e Bebedouro, pela distância, nós tivemos que dividir uma escola tradicional da cidade, houve passeata, não queriam a implantação da ETEC, quer dizer, não a implantação da ETEC, não queriam a divisão da escola. A escola era tradicional. Conseguimos também implantar as salas descentralizadas da Escola Estadual 9 de Julho, foi um período de muito trabalho e lecionando a tarde, gerenciando a ETEC de manhã e noite, mas sempre contei com o corpo docente, com a equipe pedagógica, e sem o qual eu não teria realizado tudo que fizemos e, sem o Centro Paula Souza. Foi um período bastante frutífero, com que as ETECs vivenciaram de 2008 a 2012.

Poderia contar sobre a infraestrutura da escola, de quando o senhor começou e o que é hoje? Qual é a visão da sociedade de Taquaritinga e da região?

Pureza: Essa escola foi construída para que ela recebesse o ginásio da escola industrial de Taquaritinga, mas por uma questão de mudanças, ela ficou ociosa por dois anos. Num determinado momento, o Governo do Estado ofereceu a Taquaritinga uma escola técnica, nós somos a segunda escola técnica do Estado de São Paulo e o empenho de um grupo de professores e professoras, fez com que o prefeito, ele foi muito generoso, disse: “olha, vão, vejam o que é e tragam para Taquaritinga a melhor”. E aí sim, a professora Célia, ex-diretora dessa casa, a professora Marilda Arlete Bertate Piria, professora Marlene Servidone, Professor Lázaro foram muitas vezes para São Paulo e de maneira que, a ETEC veio para Taquaritinga, ETE Vila Rosa, num prédio novo. Contudo, ao longo de 16 anos, não houve uma boa manutenção, vamos dizer assim, de maneira que, quando eu assumi, em 2004, nós tínhamos muita coisa por fazer. Muita coisa por fazer, para começar do mobiliário, os alunos assistiam aulas nos laboratórios sentados no chão, as portas todas emporcalhadas com o branquinho, os corretivos, alguns problemas na fundação do prédio, a infraestrutura estava bastante comprometida. O pedagógico era maravilhoso, perfeito, as metas todas cumpridas, essa casa sempre teve uma excelência no seu aspecto pedagógico. Mas algumas coisas foram deixadas, foi um período também que o Centro Paula Souza não oferecia tantos recursos para manutenção e infraestrutura. Então, havia duas coisas a atacar: a primeira delas a infraestrutura do prédio, telhado, o prédio estava pequeno, muitas rachaduras, então o mobiliário, para que as aulas pudessem ser possíveis, principalmente no que diz respeito aos laboratórios, uma vez que são cursos técnicos e, o prédio como um todo. Isso, aos poucos, o Centro Paula Souza foi nos concedendo até que surgiu a primeira reforma. Essa primeira reforma tinha muita coisa para fazer, ela não se concluiu, foi pedido muito aditamento, então foram duas, foram três reformas seguidas, inclusive a última delas foi com a professora Rosa, a atual diretora, aonde nós já tínhamos pedido a cobertura da quadra, devido a região por uma questão de temperatura, os alunos faziam educação física descobertos. Conseguimos fazer o refeitório, para que os alunos pudessem fazer

a refeição na escola, então muita coisa nós conseguimos né. Em relação à questão do telhado, das rachaduras, das fundações, construímos mais quatro salas, mais quatro laboratórios, conseguimos ampliar bastante e, acredito que, aquilo que foi possível fazer pela ETEC, com o apoio do Centro Paula Souza, a gente conseguiu adequar à escola para os próximos anos porque a ETEC, dentro da cidade de Taquaritinga, ela goza de um respeito, de um privilégio muito grande. Taquaritinga sabe que existe uma escola técnica Estadual Doutor Adail Nunes da Silva e vê isso de uma maneira muito positiva, graças a Deus a gente tem esse reconhecimento e a respeitabilidade da cidade de Taquaritinga em relação à escola, haja vista aí que cada vestibular, a gente tem em um grande número de inscritos e as famílias querem que os seus filhos venham estudar com a gente. Problemas sempre vão existir, mas eu acredito que a ETEC tem e terá durante muito tempo, o respeito da cidade de Taquaritinga. Não só de Taquaritinga, da região. Houve época que nós recebíamos aqui 18 cidades, 18 municípios que convergência para ETEC no seu ensino médio e no seu ensino técnico. Hoje, com, com a criação da ETEC Bebedouro, ETEC Monte Alto, Guariba com salas descentralizadas em Jaboticabal. No entanto, ainda hoje nós temos alunos de Borborema, Jaboticabal, Guariba, Vista Alegre do Alto, nós temos sim, por que as ETECs elas têm cursos técnicos diferenciados e os alunos optam por cursos que, muitas vezes, não são oferecidos em sua cidade.

Esses cursos são trabalho e escola?

Pureza: Exatamente. O ensino médio hoje, ele é integrado ao técnico, e os cursos técnicos são oferecidos no período da tarde e da noite, vem de encontro a necessidade do aluno em relação ao emprego, então mesmo onde existem ETECs, não oferecem os cursos que nós oferecemos, assim os estudantes são conduzidos para cá, sim. Houve um momento em que nós tínhamos 18 municípios da região, da macrorregião, que viriam para nossa escola, manhã tarde e noite.

Qual o momento que foi mais marcante para o senhor?

Foram vários, que eu posso te dizer que marcaram a minha vida profissional e a minha vida pessoal. Foi gratificante saber que o ensino médio desta escola pública estadual avançou, estava à frente do que o alcançado pelas escolas particulares. Nada contra as escolas particulares, mas isso foi grandioso,

algo que nós chegamos ali à frente das escolas particulares do município. Eu fui aluno, a minha formação foi toda em escola pública estadual, tudo que eu tenho foi educação que me deu, tudo, então foi marcante você saber que chegou a frente, conseguiu elevar a tua escola, a tua equipe pedagógica, ou todo, a escola estava à frente dos índices propostos, e à frente das escolas particulares. O ensino médio da ETEC estava acima, público e estadual de qualidade.

Figura 4 - Célia Regina de Souza Gabriel



Fonte: redes sociais.

D - Célia Regina de Souza Gabriel, ex-diretora

Célia Regina Pereira de Souza Gabriel é natural de Taquaritinga, Estado de São Paulo. Iniciou sua carreira profissional docente destacando-se no antigo magistério, em primeiro lugar, fato que lhe outorgou sua primeira classe de alfabetização, na cidade de Taquaritinga.

Esta experiência endossou sua vocação para a educação. Posteriormente, foi aprovada na rede estadual de ensino como docente na área de letras, português e inglês, iniciando nova jornada na cidade de São Paulo. Lecionando, foi possível custear a graduação de Pedagogia e, mais uma vez, foi aprovada no concurso público estadual, na função de diretora escolar.

Retorna para sua cidade natal, Taquaritinga, integrando a equipe de supervisores na Diretoria de Ensino Local. Juntamente com esta equipe, protagoniza a criação em 1988 e instalação em 1989, da antiga ETE Vila Rosa, atual ETEC DANS. Integra o quadro de profissionais da instituição através de concurso público como docente, permanecendo na direção por 16 anos. Além

da atuação na educação, fez parte do quadro de vereadores municipais de Taquaritinga, entre 1994 e 1996.

Atualmente, atua como Auxiliar Técnico Administrativa na ETEC de Monte Alto, sendo sua contribuição ímpar no processo histórico da ETEC DANS.

A entrevista transcorreu, de ambas as partes, com muita emoção. O brilho no olhar da entrevistada, a ênfase na narrativa, os momentos de dificuldades narrados e a emoção dos olhos mareados de “um tempo bom e desafiador”, levou ambas das “lágrimas às risadas” das recordações suscitadas pelo encontro. O momento foi além de um “apêndice” de tese, foi norteador e histórico. O encontro ocorreu na ETEC Alcides Cestari, Monte Alto, em 27.03.19.

Entrevista

Célia Regina Pereira de Souza Gabriel: É uma honra compartilhar com você, um trabalho nobre porque nada é mais nobre do que a educação. E, se você está no momento no estágio de elaborar a sua tese, parabéns por essa magnífica carreira docente que envolve determinação, paixão, dedicação e muito obrigada pela lembrança, pelo convite e pela união de emoções que, eu sei, elas são parecidíssimas, vindo de você para mim e emanada de mim para você, para que eu possa te contar como ingressei na ETE Nova Vila Rosa lá nos idos de 1988. Eu precisaria de muito tempo para fazer essa volta às origens, então rapidamente vou situar essa história. A paixão, a veia, realmente da cidade de Taquaritinga sempre foi a educação. Sempre tivemos em Taquaritinga excelentes escolas da rede pública, da rede privada, as melhores grifes, se pudermos dizer assim, porque quando uma escola é referência, ela é uma grife sim. Numa escala de valores de dignidade, e por mais que existissem excelentes escolas das quais eu fiz toda minha vida estudantil, nos incomodava o fato da cidade estar, há muitos anos, sem nenhuma instituição de ensino diferenciada. Nós queríamos, então, uma escola que atendesse as novas vertentes da educação pública e, portanto, ensino técnico e tecnológico, mas que fosse pública, que a democratização do ensino nos fosse assegurado a todas as camadas sociais e descobrimos, nas pesquisas, que existia em São Paulo uma instituição que se chamava Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula

Souza. Havia, na época, 13 escolas técnicas e seis ou sete FATECS e começamos essa batalha. Por que eu me refiro como batalha? Porque foi uma batalha no sentido mais amplo da palavra, uma batalha por ideal, uma batalha por dedicação, por determinação, por não imaginar nenhum entrave e só vislumbrarmos de que seríamos capazes de mostrar para o governo de São Paulo que Taquaritinga, uma pequeníssima cidade do interior, teria todas, as mesmas condições que as grandes cidades do Estado de São Paulo onde estavam instaladas as ilhas de excelências, como eram chamadas as escolas técnicas. Eram apenas 13 em grandes cidades como São Paulo, Campinas Sorocaba, Americana e ninguém podia imaginar que uma cidade de 40 mil habitantes, conseguiria levar uma instituição dessa. E conseguimos graças aos esforços uma cidade que se uniu, por conta desse sonho que começou conosco, nos quatro educadores e foi crescendo e todos nós, a professora Marlene Mileta, a professora Marilda Bertaco, o nosso querido também supervisor Lázaro Ageu, eu, o prefeito também da época, o querido amigo Tato Nunes Antônio Carlos Nunes da Silva, prefeito até dezembro de 88 mas já tínhamos eleito então, já tinha acontecido a eleição para o próximo mandato que começaria em 89, com o Prefeito Milton Nadir, que também já estava totalmente envolvido conosco, Câmara Municipal, maçonaria, imprensa escrita, imprensa falada, todas as forças vivas da sociedade taquaritinguense acreditaram no nosso sonho e nos acompanharam nessa luta. E nós conseguimos, então anteriormente, com o governador Franco Montoro, a construção do prédio, então em 83, 84 nós já tínhamos o prédio pronto. O prédio fantástico, que é o prédio que você conhece, aquele prédio extremamente grande, forte, solidificado. Ele tinha sim, aparência de quem ia receber uma grande instituição de ensino e ele foi construído no governo Montoro, que ficou fechado de três a quatro anos enquanto nós faríamos todo esse percurso de levar uma instituição de ensino. O nosso foco, que não seria só o ensino médio regular acadêmico, queríamos o técnico como também queríamos o tecnológico, que aconteceu lá em 1992, então em quatro anos levamos a ETEC, depois a FATEC. Nessa rápida linha do tempo, estou narrando como essa escola nasceu, por um decreto do governador de três, mas publicado em quatro de novembro 1988, representando o que há de mais nobre, para os munícipes, que é a união de toda uma população independente de cargo, de posições socioeconômicas e culturais. Enfim, uma cidade que acreditou num

sonho de três, quatro educadores que abraçaram e transformaram essa escola, junto com prefeito da época, com o Antônio Carlos, com o Tato, com o que estava chegando com o Milton, com o governador Quéricia, com o superintendente querido e amado que eu tenho o maior respeito por ele até hoje, que é o professor Oduvaldo Vendrametto. Então, toda essa turma fez com que em três de novembro de 1988, publicasse no diário do dia quatro de novembro a criação da Escola Nova Vila Rosa em Taquaritinga. O meu ingresso nessa escola, ele transcorreu da maneira legal estabelecida pelo regimento da instituição, que era através de um concurso público. Eu sou formada em letras português-inglês e eu passei por uma banca na Instituição em São Paulo fui aprovada em português e assumo, então na condição de professora a ETEC, a ETE Nova Vila Rosa, sendo então designada para a implantação da escola. Desta forma, eu me afasto como professora, ponho uma outra colega no meu lugar, e passo a instalar essa escola. Então, meu ingresso foi da maneira tradicional formal, através de concurso público. Acontece que na época nós tínhamos mandatos de diretor de escola de dois anos, então eu fiquei esses dois primeiros anos, podia passar por novo concurso. Prestei novamente concurso, fui aprovada, fui votada, fui conduzida pela Superintendência por mais dois, aí veio outro mandato de quatro que eu também prestei, fui aprovada e foi eleita e foi reconduzida e aí foi outro mandato de quatro e, quando eu parei para perceber, para ter certeza, eu já estava nessa instituição, então na direção, a 16 anos.

Oliveira: Professora Célia, antes do ingresso na ETEC DANS, a senhora se refere a um grupo. Quem seriam os integrantes?

Gabriel: Esse grupo foi outra maravilha, eu costumo dizer professora Arlete, que a minha vida ela sempre foi guiada por Deus. Acredito nisso piamente e eu fui um instrumento dessa vontade. Porque era impressionante, eu terminava algo, era o meu foco, a minha intenção, imediatamente eu já me colocava, eu terminava o outro, eu me colocava. Quando eu terminei a escola de Magistério havia um prêmio em Taquaritinga, um prêmio do prefeito Davi. Estabelecido isso, anos atrás, o chamado Doutor Waldemar D'Ambrósio, grande historiador de Taquaritinga, estabeleceu que, quem obtivesse as melhores notas no curso e, portanto, se formasse em primeiro lugar, ao se formar ganhava um ano de cadeira prêmio, era assim que se dizia na época, e eu terminei o curso de

Magistério em primeiro lugar e ganhei por um ano o direito de dar aula numa escola, para uma turma. Então, eu me formo em dezembro e, em fevereiro já estou na sala de aula, dando aula para uma turminha do antigo primeiro ano primário, no ambiente totalmente difícil, de uma periferia grande da cidade. Eu sai da faculdade com uma visão maravilhosa do magistério cheia de amor, de paixão, de materiais lindos pedagógicos, que construíamos nas aulas de didática, então as maçãs, a macieira para os alunos irem pondo as maçãs, com dias, meses, anos, quantidade dúzias, multiplicação, enfim, flanelógrafos e aí eu me deparo com uma clientela que nunca tinha pego um lápis na mão. A prefeitura dava o material escolar, mas não sabiam abrir o caderno! Alguns de ponta-cabeça, outros de trás para frente, outros brincando com o lápis, como se fosse um palito, não tinha noção com que mão segurar e aí eu descobri. Realmente, tem alguém que prepara esse caminho para que eu possa trilhá-lo, com determinação, que se eu não tivesse paixão, eu não teria ficado, eu não voltaria no dia seguinte. Aos poucos, fui ensinando essas crianças como segurar um lápis, o porquê do lápis, qual a necessidade do caderno. Se eu tinha tanto material didático pedagógico pronto, com o visual lindo, por que saber escrever? Porque abrir, nesse sentido de chegar ao final do ano, aquelas crianças escrevendo e lendo, o que era possível para uma primeira série? E saber que um mais um eram dois, e saber desenhar os números, enfim, a questão do fonema, o som, enfim foi maravilhoso. E aí eu me consagrei. É isso que eu quero, eu vou continuar na educação. Em seguida, abriu concurso público na rede estadual sendo aprovada para português inglês, mas tive muita sorte porque às vezes ficavam anos sem abrir um concurso e eu estava encerrando esse meu primeiro aninho na escola primária, já abriu o concurso de quinta a nona a oitava e depois do ensino médio. Então, em seguida, eu deixo esse primeiro aninho primário e vou usar bem as nomenclaturas da época, para poder assumir de quinta a oitava e talvez o ensino médio e realmente o segundo grau, e realmente eu pego essas aulas português, em inglês, me entusiasmo. Nunca tive condições financeiras, sempre precisei buscar as minhas condições e eu começo a dar aula. Foi possível pagar uma faculdade para fazer uma pedagogia, porque aí eu comecei a descobrir que além de dar aula, que era muito lindo, para que pudesse dar uma aula muito bem dada, depois de ter aprendido o trabalho docente. Isso que é fundamental para isso a gente, tem que fazer a carreira, degrau por

degrau, por que um bom diretor ele só será bom diretor se ele conhecer a base, o que é o aluno em sala de aula, fora da sala de aula, no pátio, na calçada, na entrada e na saída. Conhecer os pais, mas também conhecer o trabalho docente, se ele não entender as dificuldades do docente, ele dificilmente será um bom diretor, que ele nunca pensará no docente, ele pensará só em termos administrativos, escola não é isso, é muito mais, então foi quando eu percebi que eu poderia contribuir muito com meus colegas professores se eu fosse diretora. Lecionando eu pude fazer minha faculdade de pedagogia. Outra vez, a luz me apareceu. Finalizo pedagogia em dezembro, janeiro, fevereiro vem concurso para diretor de escola. Coisas que tem que acontecer, eu presto concurso para diretor e sou aprovada e, mais uma vez, eu preciso ter coragem para ingressar nessa escola porque eu não tinha um dia de experiência na direção. Então, eu tive uma pontuação tão boa quanto os meus colegas que já eram diretores, então enquanto eles escolheram Taquaritinga e região, eu ingressei numa periferia de São Miguel Paulista, eu fui para a frente de São Paulo. Fui deixando bebê recém-nascido, desmamando o bebê, deixando o filhinho mais novo de dois aninhos, mas eu acreditava que era isto que eu queria ser. E fui naturalmente, por conta da lei, das evoluções, que são possíveis, participava dos concursos, para concursos não, nos momentos de atribuição, você poderia indicar outras regiões mais próximas. Aconteceu de eu chegar em Taquaritinga, e antes mesmo de eu assumir e agora sim, eu vou responder quem são essas pessoas que você me perguntou, quem é esse nós antes mesmo de eu praticamente começar meu trabalho como diretora em Taquaritinga, eu fui convidada pelo delegado de ensino da época, querido e amado professor e amigo, o professor Francisco Stocco. Ele precisaria ter uma profissional ao lado dele com a denominação de assistente de planejamento e me convidou para assessorá-lo na delegacia de ensino de Taquaritinga. Estando lá, eu conheci a equipe de supervisores, a professora Marlene Maria Mileta Servidonne e o professor Lázaro Ageu eram os supervisores, e com o tempo, depois chegou essa nossa querida amiga a Marilda Bertaco, Marilda Arlete Bertaco, que também estava na DE. Ficamos pensando: se queremos que Taquaritinga tenha uma instituição pública de muita qualidade, como procurá-la? Deve existir. Onde encontrá-la? E, cada um, dentro da sua área de atuação, debruçou-se sobre a causa e foi quando nós vimos que realmente existia o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. E

aí começou toda essa batalha. Vamos unir forças, a gente ia as rádios em Taquaritinga, sempre teve os bons jornais, semanários diários, e houve uma, foi um movimento muito fantástico, a população entendeu que a nossa luta era para eles próprios. E aí não houve nada, não houve quem não nos apoiasse, mas a luta é demorada porque envolve muitas questões. Nós batalhamos alguns anos para consegui-la, razão pela qual o prédio, então construído, ficou fechado, ficou parado aguardando e um prefeito fantástico, o prefeito Tato Nunes. E agora é hora de eu fazer essa justiça, que o Tato Nunes era o Prefeito, no finalzinho, novembro-dezembro de 88. Ele era prefeito de um mandato que era do pai, que faleceu no mandato, o nosso amado, é o nosso estadista Doutor Adail Nunes da Silva, que já estava no seu quarto mandato. Ele falece e o filho Tato Nunes é presidente da Câmara, automaticamente, por todo um processo da época, ele acaba assumindo a prefeitura. Então, nesta última campanha do Doutor Adail, e que eu o enalteço em todas as oportunidades que tenho, conto essa história porque ele foi fantástico, daí eu chamá-lo de estadista nessa época da campanha dele. Em 84 ele foi massacrado na campanha política, porque diziam assim os outros candidatos: vocês vão votar num candidato a prefeito para Taquaritinga que trouxe um elefante branco nós! Temos na Vila Rosa um prédio enorme, 13 salas de aula, laboratórios, oficina, coisa fantástica, parte administrativa, dois andares, para quê? Está fechado, ele trouxe um elefante branco! Ele respondia no caminhão dele, no palanque dele, do qual eu estava lá também, que eu acabei virando vereadora, por conta disso tudo. Eu me apaixonei pela política de tanto que eu frequentei esses bastidores. E, quando nós estávamos no palanque dele, ele respondia assim, para os opositores: vocês vão aplaudir meu elefante branco, o elefante branco está assim porque eu tenho essa equipe que está batalhando para trazer a melhor escola possível e gratuita para Taquaritinga, vai ficar fechado sim, mas não deixe de votar em mim porque ele é branco, porque ele vai ser branco, preto, vermelho, com as cores do Governo de São Paulo. E ele ganhou essa eleição, só que ele era bem assim achincalhado com essa história de elefante branco. Contudo, não desacreditou da nossa capacidade perante o poder público, perante todos, para levar essa escola para Taquaritinga. Então Marilda, Marlene, vereadores da época, não posso citar nomes agora porque eu seria muito injusta, muitos, muitas pessoas Dorival Micali, Tato Nunes enfim, não vou mais citar nomes porque o que é

prefeito hoje, o nosso amigo Vanderlei Mársico, também nessa mesma época, ele estava construindo em Taquaritinga, uma rádio FM que é outra referência, chega quase que na cidade de São Paulo ouvindo a Canal Um, tamanho é a capacidade e a qualidade dessa rádio. Inauguramos todos juntos a ETEC, a FM Canal Um, enfim aconteceram muitas coisas de positivo nessa história toda, mas a Marlene, o Lázaro, a Marilda e eu éramos os que na verdade íamos até o Palácio, parávamos na Paula Souza, o Tato ia conosco, os vereadores nos acompanhavam e era uma coisa assim extremamente boa, que ninguém olhava para hora. Às vezes voltávamos de madrugada e, na manhã seguinte, o palácio, a própria Paula Souza nos solicitava documentos, mais informações a gente elaborava e retornava para São Paulo no mesmo dia. Essa é um pouquinho da história para surgir a escola técnica.

Qual que era o perfil do público da matriz curricular aqui? Pelo que eu entendi, primeiro foi obtido o prédio e instalações físicas e depois foi conseguir a inauguração propriamente dita da ETE Vila Rosa. Como que era esse primeiro momento de 1988-89? Era pago? Como era? Como era a matriz curricular?

Gabriel: Na verdade, foi toda a estrutura dessa instituição. Nós não tínhamos em Taquaritinga escola com curso integrado. Os períodos das escolas eram manhã, tarde e noite e nós abrimos a ETE com o técnico processamento de dados e o técnico em alimentos em período integral. Nós tínhamos componentes da Base Nacional Comum acoplados, as matérias diversificadas portanto, era um horário extremamente diferente, e isso para população foi algo que extasiou, porque os pais ficaram extremamente felizes. Eles levavam os filhos, entregavam para nós às sete horas da manhã e tinha dia que para os alunos entenderem que havia finalizado o período deles e o noturno pudesse iniciar, havia a necessidade de eu dizer: “olha vão embora, porque a turma do noturno vai chegar!” Porém, a riqueza desta instituição era a mesma matriz curricular. É isso que me apaixonou, eu sinto uma emoção imensa até agora, a mesma matriz curricular que se oferecia para o turno em três anos, mesma carga era oferecida para o noturno e para tanto o nosso noturno tinha quatro anos. Como era das 19 horas às 23 acrescentava-se um ano do curso dos alunos. Então, o diurno em três e o noturno em quatro, matrizes perfeitas, impecáveis. A

comunhão das disciplinas entre si mesmo na confecção do horário, nós tínhamos que ter essa preocupação. Vamos começar, por exemplo, com duas de matemática porque o aluno chega, está descansado, está desperto, aí a gente coloca uma de história, tinha toda essa preocupação. Após história, a gente põe uma educação física, que ainda não vai ter o sol das 11 horas, do meio-dia porque a quadra não era coberta entendeu, professora Arlete? Era assim que nós fazíamos o horário, aí ele volta da educação física, ele volta mais lúdico, mais desperto sim. Já despertado dá para pôr mais uma disciplina ainda, um pouco pesada porque ele já está no outro, no outro time entendeu? Então, a construção do horário era algo apaixonante, nós tínhamos dentro do horário da aula tudo isso. Você imagina como contagiou uma cidade, dentro do horário de aula, nós acreditávamos muito. A professora Marlene dizia assim: “Celinha, nós temos que assegurar que, enquanto eles estiverem aqui, eles vão frequentar a biblioteca”. Então, antes de terminar o horário obrigatório de aula de *componentes* obrigatórios do núcleo comum, nós vamos colocar uma aula, que nós vamos chamar de aula na biblioteca. É para criar o hábito deles entrarem e ficarem 50 minutos dentro da biblioteca. Eles vão abrir livros, vão começar a ler, vão começar a fazer a tarefa e isso vai com o tempo se transformar neles, a necessidade de frequentar a biblioteca. Assim, dentro do horário comum de aula, você tinha aula lá aula de biblioteca. Entendeu? E todo mundo perguntava: “o que que é isso?” Ir a biblioteca e ficar. Outra coisa que foi um golpe de mestre que a gente, pedimos muita proteção à Deus, mas acreditamos e implantamos e esse foi realmente nosso golpe de mestre ter posto o lema da nossa escola Liberdade com Responsabilidade, ou seja: “garoto, você está chegando na ETEC para fazer o seu primeiro ano no curso de técnico em processamento de dados técnico em alimentos, você vai chegar aqui às 7 horas da manhã e você vai encontrar os portões abertos e permanecerão até o horário da sua saída e, se você quiser sair entre uma aula e outra, você pode. Porque nós não queremos que o aluno atrapalhe o colega que está afim de aprender, de participar. Você pode, só que aí tem duas coisas que eu acho que você precisa ponderar”. Mas isso era conversado, isso não era dado a ordem de cima para baixo, era dialogada com eles. “Você vai sair, mas você vai ficar com falta”, e aí a gente dizia: “nós temos a questão de 75% presença, você vai perder o principal que é a explicação de seu professor? Que depois você pode pegar o caderno do

colega, você pode estudar na casa do colega, pode tudo depois. Porém você vai perder essa coisa fantástica do olho no olho que o professor entende se você está entendendo ou não, ele volta sempre, você não precisa perguntar, mas você pode sair? Pode, preferencialmente saia para não atrapalhar as colegas, não ficar cutucando, provocando, fazendo piadinha ou indo até a mesa para atrair o professor, o professor dá menos matéria, porque nós também fomos estudantes e a gente conhece tudo isso”. Eu dizia para eles: “não venha fazer jogos que eu também fui estudante, também fazia isso, eu sempre fui muito falante, eu é que ia conversar com o professor para os meus colegas poderem brincar etc. para ele parar de dar matéria”. São outros tempos, agora a gente tem que provar outras coisas, uma escola que vem com matriz diferente, o horário diferente, com uma proposta fantástica séria, mas louca no primeiro momento. Diziam: “como? como o portão vai ficar aberto?” “Vai e nós nos responsabilizamos inclusive. Mesmo que ele saia a responsabilidade é nossa. Nós sabemos se ele está aqui na frente”. Era um trabalho louco, árduo mais apaixonante porque víamos que 90% ficava, entendeu? E os que saíam, nunca nos deram outros tipos de problema, nunca aprontaram nada. Então, tipo diferente, proposta diferente, matriz diferente, duração diferente de aula e perfil de público. Olha bem, antes em Taquaritinga, ou você punha o seu filho numa escola pública que abre, divulgada no período de matrícula, comprova escolaridade anterior, entrega seu histórico e matrícula ou você vai no particular paga e matrícula. A nossa não, tinha que fazer um exame vestibulinho que já existia sim, desde o primeiro momento. Tem que pagar uma taxa? Tem que prestar esse vestibulinho? Sim, também. Esse momento foi um momento delicadíssimo, muito delicado, onde talvez a gente tenha usado toda perspicácia, toda diplomacia e por isso que ela deu certo. Se não tivéssemos percebido a delicadeza da situação poderíamos talvez ter posto tudo a perder, todos os nossos sonhos. Havia uma pressão sobre o fato de a escola cobrar uma inscrição e submeter ao aluno a uma avaliação. Então, em alguns momentos, houve uma divisão sim na cidade nesse momento, até por conta de inúmeras outras questões, de diretor também da rede pública na época, parece que ganhava uma gratificação, se eu não me engano, se não estiver cometendo aqui nenhum, algo grave em função da quantidade de turmas que ele tinha, parece que a quantidade de salas acabava influenciado em algumas coisas, e o número de alunos no geral, ou os alunos que saíram de lá

para estudar conosco, imagina, o quanto eles perderam. Então, a gente conseguiu compreender o lado deles. Ainda sofríamos com algumas situações mais complicadas tipo: eles trouxeram **uma escola elitista**. Houve este discurso em Taquaritinga, trouxeram uma escola elitista, uma escola para pobre não, é tudo mentira porque a classificação dos 40 primeiros entram, os outros não. Houve todo esse processo. Porém, os dois coordenadores, os supervisores da época, professora Marlene Lázaro, passaram para mim, para Marilda, toda essa situação. Gente, eles vão perder alunos em função da nossa escola nova! Isso vai representar evasão, isso vai diminuir quantidade de turma, professores que não vão mais ter a mesma jornada que tinham e nós fomos sensíveis, e não poderíamos ser diferentes, éramos educadores também, de nos colocarmos no lugar desses professores e de imaginar como eles ficariam, como estavam tristes conosco por termos trazido essa escola. A gente trabalhou com esse ângulo, entendeu? Então, fomos conseguindo equilibrar. Acho que eu escrevi o ano inteiro, primeiro ano eu tenho tudo guardado, arquivado. O primeiro ano ou o ano seguinte passado, dois anos, não sei, assim que eu tive tempo eu escrevi um ano inteirinho, sobre técnico, tecnologia, o que é, porque veio e pegava matérias maravilhosas de grandes expertises fantásticas. Estudado e resumido, publicava para mostrar para eles que, para que um aluno pudesse fazer o nosso curso técnico, bonitinho, e ter o seu certificado de técnico, ele precisava, inclusive, ser concluinte do médio, e que nós, então, estávamos colaborando, num primeiro momento, com a formação do ensino médio deles, para que esses alunos pudessem vir depois e fazer o técnico a noite conosco. Então, o meu slogan era: “não viemos para tirar o aluno de vocês, mas sim enviamos para somar porque o meu aluno só vai poder ter o diploma de técnico a hora que ele entregar o diploma do ensino médio, para o noturno”. O período integral não, porque ele saía da nona, antiga oitava série, e vinha para prestar o vestibular para o 1º ano. No ensino técnico ele até poderia vir sem ter concluído médio, mas só receberia - isso até hoje - o certificado de técnico a hora que entregar o histórico de conclusão do ensino médio. Então o discurso era: “vamos nos unir? Eu vou trazer técnico e vocês já têm o médio, então nós temos que estar juntos, vamos convencer esse aluno. Primeiro, terminar com vocês para na cronologia da vida dele vir certinho e aí ele vem para a gente”. Assim, tem histórias reais, a gente vivenciou coisas, muito únicas como a criação dessa escola, situações assim

riquíssimas para o aprendizado, em cima de deliberações, de portarias e decretos e era um furacão de novas informações, de tudo.

Poderia nos contar sobre a infraestrutura? Quais foram os pontos fortes e fracos? Havia alguma relação do curso com o mercado local e os técnicos de processamento de dados e de alimento?

Gabriel: Total, razão pela qual definimos os dois cursos. O levantamento foi muito bem feito porque senão o Centro Paula Souza não teria aberto. Fomos elogiados, principalmente, neste foco. Vocês estão conseguindo uma escola técnica, mas não é só pela vontade do governo, claro que a vontade do governo é majoritária, o Governador diz sim é sim, se ele diz não é não, mas a instituição conseguiu, tanto que é um dossiê, que a gente entregou pra ele. É lindíssimo pelo dossiê. Não me lembro agora, nesse momento, é algo assim volumoso, um espetáculo, por quê? Porque Taquaritinga sempre foi um berço, foi um celeiro na área de alimentação. A nossa agricultura sempre foi muito boa, as nossas plantações, as culturas de manga, tomate, laranja é uma cidade basicamente agrícola. E sempre tivemos as indústrias na área de alimentos. A Peixe foi monstruosa em Taquaritinga, no processamento de alimentos. Tivemos também, na área de cítrico, os sucos de laranja e a alimentação foi a mais forte que tínhamos. Por outro lado, sentíamos a necessidade de formarmos os especialistas em informática. Por quê? Porque Taquaritinga queria abrir *lan house*, Taquaritinga precisava de manutenção, dependia exclusivamente da região, então nos reunimos com essas pessoas da área de informática, abrimos a questão e eles nos forneceram todas as necessidades que eles tinham, entendeu? E daí é que foi possível que o Centro Paula Souza acreditasse que o processamento de dados era tão importante quanto de alimentos e, por isso, se firmou esses dois cursos, que eles eram vocacionados para o município comprovadamente.

Qual que era a imagem da ETEC na comunidade na comunidade? Como que a comunidade participava? De que forma que ela se mostrava? Como era a visão da comunidade em relação à escola?

Gabriel: O que nós fizemos também, que eu acho que colaborou demais, além da escola ter sido para a cidade a realização de um sonho, além de termos conseguido conviver com as demais instituições de ensino, mostrando a necessidade de estarmos juntos, nesse processo todo, além de termos um

prédio que foi construído, especificamente para atender a área técnica, então nós tínhamos para o Alimentos, e está até hoje, laboratórios lindíssimos, laboratório de processamento de alimentos, bioquímica, química, química orgânica e inorgânica, analítica e, por conta das disciplinas da base nacional comum, nós tínhamos laboratórios para física, química, entendeu? Além disso, havia os laboratórios de informática. Na época, claro, vieram com os melhores equipamentos, atualíssimos. Foram comprados para mobiliar a escola. Além disso tudo, essa escola veio realmente para acontecer, nós fomos felizes e privilegiados com esta escola democrática. E ela foi, como nas atividades pedagógicas, a Feira do Conhecimento anual, aberta ao público e a gente tinha lá dentro né? Isso tudo era fotografado, documentado, arquivado, nessa feira de conhecimentos a gente tinha o nosso professor, com seu grupo de alunos, apresentando seus trabalhos e a comunidade presente ali dentro. Então, você pega as fotos da época, a gente tinha lá Colégio Objetivo, Pequeno Príncipe, Anjo da Guarda, as escolas da rede pública Nove de Julho. Enfim, as maiores escolas da cidade, frequentando a nossa escola naquela semana. Além disso, a gente trouxe na área esportiva, grandes campeonatos para Taquaritinga, nós trouxemos a turma de Franca do basquete, que eu não vou esquecer nunca, do Raveli, ali fazendo a cesta para ficar o pôster para ficar na nossa escola. A gente trouxe, naquela época também existia dentro do Centro Paula Souza, uma atividade esportiva, o IEC, onde vinham as 14 ETECS, porque aí nós fomos a 14ª, lembra? Eu começo te contando que tinha 13 aí em 88 criou a 14ª, a nossa escola. Nós recebíamos, nesse IEC, toda a equipe de vôlei, basquete, xadrez e teatro das 13 escolas, a gente sediava. Eles quiseram vir de trem, pela descrição que eu mandei para três escolas, que a nossa cidade era uma cidade pequena, do interior, com a ferrovia ativa. As escolas preferiram viajar de trem e quando eles chegaram aqui em Taquaritinga, eu tinha caminhão de bombeiro esperando todos eles, com a banda da Prefeitura Municipal, e desfilamos, descemos a Rua do Comércio com esses alunos, tipo assim, sabe quando tá chegando a Seleção Brasileira? Foi algo que mexeu demais para cidade, movimentou muito. Além disso, nós tínhamos duas festas anuais, que eram festas com uma preocupação muito maior do que a festa, do que o lazer. A primeira preocupação era: é sempre bom a escola ter dinheiro, porque os equipamentos de alimentos, como os ácidos, eram caríssimos. Na parte de informática, nós vamos fazíamos festa,

mas ao mesmo tempo nós vamos proporcionar para a cidade festas de qualidade, festas bonitas, eles não vão vir aqui só por vir. Assim criamos a festa Texana. Era permitido quadrilha, mas também pode ter folclore, pode ter apresentação de uma de uma peça teatral, de uma banda, de uma orquestra, enfim, essa festa foi uma referência na região. As pessoas vinham para ETEC porque sabiam que lá tinham coisas de qualidade para serem vistas e participavam. Além disso, essa escola ela sempre foi aberta nos finais de semana para o público, para a população. O que é isso? Em 1989, ela é criada em novembro de 88, ela começa mesmo com aluno, bonitinho, tudo lá em fevereiro de 89. O bairro Vila Rosa sempre foi bairro centenário em Taquaritinga, um bairro espetacular, tanto que é um bairro que não tem nada além das suas moradias e uma igreja lindíssima, porque era um bairro 100% familiar. Então, ali nunca se tinha ouvido falar absolutamente nada, nada que o denegrisse. De repente chega uma escola, extremamente agitada, movimentada, com três períodos, entendeu? Aqui em frente a ETEC nós temos até hoje, um grande bar, e sempre veio para servir só produtos naturais, não vendia bebida, a gente evitava, então, frituras e sentamos com o proprietário, com a família Micale e combinamos: “então vamos, o senhor abre sim, nós vamos te dar o maior apoio”. A nossa maneira de ver as coisas, nós fomos assim, extremamente avançados no tempo, porque ter um bar próximo a uma escola, onde a lei permite no mínimo 100 metros longe, mas se nós podemos ter um que se comprometesse a ter, a servir só coisas saudáveis; vamos evitar o salgado, vamos pôr o lanche natural, vamos pôr o suco. Então tudo isso acabou movimentando muito o bairro. E aí poucas moradias tinham, um vídeo cassete, poucas moradias tinham mais de uma televisão, ninguém tinha um espaço, era um bairro como é até hoje me parece, que até hoje não foi construído lá, um campinho de futebol, então eles não tinham. O que que eu fiz quando eu cheguei? Eu olhei bem para o bairro, me sentei com as famílias mais antigas do bairro, e disse assim: “a escola é ETEC é pública e o governo pôs milhões aí dentro, isto é para todos nós, não é só para o aluno, é para o morador, é para o cidadão taquaritinguense. Então, porque que eu vou deixar a ETEC fechada, sábado e domingo, se vocês podem usufruir de tudo, da televisão, do vídeo, da quadra, vocês podem cuidar da escola para mim, olhar, proteger ou invés de eu ter tudo isso fechado e ainda ter que pagar uma vigilância”. Então, o que a gente estabeleceu? Estabeleceu equipes de

jogadores de basquete, de esportistas, de vôlei, de tênis etc. de mesa e tudo mais. Eles já sabiam que, até sexta-feira de cada semana eles vão lá e se inscreviam, já tinham horário, então das 8 às 10 equipe de tênis, que era uma quadra só, das 10 horas às 12 horas futsal, das 12 horas não sei quanto é xadrez, entendeu? Quem queria alugava os filmes nas locadoras, lembra-se disso? Tinha que locar os filmes. Então, quem pegava a chave para abrir a sala de vídeo, assinava um termo, ficava lá o tempo que quisesse, quando ia embora fechava. Se na segunda-feira encontrasse qualquer problema ali, essa pessoa responderia. Isso foi lindo, foi maravilhoso, eles cuidaram da ETEC todos esses anos. Nós nunca tivemos um vidro quebrado, não quebrou nenhum equipamento, a moçada amava curtir tudo aquilo, tem histórias lindas. Então, qual a imagem da ETEC? Acho que a imagem da ETEC, perante a comunidade, é que ela foi uma escola que veio, para ensinar, para aprender, compartilhar tudo que ela tinha e receber tudo de bom que o bairro Vila Rosa sempre nos deu ali.

[...] como era a relação entre professores, alunos e a comunidade?

Gabriel: Funcionava muito bem principalmente com o lema da liberdade com responsabilidade. Porque o aluno sabia a posição e o limite para cada um. Aluno adora regras e aluno precisa conhecer limites porque ele testa. Enquanto ele não enxergar que o limite é ali, ele vai mais longe cada dia. Então ele gosta disso. E a gente precisa começar assim.

Dentro disso tudo, teve uma experiência mais marcante, única?

Gabriel: Única? Eu acho que a única mesmo, foi essa ousadia de pôr esse lema na escola, porque estou te contando hoje como uma coisa realizada, que deu certo, e que me fortaleceu a mim mesma, e que me deixou feliz. Era um lema altamente desafiante, difícil, e que eu precisava ter uma relação extremamente ótima com os alunos, para que eles não usassem isso exatamente contra mim, num determinado momento. Desta forma, tudo foi espetacular, mas essa filosofia de dirigir uma escola, onde esse prédio ficava aberto, e os alunos em pleno horário de aula, sabendo que eles poderiam sair retornar, se quisessem. Eu dizia: “se você for sair, mas em seguida você achar: não, eu fiz besteira! Volta”. A aula tinha cinquenta minutos? Se perdeu vinte, você ainda tem mais trinta para participar. Não perca aula. Então eu acho que tudo, assim, foi algo muito valioso.

Teria mais alguma coisa a dizer?

Gabriel: Eu queria dizer o seguinte: eu completei 30 anos na ETEC em 2018 porque o Decreto de criação é de 88, 2018 deram os trinta anos. E nesses trinta anos eu não voltei mais a ser professora, eu sempre fiquei na direção. Agora em 2014, eu senti que “é melhor você sair do campo, enquanto você está bem”, do que você esperar ficar ruim para depois entender que deva sair. Então, em 2014 eu pedi, e a instituição foi maravilhosa comigo, e compreenderam, e entenderam, porque eu pedi o seguinte: se eu podia deixar a direção, mas não ir embora, se eu poderia fazer uma outra função porque eu estou bem, estou muito bem graças à Deus. Estou com saúde mental, física, emocionalmente, porém eu achei que direção, enquanto diretora, eu deveria deixar. Atualmente respondo pela função de Assistente Técnico Administrativo, ou seja, relações institucionais, que também é maravilhoso. Eu tenho que buscar parceria, eu tenho que buscar estágio para o aluno, eu tenho que realizar as campanhas educativas, socioculturais, esportivas, então me mantém muito ocupada. Porém, não vou te dizer que eu não sinto saudades da direção! Mas acho que estou no lugar novamente, na hora certa, no lugar certo, e me dando agora alguns direitos que antes não eram possíveis. Então eu cumpro meu horário bonitinho, de entrada, de saída, noites mais bem dormidas, enfim [...]

Para finalizar, existe no perfil dos alunos um componente de imigrantes, das famílias, dos alunos, no perfil da cidade?

Gabriel: Na maioria predominavam filhos de italianos sim, até por conta da formação da cidade mesmo. Temos até hoje, acho que isso ainda é forte, a predominância, na verdade eram de italianos, mas a gente tinha também, até a gente brincava, porque eu costumava dizer assim: “gente, os filhos dos japoneses é que eram os inteligentes, são gênios e essa nossa escola precisa por alunos nas universidades. Cadê os japoneses em Taquaritinga?” Mas também tínhamos um ou outro. Agora, Arlete, você está me fazendo recordar uma das coisas mais belas dessa escola: que ela extrapolou as divisões geográficas dos municípios. Nós tivemos em Taquaritinga, com essa sua pergunta, você está me remetendo a uma grande justiça que eu tenho que fazer. Nós tivemos 24 municípios dentro da cidade de Taquaritinga. Nós tínhamos, eu e, na época, meu assistente, meu diretor acadêmico, o professor Geraldinho Santana, que hoje é nosso supervisor da Paula Souza, ele era professor de

matemática, e eu o convidei para ser o diretor acadêmico, porque era o início, nós não tínhamos funcionários, fizemos trabalhos belíssimos, o Geraldo e eu, enfim. E aí quando terminava as matrículas, o professor Geraldo imprimia para mim a origem dos alunos. Então, Monte Alto, Araraquara, Matão Jaboticabal, Cândido, Fernando, Dobrada, eu não vou me lembrar de todos, e depois os distritos Guariroba, Jurupema, Vista Alegre, tinha do Turvo também. Eu sei que um ano ele disse assim: “Celinha, nós estamos com 24 municípios diferentes dentro da ETEC”. Então ela rompeu, ela derrubou barreiras, ela aproximou, hoje estou em Monte Alto. Nós tínhamos de quatro a cinco ônibus por dia de Monte Alto. Os meus dois filhos estudaram na ETEC, o Gustavo e o Renato. Na turma do Gustavo, na sala de aula dele, tinham seis taquaritinguenses, 34 alunos da região. Monte Alto acho que tinha uns 15, depois Itápolis, Araraquara e Matão. Então brincavam: “Celinha, mas que horas você vai embora? Meia noite”. Porque enquanto todos os ônibus não fossem embora à noite, eu também não ia. Morria de medo que ficasse alguns alunos, alguns perdidos ali, eu tinha alunos de longe, entendeu? Outra coisa que movimentou muito, olha que interessante tudo o que você está me fazendo lembrar, as imobiliárias! Eu tinha um apelido em Taquaritinga, que se os pais não fossem honestos, eu ia perder o que eu tinha! Eu era fiadora da maioria. Os alunos que vinham de fora, que os pais não tinham condição, ou era um ou dois que a prefeitura não dava o transporte, os pais não podiam trazer, começaram a fazer repúblicas, e eu era fiadora. Então eles me ligavam e diziam: “Celinha, eu estou alugando uma casa na rua tal. E daí? Não, meu aluno? Como eu não vou acreditar? Como eu não vou confiar nesse pai? Pode pôr, põe aí, a hora que der certo eu assino”. Então movimentamos com isso bares, mercados, farmácias. Houve pessoas fazendo pesquisas na cidade em função da vinda da ETEC. Mexeu, mexeu muito, além do que ela deu uma visão extraordinária para a instituição, o Centro Paula Souza. Foi esta escola que mostrou para o Centro Paula Souza que era possível ter uma unidade deles numa cidade bem pequena do interior e que ia exigir deles providências e atitudes diferentes de até então. Porque eles só trabalhavam com cidades grandes, então enquanto eles punham um cartaz de divulgação do vestibulinho na estação Tiradentes do metrô, onde milhares de pessoas passavam por dia, agora eles tinham uma escola numa cidade de 40 mil habitantes, que deveria atingir o mesmo percentual de demanda que a ETEC São Paulo, na esquina do

metrô. Então, como trabalhar com essa escola? Quantos *folders*? Quantos cartazes? Quantas faixas? Esta escola precisa de mais verba do que a de São Paulo? Sim. Um cartaz dentro de um metrô, eu preciso de quantos mil panfletos para mostrar que aquela ETEC existe, entendeu? Olha o que uma escola do interior provocou numa instituição gigante, fantástica como o Centro Paula Souza? Então, tem histórias lindas nessa coisa toda, tem uma outra coisa ainda dessa instituição que o professor coordenador Almério disse, que foi além dessa. “Celinha, Taquaritinga também nos mostrou, Centro Paula Souza, que uma escola desenvolve o município. Vocês vieram pedir uma escola dizendo assim para a gente: Taquaritinga precisa crescer e se atualizar e nós estamos precisando de uma escola de vocês. E a escola deu certo. Então foi uma outra coisa importante para ser estudada, analisada, levada em consideração, que nós aprendemos com vocês”. Às vezes o tamanho não é o que importa numa escola. O fato de ela ser pequena ela traz uma grandiosidade nas consequências. É assim que eu vejo a ETEC.

Figura 5 - Maria José Roveri



Fonte: redes sociais.

E - Maria José Roveri, docente

Maria José Roveri é natural de Taquaritinga, São Paulo. Inicia sua carreira na educação como docente na disciplina de matemática na Rede Estadual de Educação e, posteriormente, trabalhou na Diretoria de Ensino Estadual, como supervisora, atualmente aposentada.

Na instituição Paula Souza, trabalha como docente desde sua criação, na disciplina de matemática, tanto no ensino médio como técnico até a presente data.

A entrevista foi realizada na ETEC DANS, num clima de amistosidade e descontração. A entrevistada imediatamente se prontificou a colaborar, quando abordada pela pesquisadora. No transcorrer da entrevista, em alguns momentos houve lembranças dolorosas de colegas que faleceram como outros de risos e descontração. O encontro ocorreu na ETEC DANS, Taquaritinga, em 10.04.19.

Entrevista

Oliveira: Como foi dito no contado inicial, nós vamos divulgar o nome da senhora, por compreender que é um respeito pela sua passagem e seu trabalho na instituição durante 30 anos, uma vez que vamos montar um dossiê e o seu nome será citado, em respeito à sua história e como parte da história da instituição. Gostaria de iniciar perguntando se a senhora se recorda desde os primórdios da construção física da ETEC na cidade de Taquaritinga, a construção física, quem construiu...

Maria José Roveri: Quem foi não sei, é porque na época que ela foi construída, era para ser uma escola estadual, que hoje funciona como Silveira Coelho, era para vir Silveira Coelho aqui, a Francisco Silveira Coelho viria para essa escola. Só que três supervisores, que uma era a assistente de planejamento, que é a Célia Gabriel, dois supervisores que é a Marlene Mileta, já falecida e o seu Lázaro que organizaram e providenciaram uma escola técnica, devido Silveira Coelho ter sido uma escola técnica. A Coelho... era umas quatro técnicas profissionalizantes. Só que ele era de primeiro, de quinta a oitava, depois ele passou a ser ter cursos técnicos à noite, junto com ensino médio, tanto é que eu dei aula no quarto ano de mecânica a noite lá na escola. Aí eles foram procurar uma entidade, uma que tivesse escola técnica na região, não tinha nenhuma, então fizeram um levantamento topográfico, um levantamento das necessidades e há 30 anos atrás quem abria um curso de processamento de dados era uma inovação, então choveu assim candidatos na nossa primeira turma, foi mais que o vestibular, porque só tinham 11 escolas técnicas da Paula Souza, depois que a Paula Souza abrangeu e começou a abrir mais, aí virou o cabide político. Aí o que que aconteceu? Devido ao decreto, então ela era integral de manhã e à tarde e à noite quando já são de quatro anos junto com ensino médio, então nós tínhamos alunos no ensino médio integral, PD e alimentos de manhã e à noite, depois a gente abriu assessoramento gerenciamento empresarial a noite com três anos. Com o decreto de tirar o ensino médio e só o técnico, o decreto, se eu não me engano é o 2228 ele faz o que? Os egressos podem fazer e os concomitantes, são os alunos egressos que já terminaram o ensino médio e os alunos concomitantemente a partir do

segundo ano do ensino médio. Então foi aquele “bum” que explodiu, e os cursos técnicos abriram demasiadamente, inclusive expansão. Com o advento novamente dos cursos integrados, a demanda do curso médio diminuiu, porque a nossa população era nós mesmos, alimentávamos os técnicos, agora tendo o técnico já integrado eu matei os técnicos você entendeu? Porque se eu tinha quatro primeiros, quatro segundos e quatro terceiros, eu tinha 180 alunos que dava, 160 alunos que dava para dividir pelo menos dois, mais, três cursos e agora eu não tenho mais essa demanda. Só tenho quem já terminou. A pessoa não vai ficar até às quatro horas da tarde aqui e depois voltar às sete. É cansativo demais, eu acho que foi um tiro no pé da Paula Souza, entendeu?

E como foi o ingresso da senhora na instituição?

Roveri: Foi um currículo, uma entrevista e uma prova, ao vivo. Eu lembro que caiu para mim logaritmo, eu passei em segundo lugar porque eu fui muito mal na entrevista. É sério! Passei depois do Geraldo, o Geraldo passou em primeiro, o Geraldo foi melhor. Eu comecei com duas aulinhas à noite que o Geraldo não deu conta. É sério! Duas aulinhas à noite, era um colegial, eles já tinham um feito o colegial, eles não sabiam que ele podia pedir dispensa, aí quando eles souberam que a Célia foi ser candidata a vereadora, veio um diretor e buzinou na cabeça deles, aí nós ficamos com uma classe de 40 com 12, 13 alunos. Era uma delícia dar aula matemática, duas aulinhas. Eu sempre dei aula à noite, depois só que eu me aposentei do estado que eu vim para a manhã, mas eu sempre dei aula à noite, dei aula de estatística de manhã porque não tinha professor, então eu vim cobrir um buraco. Mas eu sempre dava 25 aulas à noite, a nossa turma era a turma da noite, que tinha colegial, era um quarto ano. Era uma delícia, uma turma interessada, trabalhavam de dia os meninos, e agora estou dando aula de manhã, faz 30 anos dia 22 do cinco.

[...] 30 anos de ETEC?

Roveri: 30 anos [...]

E nesses 30 anos assim, como foi a infraestrutura da escola, o que mudou, porque nós somos um técnico profissionalizante, a senhora acredita que há a unificação entre trabalho e escola?

Roveri: Trabalho e escola?

Sim.

Roveri: Eu acho que tem que andar paralelamente, nem tanto lá nem tanto cá, eu acho que o ensino médio profissionalizante eles só vão entender quando eles estiverem no terceiro ensino médio e terceiro profissionalizante que é integrado, que eles vão sair com uma qualificação, que primeiro e segundo não vão entender nada que você tá fazendo, eles estão mais perdidos que cego em tiroteio, mas não entende nada, sabe. Eu acho que ainda os egressos é melhor do que o integrado, eu acho que podia pinçar algumas matérias integradas, eles não terem cinco aulas, eles terem seis, acrescentar cinco aulas de técnico, eles iriam sair 12:20 e iriam fazer outra coisa a tarde, do que ficar enfiado aqui sem gostar. Por quê? O que está acontecendo? Eles não estão levando a sério nenhum curso, entendeu? Eu acho que é a tendência não é das melhores, porque se eu trabalho, se ficasse aqui com cinco aulinhas técnicas de PD, uma informática, uma de alimentos ligado mais com alimentos, só esse pouquinho não ficar até às quatro horas da tarde aqui! 12:20 iria embora todo mundo. Acho que seria melhor, já trabalhamos assim a noite, com três anos de curso técnico.

E na sua opinião era melhor?

Roveri: O aluno fica menos na escola e ele se ele se interessa mais para aquilo. Ele vai fazer um curso técnico, depois só a parte técnica ou concomitante, porque não sei se está valendo a pena assim, são poucos que saem com consciência que ele tem o certificado.

Como a senhora concebe a mudança de perfil de aluno, a de 30 anos atrás, quando o aluno ia fazer o processamento de dados, qual a diferença entre esse aluno de processamento de dados e o aluno [...]

Roveri: Eu acho que a tecnologia mudou muito. Creio que hoje a tecnologia ensina, naquela época não. Tinha que aprender a linguagem de computação, os computadores tinham menos memória, estava bem engatinhando na coisa. Eu me lembro que eles ficavam preocupados quando surgia uma linguagem nova e o professor não sabia, e o professor tinha que correr atrás, hoje não, hoje a tecnologia está na mão deles, eu acho que informática, esses cursos assim não têm muita sobrevivência.

Qual com imagem que a população tem de ETEC DANS?

Roveri: No começo ela não gostava, não aceitava, era bem criticado porque não tinha quase aluno de Taquaritinga, era muito pouco a demanda para Taquaritinga. Taquaritinga abrangia Monte Alto, Guariba, Jaboticabal, todas as outras cidades, então só tinha aqui, então aqui virou um núcleo, que era uma referência. Com a abertura de outras ETECs diminuiu a nossa demanda, então nossos alunos começaram a entrar aqui em Taquaritinga certo, mas a princípio era vista como uma escola estudavam pessoas de fora, eles não entendiam essa migração sabe, de vir aluno para cá entendeu? Aí agora não, agora não, se você for ver tem aluno de fora, mas bem menos do que tinha. Às vezes tinha dois alunos na sala de Taquaritinga, o resto era tudo de fora. Aí abriu Monte Alto, abriu Guariba, então Monte Alto já pegou um bloco para lá, Guariba para cá, abriu Bebedouro, tinha gente até de Bebedouro trabalhando aqui, que queria estudar aqui.

E qual o papel das empresas no currículo da escola? Os cursos eram voltados para a economia local?

Roveri: Era um levantamento sim, por isso foi solicitado o curso de alimentos. O curso de enfermagem foi solicitado porque enfermagem não podia mais ter auxiliar de enfermagem, o COREN exigiu o técnico, então eu lembro que conversou com o prefeito da cidade e a Célia abriu o curso de enfermagem, com necessidade de suprir as nossas enfermeiras daqui, tanto é que dá em demanda até hoje, porque? Não podia mais ter de auxiliar de enfermagem, tem que ter técnico, então abriu auxiliar depois de abriu o técnico, entendeu?

Para suprir as necessidades do mercado de trabalho [...]

Roveri: Do mercado local, Matão. Todas as cidades. Jaboticabal, Ribeirão, Jaboticabal, Guariba, Monte Alto. Enfermagem porque o COREN exigiu. Aqui tinha a Fugini, a Val, a Frupic, o curso de alimentos foi esse. E o curso de administração eu não sei também, mas eu acho que foi por causa dessas empresas, processamento de dados que estava em auge, estava na evolução da coisa, mesmo porque a Paula Souza tinha as FATECs já.

A senhora se lembra da entrada da FATEC aqui?

Roveri: Foi uma luta. Foi dentro desta escola.

Foi dentro? A senhora se lembra?

Roveri: Lembro. Foi aqui embaixo. Tinha a “Fatequinha” e depois que veio a UNESP. Não me lembro que época foi isso. Foi uma luta, nós fomos até na câmara porque ela ia embora, foi uma briga grande, de elefante grande, ia levar para Monte Alto, aquela prefeita lá queria a FATEC ou a ETEC, ela conseguiu a ETEC, era a prefeita, o primeiro mandato da prefeita. Quando ela não brigava aqui ela ia brigar lá no Paula Souza. Mas um dos superintendentes do Paula Souza, foi o Seu Vendramini, foi muito bom, foi maravilhoso, tem o nome dele lá na frente. Ele era sensacional.

E de todas as experiências, teve alguma que marcou mais, nesses 30 anos?

Roveri: Eu acho que o que marcou mais foram os bons profissionais que nos deixaram, o Darci, a Dona Elana, Lenilda, a Vera, Vera Felipini de biologia, foram bons... o Renato, apesar das loucuras dele, foram bons profissionais que passaram por aqui.

Tem mais alguma coisa que gostaria de relatar?

Roveri: Eu acho que ainda depois de 30 anos, ainda a aceitação na escola é complicada em Taquaritinga. Uma que cria-se com os professores daqui da rede, que a gente tem um salário um pouquinho melhor, temos vantagens, tem fundo de garantia, décimo terceiro, antecipação salarial, sabe trabalhamos 33 horas, nós não fazemos HTPC aquelas coisas, ficar lá lendo baboseira, então eu acho assim a liberdade que você tem que trabalhar, de você dar seu conteúdo, para o profissionalismo isso é importante numa instituição, ela dá a liberdade de você fazer seu trabalho, certo? E os resultados vem nos fins dos vestibulares, este ano de 2018 nós colocamos muita gente nas universidades, então eu acho que isso é importante, o final. Eu falo para os meus alunos: “quando você chega numa universidade, você fez química você fala: olha! Eu fiz química. Eu sei mexer no laboratório. Eu conheço as coisas”. Então você já está a meio passo para ganhar um dinheirinho. Eu fiz PD, eu sei digitar, eu sei fazer programação. Então você está a um passo e meio na frente dos outros. Eu fiz administração, então vocês quando chegam na universidade, vocês já chegam prontos para serem estagiários do professor, pronto para ajudar, a iniciação científica, vocês já estão prontos, vocês vão precisar. Os nossos alunos que foram na UNESP deram um show no laboratório, então eu acho que esse é o

produto Arlete. Esse é o produto, sabe, não é o salário, não é [...] eu só falo uma coisa: pena que eu tenho 65 anos, se eu tivesse 30 então...

Figura 6 - Carla Cristina Galassi



Fonte: Redes Sociais

F - Carla Cristina Galassi, docente

Carla Cristina Galassi é natural de Taquaritinga. Coursou a Universidade Católica de Campinas, na área de análise de sistemas e processamento de dados.

Trabalho em diversas empresas, como na Usina Bonfim, atualmente Usina Raízen. Concomitantemente ao estágio da graduação em empresas, iniciou na docência na ETEC DANS em 1989 como docente determinada por dois anos e, após os seis meses de interstício, passou pela aprovação no concurso efetivando-se.

Até a presente data, ministra aulas da área de informática na instituição.

A entrevista ocorreu na ETEC DANS, em ambiente harmonioso e tranquilo. A espontaneidade e disponibilidade da entrevistada foram totais, se prontificando rapidamente a auxiliar a pesquisadora. A origem familiar da colaboradora é italiana, relatando o quanto sua família é ligada à terra. O

encontro foi norteador de muitas emoções, tanto de risos como de choro, na busca de memórias, onde ambas foram afetadas, ora por lágrimas, ora por tenras recordações. O encontro ocorreu na ETEC DANS, Taquaritinga, em 29.03.19.

Entrevista

Oliveira: Gostaria de começar questionando perguntando um pouco da sua origem familiar.

Carla Cristina Galassi: Minha origem é de família italiana, meus ascendentes italianos vieram da Itália para cá com três ou quatro anos e aqui toda minha família permaneceu [...] aqui em Taquaritinga.

Poderia contar sobre o seu ingresso na ETEC DANS, isso a 30 anos?

Galassi: Eu fiz a Universidade Católica de Campinas, fiz o curso na Universidade Católica de Campinas e eles queriam que, preferencialmente, queriam que a gente fizesse estágio na área de análise de sistemas e processamento de dados. Em Campinas, trabalhei em diversas empresas e eu tive a oportunidade aqui em Guariba, que é um distrito próximo à Taquaritinga, na área de informática desenvolvimento de sistemas, na época Usina Bonfim, atualmente é a usina Raízen. Eu trabalhei um tempo lá e ficava alguns dias em Campinas e alguns dias aqui. No último ano, lá minha universidade, e nessa época isso em 89 foi quando surgiu, foi inaugurada a unidade 19, a DANS, daí tem que dar a ETEC Doutor Adail Nunes da Silva. Surgiu uma oportunidade de eu estar ministrando aula aqui na escola, na área de informática, na área de análise de sistemas. Assim intercalei o período em que ficava na usina e também ministrando as disciplinas do curso aqui na escola, isso em 1989, primeiro ano da ETEC DANS. A partir daí eu trabalhei um tempo aqui, depois como o contrato era por um, por dois anos eu permaneci aqui. Quando o contrato foi encerrado aqui na ETEC, é a fase de interstício que se chama, eu fiquei seis meses afastada, depois teve o concurso para se indeterminar, eu retornei e só até hoje aqui na escola.

Poderia contar sobre o aspecto pedagógico da instituição? Esse curso na área de informática bem como de nutrição, ele ultrapassou os 30 anos, houve outros cursos no transcorrer desse período, mas na área de informática ele permaneceu aqui. Atribui o fato à matriz curricular? Qual a sua opinião sobre o perfil do aluno?

Galassi: Quanto à matriz curricular, na área de informática é muito dinâmica. No decorrer de todos esses anos foram feitas muitas alterações, sempre se adaptando ao mercado de trabalho porque o curso em si, ele é voltado para tecnologia, só que mudam as linguagens de programação. Foram feitas várias adaptações com relação aos equipamentos. Na época, a gente não tinha a parte de *internet*, hoje em dia nós temos a *internet*, que auxilia bastante o aluno, o professor em várias disciplinas, principalmente essa parte da tecnologia tiveram que ser adaptadas para que a gente pudesse acompanhar o avanço tecnológico e deixar os alunos mais bem preparados para o mercado de trabalho.

Acredita numa ponte entre a escola profissionalizante, uma ponte entre a oferta de cursos e a necessidade de mercado local e de mão de obra?

Galassi: Olha, desde a época que nós começamos, em 1989, todo o aluno que sai, que saiu da nossa escola, sempre teve vaga de emprego para ele, aqui na nossa cidade como na região. Então, o aluno que se dedicou ao curso, que frequentou assiduamente as aulas, ele está apto ao mercado de trabalho. E, hoje em dia, tem aquele profissional que pode estar trabalhando em casa, dando assessoria, realmente um escritório físico. O *Home Office* hoje em dia já é uma realidade. Hoje em dia nós temos cursos na área de informática, onde ele tem um leque muito grande, onde pode estar desenvolvendo *sites*, pode estar dando manutenção sem mesmo escritório físico ou mesmo saindo de casa, tudo é feito de forma *online*. Então, mercado de trabalho para quem dedica a essa área não falta.

E na sua opinião, qual a classe econômica que vem para a ETEC DANS, qual seria?

Galassi: A classe econômica? Bom, nós temos todos os tipos de classe, temos inclusive alunos que estudaram em escolas particulares. Nós promovemos muitos eventos e convidamos os alunos para participarem, vindo

conhecer a nossa escola. Muitos deles pedem transferência das escolas particulares, onde o ensino também é bom, mas quando eles chegam aqui e verificam toda estrutura que nós temos na escola, como é feita a parte do ensino, qual é a nossa matriz curricular dos cursos, eles acabam se encantando e muitos deles saem de escolas particulares para estar vindo estudar aqui com a gente. Mas é verdade mesmo, nós temos vários alunos do Objetivo, do Anglo! Realmente, saíram das escolas particulares e preferem vir aqui. Então, a parte técnica, o integrado ele é bem disputado.

E o perfil do aluno, nesses 30 anos, em um breve relato, mudou, não mudou ou se manteve?

Galassi: Com certeza. É um outro perfil, hoje em dia, o aluno vem muito mais informado, ele vem direcionado para o que ele quer, a área que ele quer até porque ele tem fontes de pesquisa, ele sabe onde depois ele vai trabalhar, o que ele vai trabalhar, os conteúdos que são ministrados, principalmente em relação à área de informática, ele sabe que terá um leque de opções muito grande para ele estar trabalhando. Então, hoje em dia, o aluno está bem mais informado, bem mais antenado, ele chega na nossa escola e percebe que o conhecimento que ele vai adquirir aqui não é algo totalmente desconhecido, ele já tem uma ideia. Hoje em dia a informática é presente, desde cedo o aluno já tem esse contato, ele não vem totalmente alienado. Então ele já tem um contato com a informática.

E a relação entre professor e aluno nesses 30 anos?

Galassi: A nossa escola é privilegiada, porque eu, em 30 anos, raríssimas vezes eu tive problemas com alunos, eles respeitam demais os professores, a escola, os métodos e analisamos os alunos como um todo também. Hoje em dia nós temos, o que não tínhamos na época, é uma orientadora educacional, que qualquer problema com o aluno, ela consegue resolver, consegue chamar o aluno em particular. Temos um sistema informatizado, que é o NSA, o novo sistema de avaliação, onde o professor pode estar fazendo os registros nesse sistema. O pai do aluno pode estar verificando, de algum equipamento, mesmo no celular ou no *tablet*, *notebook* ele está vendo se o aluno está presente nas aulas, quais avaliações ele fez ou deixou de fazer, qual foi a menção que ele tirou em cada uma das avaliações. Aqui nós não temos sistema de notas e sim

de menções, que é uma nomenclatura por onde a gente consegue avaliar o aluno. MB é muito bom, B é bom, R é regular e I insatisfatório. Então, através desse sistema, também o pai consegue ter esse acompanhamento. A relação aluno e professor se estende além, bem mais porque a gente consegue deixar tudo registrado, o aluno consegue fazer o acompanhamento e qualquer dúvida, ele também pode deixar um registro nesse sistema.

Qual a visão que a comunidade tem, de uma maneira geral, sobre a ETEC DANS?

Galassi: A comunidade tem a ETEC como um ponto de referência, pela estrutura da escola, pelo tempo que a instituição está em Taquaritinga, pelos valores que a escola tem, pela sua trajetória. Liberdade com responsabilidade é um *slogan* da nossa instituição, então quer pelo pai de aluno ou outra pessoa aqui da comunidade, ela se sente privilegiada por esta instituição estar a tanto tempo formando bons profissionais.

Poderia contar um ponto marcante nesta trajetória de 30 anos?

Galassi: Existem vários, mas um dos que eu me lembro emocionante é quando chegou aqui na nossa escola o primeiro lote de máquinas, a instalação do nosso primeiro laboratório, inclusive nós temos fotos. Na época chegou uma um veículo, quer dizer, uma perua Kombi com 10 máquinas, onde nós tivemos a emoção de montarmos o primeiro laboratório. Eu dei aula aqui meses sem um computador. Quando nós conseguimos montar o nosso primeiro laboratório foi um ponto assim marcante, até para cidade porque até então computadores pessoais praticamente não existiam, eram poucos pelo fato de serem muito caros, eram poucas pessoas que tinham um computador pessoal. Foi um fato muito marcante. Hoje em dia nós contamos com nove laboratórios de informática, logicamente com outras máquinas, máquinas atualizadas de última geração, com um espaço muito grande em cada laboratório.

Teria alguma coisa a mais que gostaria de relatar?

Galassi: Nesse período, por duas vezes, eu ministrei aulas em outras duas escolas, eu nunca vou me esquecer, as experiências que eu tive fora da ETEC DANS só me fez reafirmar o que eu já tinha em mente: esta escola é uma escola padrão e, para mim, aqui é uma referência comparado com o nível de

aluno, de educação, de relacionamento, de direção e de professor, coordenação pedagógica, então para mim. Esta escola é a minha casa.

Figura 7 - Rosangela Maria Monteiro



Fonte: redes sociais.

G - Rosangela Maria Monteiro, bibliotecária, docente e coordenadora de curso

Rosangela Maria Monteiro, é natural de Taquaritinga, São Paulo, com descendência italiana. Graduou-se em Biblioteconomia em São Carlos, antiga fundação da cidade onde, atualmente, o curso foi incorporado pela UFSCar.

Iniciou sua trajetória profissional a ETEC DANS em 1991, através de concurso público para bibliotecária, função a qual permanece até os dias atuais. Em 2010, por ocasião de criação e instalação da Expansão 9 de Julho, parceria com a Secretaria Estadual da Educação, inicia sua trajetória como docente determinada e, posteriormente, é efetivada através de concurso. Atualmente é coordenadora dos cursos de Secretariado e Recursos Humanos.

A entrevista ocorreu na ETEC DANS em clima de amabilidade por parte da entrevistada bem como a receptiva ao convite. Denotou disposição para auxiliar, recorrendo as suas memórias pessoais sobre a instituição e seu trajeto de 30 anos. O encontro ocorreu na ETEC DANS, Taquaritinga, em 29.03.19.

Entrevista

Oliveira: Poderia, por favor, nos contar um pouco sobre a sua origem familiar, sua opção em estar trabalhando aqui, se a senhora é moradora da cidade [...]

Rosangela Maria Monteiro: Meu nome é Rosangela Maria Monteiro, sou bibliotecária. Minha origem é italiana, moro na cidade aqui desde que nasci. Fui fazer o curso de biblioteconomia porque achei interessante, assim uma coisa diferente, gostava dessa área. Então fui, adorei, fiz o curso em São Carlos, que era uma escola particular, uma Fundação. Hoje meu curso foi transferido para Universidade Federal, que é a UFSCar, eu fiz biblioteconomia. Tive também uma prima que era bibliotecária, e foi como uma referência para estar escolhendo essa profissão. Iniciei aqui na ETEC em 91, prestando o concurso público para ocupar o cargo de bibliotecária. Estou nessa função até hoje, 28 anos né, e quando foi no período de 2010 foi aberto a expansão da ETEC, oferecendo o curso técnico em secretariado, tendo uma disciplina que só bibliotecário poderia estar ministrando. Então prestei primeiramente um processo seletivo que foi em 2010. Em 2010 eu entrei como professora, iniciei minha trajetória como professora da instituição e no ano seguinte já prestei o processo, o concurso público efetivando como professora. Decorrendo uns os três anos, quatro anos surgiu a vaga, uma oportunidade de estar como coordenadora do curso. Então fui crescendo muito dentro da instituição, e agradeço até hoje, porque me deu uma oportunidade muito boa, de ter contato com todos os setores da escola, todos os níveis, estudante, aluno, professor, a parte administrativa. E estou até hoje. Hoje sou coordenadora. Estou como coordenadora do curso técnico em secretariado e de recursos humanos.

Gostaria que contasse os primeiros tempos, da instalação, da estrutura física, a infraestrutura da escola, como que era o quadro de docentes, à procura dos alunos pela biblioteca [...]

Monteiro: No início, quando eu entrei aqui na biblioteca, a biblioteca era formada por uns 30 livros, tinha três estantes. Hoje nós estamos com um acervo mais de 5.000 livros e já temos nos sistemas que é o *Biblio system*, que é

aplicado em todas as ETECs e FATECs, estamos trabalhando com ele e, na época que eu entrei aqui na escola, eram só dois cursos: alimentos e na época, era PD que eles falavam, que é hoje a informática, que já foi mudado para desenvolvimento de sistemas, eram poucos alunos. Nós éramos como uma família, eram muito poucos professores. Hoje, com o passar do tempo, já somam mais de 12 cursos e mais de 90 professores, então aumentou muito a estrutura da ETEC.

E quanto a estrutura física da instituição? Como ela é formada?

Monteiro: Ela tem todos os departamentos que compete uma escola técnica, os laboratórios muito bem estruturados, temos muito laboratório na área de alimentos, com uma estrutura excelente eu acredito, e muitos laboratórios de informática, que hoje, agora esse mês, estão todos sendo remodelados, temos a biblioteca, temos o refeitório que passou por uma reforma. Antigamente a quadra não era coberta agora é, então foi passada para uma reforma e tem uma estrutura muito boa para escola.

Em sua opinião, a matriz curricular, as questões de pedagógicas da escola, houve alguma alteração que gostaria de enfatizar nesses 30 anos?

Monteiro: Eu conheço mais agora, estou conhecendo mais o curso de secretariado e recursos humanos. Desde que eu estou nessa função não houve alteração, mas eu acho que é uma grade excelente porque atinge todos, todas as partes do secretariado como de recursos humanos. Ele é multifacetado entendeu? Então o aluno pode trabalhar em diversas áreas, é uma grade muito ampla. Oferece uma noção geral ao aluno. No curso de secretariado, ele não fala somente da parte de secretária mesmo, ele dá uma noção geral do curso, uma parte administrativa, línguas que tem nos três módulos, e informática. Eu acredito que é um curso muito amplo.

Por ser uma escola profissionalizante, acredita que haja uma unificação entre trabalho e escola? Existe uma ponte entre trabalho e escola?

Monteiro: Como coordenadora desses cursos, o que eu trabalho muito em cima é estar encaminhando esse aluno para o estágio, porque aí eu acho que ele se interessa mais pelo curso e diminuimos na evasão, que é um problema nas ETECs hoje em dia. Nós estamos trabalhando, eu estou

mandando muitos alunos para estágio, então eles ficam com vínculo e não abandonam o curso. Assim, se interessam mais pelas aulas, tem mais vontade de ir para escola.

Nessa jornada de 30 anos, tem algum momento específico que ele foi marcante?

Monteiro: Eu gosto da escola, eu brinco com meus alunos, falo assim: “se vocês quiserem me encontrar não me ligue, não ligam na minha casa, me liga na ETEC porque eu fico praticamente três períodos na escola porque tenho acúmulo de cargo, então não tem como! Manhã, tarde, noite, todo dia. Então eu gosto muito de trabalhar, tanto que eu já tenho tempo para estar aposentada como bibliotecária, mas ainda estou segurando, não estou pedindo, porque eu sei que vai ser uma perda grande para escola, porque depois não tem ainda processo, concurso para estar colocando outro no meu lugar. É a minha vida aqui. Eu gosto muito da convivência com a aluno, professor, e eu tenho só agradecer. A qualidade das ETECs é um fator de destaque, no último vestibular ressaltou que o ensino médio colocou muitos alunos em faculdades públicas, até tem um aluno nosso que foi assim, que passou em primeiro lugar na USP em Odontologia, saindo de uma ETEC. Então eu acho que é isso daí que a gente tem que preservar, a qualidade do ensino.

Figura 8 - Sidemar Donizete Rodolffi



Fonte: redes sociais.

H - Sidemar Donizete Rodolffi, agente técnico administrativo

Sidemar Donizete Rodolffi é natural de Santa Ernestina, cidade próxima à Taquaritinga, em São Paulo. Iniciou no mercado de trabalho como balconista. Posteriormente, ingressou na instituição como estagiário, em 1990.

Neste mesmo ano, ingressou, através de concurso público, como atendente de classe. O cargo posteriormente foi extinto, passando a ser designado como agente técnico administrativo e, até o presente momento, trabalha na ETEC DANS, na parte administrativo do departamento pessoal.

A entrevista ocorreu na ETEC DANS, de forma amigável, cortês e gratificante para ambas as partes. O entrevistado foi extremamente solícito, se oferecendo rapidamente para auxiliar, quando convidado a relatar sua trajetória. A emoção, mais uma vez, dominou a narrativa. O encontro ocorreu na ETEC DANS, Taquaritinga, em 29.03.19.

Entrevista

Oliveira: gostaria de solicitar que compartilhasse sobre sua estada no município e de que forma ingressou na instituição.

Sidemar Donizete Rodolffi: Minha família era de Santa Adélia e resolveram mudar para Taquaritinga. Somos descendentes de italianos. Meu ingresso aqui na ETEC foi no comecinho de 90, mais ou menos, como estagiário. Eu trabalhava numa padaria, era balconista e fiquei sabendo da vaga de estágio, onde eu fui fazer uma entrevista com a professora Celinha. Na época quem estava respondendo pela direção era Mário Amado, que era o diretor da cidade de Mococa, ele estava respondendo pela direção da ETE Vila Rosa na época até, não era ETEC DANS, era Vila Rosa, depois com a Nova Vila Rosa e assim foi indo. Mas eu comecei como estagiário e, na época que tinha não tinha muitos funcionários, a gente fazia de tudo, colaboravam todos os setores que a gente podia colaborar. Era a secretaria e alunos que a gente podia ajudar, a gente ajudava.

Oliveira: E como foi essa passagem de estagiário? Poderia fazer um relato de estagiário até hoje, como auxiliar?

Rodolffi: Comecei como estagiário, e fazíamos de tudo. Eu estava aqui na metade de 90, mais ou menos, saiu o edital do concurso, aí resolvi prestar o concurso, até na época o concurso tinha fases, tinha a prova escrita, entrevista, até a entrevista foi feita com o pessoal de São Paulo e aí eu passei no concurso no cargo de atendente de classe e o que que eu posso falar? A convivência com os alunos antigamente era muito boa, o pessoal ficava, a gente tinha uma conversa porque era, como tá sendo hoje, voltando a ser hoje, o período integral com ensino médio e o técnico e à noite o curso. Além do curso técnico, englobava também o ensino médio, então a duração dos cursos, no começo eram de três anos e depois a noite passou a ser quatro anos, como era um período de estudo bem mais curto, então tinha que ter um ano a mais para poder seguir a grade.

E quanto a infraestrutura, nesses 30 anos, nesse período o senhor passou de atendente de classe e passou para o setor administrativo? Como foi isso?

Rodolffi: Como era atendente de classe, houve uma mudança pelo governo, ele extinguiu os atendentes de classe denominando todo mundo como agente técnico administrativo, que era nível ensino médio. Na época, era a dona Carmem, a Arlete e eu. Nós passamos de atendente de classe para auxiliar administrativo.

E quanto a infraestrutura? Quando começou quantas salas eram? Como que é hoje?

Rodolffi: Quando eu comecei aqui, se eu não estiver enganado, no período do dia acho que tinha duas salas acho, que era uma de técnico de informática, do processamento de dados, na época e o técnico alimentos que até hoje é o técnico em alimentos mesmo. Eram duas turmas no diurno e à noite duas turmas também. Quanto a infraestrutura, computador essas coisas antigamente eram boas, mas tinha o equipamento para eles trabalharem nos laboratórios tranquilamente. Os professores davam excelente aulas.

E a cidade em si, a economia local, ela expandiu? Qual foi a importância da ETEC DANS para o município e região?

Rodolffi: Foi muito importante para nós, tivemos muitos alunos que se formaram aqui, que estudaram com a gente, que continuaram seguindo as suas profissões e fizeram faculdade. Tem muitos pais que estudaram aqui e hoje tem os filhos estudando. Nós temos gente que foi aluno nosso da ETEC, hoje dá aula em ETEC. Para a cidade assim, foi um ganho enorme porque na época, quando começou, se eu não tiver enganado, no estado todo eram sete FATECs e 14 ETECs no estado todo, então para estudar numa ETEC era um privilégio, que a concorrência na vaga é muito grande. E então pegava 14 escolas técnicas no estado todo. Para entrar aqui a concorrência era assim seis, sete por um. Então era um privilégio, até o pessoal que tinha mais poder aquisitivo tentava prestar o vestibular que era bem concorrido, um privilégio mesmo. É que hoje não é que a ETEC, caiu, é que são muitas ETECs, a gente tinha, vamos supor, ETEC de Taquaritinga. O que que ela abrangia? Abrangia Jaboticabal, Guariba, Monte Alto, Taiuva, Vista Alegre, toda a região aqui, de Itápolis, Ibitinga, a gente tinha aluno da região inteira. Hoje pode ser que tenha diminuído a concorrência para o curso por quê? Aqui na nossa região, nós temos Monte Alto, ETEC em Guariba, classes descentralizadas em Jaboticabal, ETEC em Ibitinga, a classe

descentralizada em Itápolis, então diminui um pouco, a procura era muito grande, mas mesmo assim ainda a gente tem uma ótima demanda porque se falando em ETEC Doutor Adail Nunes da Silva é uma referência muito boa para os alunos.

A unificação, porque é uma escola diferenciada, é profissionalizante. Então qual a relação entre escola e trabalho para economia local? Esses cursos foram voltados para a economia local visando uma vaga de emprego? Como que foi isso a escolha desses cursos? E a unificação entre trabalho e escola?

Rodolffi: Quando começou a ETEC, antes de começar os cursos, pelo que eu fiquei sabendo, foi feito um estudo porque a gente tinha muitas indústrias de informática começando a expandir, então era o mercado de trabalho muito grande. Você fazia uma informática, um técnico em alimentos, vamos supor, era mais valorizado do que uma pessoa que tem a faculdade e foi feito um estudo. Como tinha muitas indústrias aqui na região, essas coisas voltadas para o técnico alimentos, o eixo do alimento na época da industrialização, o eixo tecnológico, a informática foi utilizada. Teve alunos nossos, os próprios alunos que fizeram informática e abriram suas próprias empresas tudo, mas era muito concorrido aqui.

E de todas essas experiências, o que é isso foi significativo para o senhor? Essa experiência de 30 anos o que significa para o senhor?

Rodolffi: Para mim, mudou muito a minha visão, porque eu era assim, meio desleixado para estudar as coisas, aí acabei vindo trabalhar numa escola. Mudou muito a minha visão de ver o estudo, vendo que se pode ir muito além, você tem que estudar e se preparar melhor para o mercado [...] mudou bem a visão.

E de toda essa vivência de 30 anos, tem alguma experiência particular? Alguma experiência particular que ou acontecimento foi mais marcante?

Rodolffi: Foram várias, é difícil descrever, como ver a felicidade dos pais da primeira turma se formando aqui, como a primeira turma da Mara que trabalha com a gente, ela é aluna da primeira turma. A gente vê o acompanhamento do aluno, você vê que foi uma coisa útil né, então é bem gratificante.

Figura 9 - Mara Sílvia Polezi Lui



Fonte: redes sociais.

I - Mara Sílvia Polezi Lui, egressa com vínculo empregatício de auxiliar docente

Mara Sílvia Lui Polezi é natural de Taquaritinga, São Paulo. Sua descendência é de origem italiana, portuguesa e espanhola. Iniciou seu contato com a instituição como aluna, na primeira turma de alimentos da ETEC DANS.

Foi homenageada como a melhor aluna do curso de alimentos, tendo concretizado anteriormente o magistério. Ingressa na ETEC DANS profissionalmente em 1992, através de concurso, como auxiliar docente, atuando nos laboratórios de alimentos. Realizou a graduação em pedagogia.

Desta forma, tornou-se aluna egressa com vínculo empregatício até a presente data.

A entrevista ocorreu na ETEC DANS, com todo o acolhimento da entrevistada possível. Ao ser solicitado a entrevista, prontamente emprestou, para a pesquisa, fotos e acervo pessoais de sua época estudantil. A emoção foi uma constante na narrativa, dita com ênfase e orgulho da instituição. Finalizada

a entrevista, retornou e fez questão de registrar o Trabalho de Conclusão de Curso sobre o acerolado, devido a sua lembrança após o término da entrevista. A emoção se fez presente por ambas as partes. O encontro ocorreu na ETEC DANS, Taquaritinga, em 29.03.19.

Entrevista

Oliveira: Poderia relatar desde sua entrada na instituição como estudante, seu ingresso, ou seja, essa fase inicial de aluna?

Mara Sílvia Polezi Lui: Grande parte da minha vida passei aqui na minha ETEC, a minha fase de estudante aqui em Taquaritinga foi o seguinte: eu já era casada na época, não tive oportunidade de fazer uma faculdade, então a vinda da ETEC Taquaritinga para mim, foi assim um sonho, que eu podia ampliar meus estudos uma escola técnica. Eu escolhi o curso de alimentos, que era uma das áreas que eu sempre gostei como os laboratórios. E assim, como o apoio da família foi muito grande, lógico, principalmente do meu marido porque eu ia realizar um sonho de uma faculdade que, até então, Taquaritinga não tinha nenhuma faculdade, a única de nível superior era a Escola Técnica de excelência desde então. Minha família é uma mistura muito grande de origem, a maior parte italiana, meus avós paterno italianos, meus avós maternos alemães, portugueses, mas é uma mistura boa aí. A família do meu marido todos são italianos. O ingresso na ETEC, eu fui a primeira turma, não conhecia direito e ia aprender junto com a primeira turma. Na época para a gente aqui, era tudo novidade, mas não me arrependo de nenhum momento de pensar nessa família ETEC DANS porque aqui eu formei e aqui eu trabalho já há 27 anos e com três de estudante 30, que é o que a escola está completando. Na minha época de alimentos foi fantástica, a escola foi construída conosco, os laboratórios, tudo o que foi chegando fomos dando valor a cada conquista. A diretora na época, a Celinha Gabriel, que é fantástica, conseguiu muita coisa inclusive a ETEC. Acabando o curso, eu fui a melhor aluna, apareceu os primeiros concursos eu era mais velha já, tinha já feito magistério, prestei o concurso para ser auxiliar docente, trabalhar no laboratório. Eu vi chegar os equipamentos, os livros, aí eu prestei o concurso. Fui aprovada, perante várias pessoas que vieram prestar. Ingressei em 92 e ali continuam a mesma trajetória, mais equipamentos, mais

aulas a escola foi ampliando, novos cursos. Tinha só técnico de alimentos integrado passou aquele técnico noturno, que até então não tinha. Depois já criou mais ainda, com meu esposo, de agroindústria, curso de química, que tentamos, junto com os professores, montar grade desse curso. Eu fiz parte aí, novamente, do levantamento do que precisava do curso de química. Então agora, na parte dos laboratórios, conta com três grandes cursos: de alimentos, o ETIM integrado com alimentos, o ETIM integrado com química e a agroindústria noturno. Então, a escola cresceu muito, os laboratórios são maravilhosos, bem estruturados, a gente tem um trabalho bem diferenciado.

E qual a importância da criação da ETEC DANS, na época da sua implantação? Qual foi o impacto social e econômico para região?

Lui: Na época, Taquaritinga não tinha nenhuma faculdade. O pessoal tinha que viajar muito para poder estudar, no meu caso eu não conseguia fazer isso, então a vida na cidade de Taquaritinga foi assim. A vinda da ETEC para Taquaritinga foi um marco, a ETEC era vista assim, como uma faculdade, tanto as nossas primeiras formaturas, tanto a minha por exemplo, era nível de uma faculdade, era uma celebração, tudo que fazíamos na época era comentado, divulgado, a mídia sempre muito em cima por que? Taquaritinga sempre foi ensino técnico e médio gratuito com qualidade, esse é o nosso lema, então foi um marco muito importante. Depois, é claro, que veio FATEC, as outras faculdades particulares, mas a ETEC nunca perdeu sua fatia no mercado da procura pelo ensino, inclusive, o ensino na época da implantação, a região que vinha estudar era muito grande porque tinha só 13. A nossa região era uma região muito grande, a gente tinha alunos de todos os lugares. Agora dividiu um pouco mais, mesmo assim hoje eu vejo, depois de 27 anos, que filhos de alunos das primeiras turmas retornam para estudar. Eu já pude participar de vestibulinhos que os filhos dos alunos, das primeiras turmas retornam com os pais e eles mostrando, glorificando a escola que ele estudava, palestrantes que vieram aqui, hoje são doutoras, mestres, vieram palestrar na ETEC e a primeira frase é: lembro o tempo que fui aluna do ensino médio. Entro na escola lembrando a cada espaço que curti meu ensino médio, então eu acho que a gente fez história e faz história ainda.

Quanto ao aspecto pedagógico, percebe diferenças, por exemplo, sobre a matriz curricular? Outra questão é quanto aos cursos iniciais, que eram os alimentos e processamento de dados. Qual a unificação desses cursos? Foram montados a partir da necessidade local ou não? Por que esse é o diferencial, é uma escola técnica profissionalizante?

Lui: Na época, eram os dois cursos que a nossa região e Taquaritinga precisavam. Processamento de dados que começava a deslançar em todos os setores e o técnico de alimentos era a base aqui da região. As indústrias da região de Taquaritinga, tínhamos a fábrica Peixe, que eu trabalhei por um tempo lá, precisava suprir isso, as necessidades da nossa região por isso que eu acho que foi escolhido alimentos e o processamento de dados, que veio a contento de Taquaritinga e região. Por isso eu acho que já começou sendo um sucesso. Por um longo período de tempo, o técnico de processamento de dados, agora informática e o técnico de alimentos ainda persiste, que são *top* no vestibulinho. Por quê? É a base da região. Os outros cursos são importantes? Sim, todos tem a procura grande porque a ETEC Taquaritinga se posicionou bem e ainda é muito procurada. É como eu falei: voltam os filhos de quem passou por aqui, sabem a qualidade do ensino, porém os cursos precursores, persistem e são procurados.

Do seu ponto de vista, que trabalha com laboratório de alimentos, quais foram os pontos mais fortes, os pontos mais fracos da escola durante a trajetória de 30 anos?

Lui: Os pontos fortes, são os laboratórios que foram montados, claro que gradativamente, é laboratório caro, então passamos por problemas de estar montando, estar conseguindo esses laboratórios. O ponto forte é o diferencial mesmo, das aulas práticas, dos equipamentos que temos, entendeu? Então eu acho que o aluno sai preparado para ir para qualquer lugar, aliás as empresas nos procuram para pedir estagiários, ou, por outro lado, tem empresas que pedem para que os seus funcionários façam o curso de alimentos. Até empresas da região de Catanduva por exemplo, o funcionário tem que fazer um curso, tem que ser técnico, no mínimo de alimentos. Agora de química, para estar trabalhando na empresa, a empresa pede para que eles venham fazer o curso.

Então podemos pensar que a escola tem uma forte parcela de participação na comunidade e que a sua origem basicamente é italiana, de imigrantes e que valorizavam o estudo ou não? Ou já mesclou hoje?

Lui: Ah, sim, claro, sempre valorizando o estudo porque com estudo [...] se naquela época não tivesse feito o curso técnico de alimentos, eu não estaria 27 anos em um emprego e se realizando.

Como é a relação entre professores, alunos, estudantes nesse transcorrer de três décadas? O que mudou?

Lui: Com tempo os alunos vão mudando, as informações, as tecnologias, na época a gente não contava com o Google, com internet, com celular. Hoje em dia, os alunos são mais jovens, mais audaciosos. Mas é, eu acho que ainda a gente precisa valorizar a relação professor-aluno, o espaço físico, os laboratórios mesmo, a gente conversando com a era da mídia, da informática [...], mas eu acho que esse contato, a parceria de professor-aluno, laboratório ainda é o nosso diferencial.

E tem alguma coisa mais que gostaria de dizer que foi significativo nesses 30 anos?

Lui: É gratificante, vemos todas essas gerações que passaram, e muitos voltaram como professores. Eu tenho bastante professores que aqui foram alunos, então é gratificante você ver uma criação e o resultado! É um resultado positivo. Claro que sempre com trabalho, com os esforços de todo mundo, as dificuldades que nunca deixou de ter, mas eu acho que de uma maneira geral, isso vale muito a pena. A gente vê que gerações e gerações, muitos deles fizeram a carreira com a base na ETEC.

Alguma coisa que ainda queira relatar?

Lui: Lembrando que na época dos projetos de finalização de curso, quando contávamos com a fábrica Peixe nos apoiando, havia um grupo de alunos muito arrojado. A fábrica Peixe desenvolvia goiabada e os alunos resolveram desenvolver uma coisa semelhante, mas inovadora, desenvolver o acerolado. Na época foi um grande sucesso, com a Rede Globo vindo cobrir a matéria, que acerolado era um doce semelhante a goiabada, porém com outra característica de vitaminas, da acerola e a fábrica Peixe, nos apoiou, abriu as

portas. Eles foram acabar o processamento lá, de uma forma industrial real para os alunos, é claro que todo um atendimento separado, mas eles puderam ver o acerolado deles sendo processado pela indústria. Embalou, colocou bonitinho rótulo, tudo como se fosse para venda. E a apresentação de projeto de finalização de curso, realmente sucesso que até Rede Globo se fez presente, mostrando passo-a-passo do curso técnico, onde os alunos chegam, o desenvolvimento de nossos produtos. Foi muito bacana na época! Eu não podia deixar de relatar todas essas histórias, das finalizações dos TCCs.

Figura 10 - Aliandra Rissi Morata



Fonte: redes sociais.

J - Aliandra Rissi Morata, egressa com vínculo empregatício de agente técnico administrativo.

Aliandra Rissi Morata, egressa com vínculo empregatício de agente técnico administrativo, é egressa da ETEC DANS, dos cursos de técnico em administração e informática. Graduou-se em matemática, ministrando aulas como docente eventual, na rede pública de ensino.

Em 2001, realizou concurso público, no regime autárquico, com aprovação na função de agente técnico administrativo, o qual permanece até esta data. Assumiu a função de diretora de serviço entre 2008 e 2009, contribuindo para a efetivação de diversas obras físicas.

A entrevista ocorreu na ETEC DANS, em ambiente harmonioso e tranquilo. A espontaneidade e disponibilidade da entrevistada foram totais, se prontificando rapidamente a auxiliar a pesquisadora. A origem familiar da colaboradora é italiana, narrando o quanto sua família é ligada à terra. O encontro foi nortado de muitas emoções, tanto de risos como de choro, na

busca de memórias, onde ambas foram afetadas, ora por lágrimas, ora por tenras recordações. O encontro ocorreu na ETEC DANS, Taquaritinga, em 29.03.19.

Entrevista

Oliveira: Poderia relatar seu ingresso na ETEC DANS desde a sua época de estudante e posteriormente o seu ingresso na instituição como profissional, sua origem familiar.

Aliandra Rissi Morata: Eu comecei como estudante, fiz dois cursos aqui na ETEC através do vestibulinho, eu prestei a prova, o vestibulinho. Na época não era nada eletrônico, a gente tinha que preencher ficha manual, então vim até aqui, tinha fila enorme, a gente vinha, participava aí dessa fila para preencher a ficha e depois o vestibulinho era como é hoje ainda. Mas foi muito assim para mim (pausa) tá sendo ainda claro, tá aqui, mas lá no começo como estudante foi, foi muito foi muito bom depois de estudante estar passando para parte administrativa. Na época que eu entrei, era oficial administrativo, depois passou para auxiliar administrativo né, e hoje é agente técnico administrativo devido as evoluções que foram acontecendo. Eu fiz o curso de informática e fiz o curso de administração, na época era técnico em administração, era QP, qualificação profissional em administração. Em 2001 eu entrei como funcionária, prestei o concurso, o concurso estava quase para vencer, eu estava dando aula em substituição no Estado, sem ser concursada, já tinha feito faculdade de matemática, quando me ligaram daqui para eu vir dar a resposta se eu queria ou não trabalhar aqui na escola. Eu no mesmo dia, e isso aconteceu e março, abril de 2001. Aí foi exposto tudo, como que ia ser como oficial administrativo, aceitei, daí já uns dias já comecei a trabalhar e tinha muito trabalho na época! Eu vim para trabalhar direto na diretoria de serviço, como oficial, mas junto com a diretoria de serviço. Era muito trabalho, tinha poucos professores na época, mas estava começando a ter toda essa evolução, essa mudança, estava tendo, começando a ter curso de manhã, na época. Então, estava começando a ter um aumento de funcionários e eu entrei, foi assim o meu primeiro emprego, fora dar aula que eu estava como eventual, substituição, vamos dizer um emprego registrado ali, no papelzinho, tudo certinho, vamos dizer oito horas por dia foi meu primeiro emprego. Eu cresci muito, aprendi muito, não só em trabalho, mas

para vida. Era o meu primeiro emprego, tudo novo, parte administrativa, tudo novo para mim, mas devagar eu fui aprendendo. Aí teve mudança de direção, depois a mudança de diretoria de serviço também, e fui aprendendo, crescendo. Eu tive convite para tá indo para a diretoria de serviço, para assumir a função de diretora de serviço, e eu fiquei aí no período de 2008 até final de 2009. Eu fiquei um ano e pouquinho mesmo, e foi muito aprendizado, muito suor, muito difícil porque eu acabei ficando assim sozinha. Na época era diretoria de serviço, diretor de serviço e não tinha ninguém para me ajudar foi onde, junto comigo, veio a Dona Angélica, como ATA, ela me ajudou muito na época, ela me ajudou muito assim, pelo pouco conhecimento que ela tinha de Centro Paula Souza porque quando eu entrei na diretoria do serviço ela entrou no Centro Paula Souza. Então ela de Paula Souza ela não tinha muito conhecimento, mas ela sabia muito de leis, então ela acabou me ajudando, ela ficava comigo até tarde da noite para terminar a folha de pagamento, então foi um período que ela me deu um suporte emocional muito grande. Nessa época era o professor Valmir o diretor da escola. Foi ele que me convidou e aí a gente começou a trabalhar junto, a escola nesse período teve um crescimento muito grande, porque eu sempre dizia para o Professor Valmir: “vamos pedir, no máximo o que eles podem dizer para a gente é não, isso a gente já tem, vamos pedir então!” “Era ofício, eram ligações, a gente passou muito tempo assim, ia para São Paulo. Quando eu ingressei coincidiu de eu estar me casando, foram duas coisas ao mesmo tempo na minha vida. Eu me casei e depois de uma semana, fui para São Paulo fazer um curso de uma semana sobre folha de pagamento! Tivemos uma mudança total da escola, corremos atrás, o professor Valmir falava: “vamos mandar, vamos mandar ofício, vamos pedir! Vai vir negado? Não tem problema que não vai vir!”. E a gente pedia mesmo, ligava e era fazia, na cara dura e, graças a Deus, conseguimos muitas conquistas, muitos resultados e coisas boas como, por exemplo, o nosso salão foi construído assim na raça, na luta. Fizemos uma reforma, conseguimos todas as cadeiras novas, telas de projeção, projetor, cortinas, fizemos uma inauguração com o nome da mãe do ex-prefeito Tato Nunes, a Dona Biloca que é até hoje. Foi muito proveitoso, nesse salão maravilhoso, pedimos muitas coisas, a cobertura da quadra, pedimos rampas de acessibilidade, ampliações, reforma da parte elétrica, parte hidráulica da escola e fomos pedindo, pedindo, pedindo. E aí a gente até perdeu a conta de tudo que

a gente foi pedindo enquanto eu estava na diretoria de serviço. Colhemos alguns frutos, não foram todos que foram pedidos que a gente conseguiu colher, mas esses frutos vieram posteriormente. Temos hoje a nossa quadra coberta, temos as rampas, temos a ampliação, temos um carro novo, pedimos esse carro, veio esse carro para escola até hoje, elevador, toda essa parte de acessibilidade, ampliou-se a escola, salas, laboratórios, o refeitório, toda a parte ali foram reformada, foi construído o refeitório. Isso foi um grande, uma grande conquista para a gente né. E por motivos particulares eu voltei a minha função de agente técnico administrativo. Eu estou lá e hoje vejo toda essa parte da escola, essa transformação e isso para mim é um grande orgulho, tenho orgulho dessa escola por ter estudado, por ter lutado por ela e estar lutando. Continuarei lutando porque aqui, a gente ganha o nosso pão de cada dia. Temos muitos amigos, o que eu acho muito importante, a gente faz aqui a nossa segunda família. Eu passo oito horas por dia aqui, acabo ficando mais aqui do que quase em casa. É um ambiente muito bom, ambiente gostoso, a gente trabalha, a gente tem as nossas adversidades, mas isso a gente acaba resolvendo e conquistando. E tudo é muito importante, a gente vê tudo, esse crescimento grande que a nossa escola teve com relação alunos a profissionais. Quando entrei, eram poucos professores, muitos funcionários administrativos, depois tivemos muitas aposentadorias. Hoje estão vindo alguns funcionários em regime diferente do meu regime, contratados pelo regime CLT, eu sou contratada pelo regime autárquico, fui a última, eu e o Eduardo, nós somos os últimos funcionários contratados pelo Centro Paula Souza no regime autárquico. Depois da gente, os funcionários que vieram foram regimes CLT, esclarecendo, professor já era CLT, os funcionários que eram regime autárquico. Atualmente os que estão são contratados pelo regime CLT. Graças a Deus hoje nossa escola está bem e, comparando com outras escolas, outras unidades do próprio Centro Paula Souza, a gente vê que precisa mesmo é pedir, lutar pelo que a gente quer, nós temos hoje a extensão, que funciona no Nove de Julho, que também veio para agregar conhecimento.

Qual é o valor que a ETEC DANS tem para comunidade? Qual a visão da comunidade em relação a ETEC DANS?

Morata: Essa escola trouxe muita coisa boa para o bairro da Vila Rosa e para cidade, porque quando se fala ETEC, que eu estudo na ETEC, que eu

estudei na ETEC, a gente percebe que cada pessoa, cada profissional ou cada aluno que está aqui e fala: eu estudo na ETEC com aquele orgulho e eu sinto isso também!! Onde você trabalha? Na ETEC! Eu sinto orgulho de trabalhar aqui na ETEC e todo mundo: nossa!! Você entrou na ETEC!! Quando eu passei aqui no concurso, nossa! Você está trabalhando na ETEC? Que bom, nossa, é uma escola muito boa e local muito bom. A gente vai vendo isso e percebendo que a escola é o que a gente faz. Acho que a nossa comunidade ETEC, que vem aí desde a nossa diretora Célia Gabriel, a ETEC, a nossa comunidade, como ela sempre disse: “nós somos uma comunidade”. Eu tive o privilégio de ter trabalhado com ela, que foi muito bom, é emocionante, às vezes difícil, mas ela me ensinou muito. Teve momentos muito difíceis para mim, mas de aprendizado e hoje eu digo assim: foi bom! Foi bom porque eu aprendi. Sinto bastante orgulho de estar trabalhando aqui [...]

Pausa

Morata: [...] emoção é muita, porque estou aqui há 18 anos, então a gente para e pensa e fala: puxa, são 18 anos! Já estou ficando até maior de idade!

Dentro esta experiência, existe a unificação entre trabalho e educação?

Morata: Com certeza. Nossos alunos são muito privilegiados, porque o trabalho, o ambiente da nossa escola é muito bom, é muito importante, eu acho que a gente tem muito aprender e a levar daqui para nossa vida. Não só em aprendizado pedagógico, mas de vida. É importante isso, relacionamento é importante, eu acho que se você encontrar um aluno no corredor e falar: não joga esse papelzinho aí não! Vamos pôr no lixo! Isso já é uma grande coisa pelos nossos alunos e para a gente também, porque aprendemos com eles. Mesmo estando na parte administrativa, não tendo contato em si muito grande com os alunos e mais com professores, com funcionários, eles acabam procurando saber quem somos, o que fazemos. Às vezes você fala: nossa, mas ele nem sabe que eu existo aqui no fundo! Sabe sim, eles sabem sim, porque eles querem saber como a nossa escola funciona e é isso que é importante, a gente tem que fazer sempre o melhor para poder dar para eles. Damos o exemplo do que a gente faz, o que a gente é, para os nossos alunos, eles são o nosso foco, o nosso objetivo é que eles saiam daqui não só com conhecimento pedagógico, mas com toda uma bagagem de aprendizagem.

Gostaria de complementar com mais alguma coisa, algo que tenha sido significativo, ímpar na sua vida, tanto de estudante quanto de profissional na instituição?

Morata: Eu só quero dizer assim, que foi no período que eu fiquei na diretoria de serviço, foi um período muito desafiador para mim, foi o período assim, que eu aprendi muita coisa, que permitiu eu ter o conhecimento do que é o Centro Paula Souza, do que o Centro Paula Souza realmente quer transmitir para todos os alunos e para toda a comunidade. O Centro Paula Souza quer mostrar que é profissionalizante, isso é importante realmente para todas as pessoas que por aqui passam, tanto aluno como professor.

Figura 11 - Ronaldo Ogasawra



Fonte: redes sociais.

K - Ronaldo Ogasawara, egresso com vínculo empregatício de agente técnico administrativo

Ronaldo Ogasawara é natural de Taquaritinga, São Paulo e descendente de japoneses. Iniciou seu contato com a ETEC DANS como estudante do ensino médio integrado com o processamento de dados, nomenclatura adotada na época.

Durante três anos, trabalhou no Japão. Ingressou na instituição, através de concurso público, em 2010, convocado em 2011. Atualmente, integra o quadro da secretaria acadêmica da unidade escolar.

A entrevista ocorreu na ETEC DANS, de forma tranquila e acessível. O entrevistado foi extremamente receptivo ao ser convidado, quando informou ser da terceira turma do Processamento de Dados, do período noturno. Notadamente, ao relatar sua trajetória de estudante e profissional, a emoção, por vezes, foi percebida em sua face. Demonstrou orgulho de estar e fazer parte da

instituição e, mais uma vez, a pesquisadora junto com o colaborador, se emocionaram. O encontro ocorreu na ETEC DANS, Taquaritinga, em 29.03.19.

Entrevista

Oliveira: Como foi seu ingresso hoje na ETEC DANS, primeiro com um aluno e depois como egresso, sendo funcionário da instituição? Qual sua origem familiar?

Ronaldo Ogasawara: Na verdade, minha origem familiar, os meus irmãos mais velhos, o mais velho cursaram faculdade. Naquela época era muito difícil, entrar numa faculdade pública, Taquaritinga tinha poucas unidades de opções para fazer faculdade então, a minha opção que eu achei mais viável na época, era prestar o vestibulinho na ETEC, em processamento de dados. Prestar e passar no vestibulinho no processamento de dados foi o meu primeiro ingresso aqui na ETEC DANS. Eu fiquei muito contente foi pelo fato que, naquela época, havia só dois cursos: o de alimentos e o de processamento de dados. Era muito concorrido, vinha muita gente de fora, para eu passar no vestibulinho foi motivo de muita alegria, estar entrando aqui na ETEC para fazer o curso técnico de processamento de dados. Na ETEC, o curso era à noite, eram quatro anos integrado ao ensino médio. Na época o computador era um objeto de muita curiosidade por parte da pessoa, não era todo mundo que tinha computador em casa, muito diferente de hoje. Desvendar os mistérios da Informática naquela época era muito instigante. Então todo mundo começava a se interessar verdadeiramente pela informática, foi muito proveitoso, os quatro anos aqui na ETEC foram grande valia, sabe, posteriormente eu não pude seguir a carreira de técnico na parte de informática. Eu fui para o Japão e fiquei três anos lá. Eu lembro que eram as primeiras turmas. A parte pedagógica e a parte física da escola estava assim, engatinhando. A estrutura física da escola não era lá essas coisas em termos do que é a escola hoje, hoje eu vejo que a escola progrediu muito principalmente na parte física, na parte de laboratório. Os laboratórios aqui da ETEC são todos muito bem equipados, naquela época não havia poucos computadores, a gente tinha que dividir o computador com dois ou três alunos.

Na parte física da escola, a quadra não era coberta, a gente tinha o curso de educação física, fazíamos pela manhã, no sol, chuva, então era muito ruim isso. Agora mudou bastante. Agora falando especificamente do curso, naquela época o modelo da *Microsoft* era basicamente o processamento de dados, era voltado a linguagem de programação que a gente usava na época, era o Cobol, hoje em dia nem se ouve mais falar disso nem essa parte de Cobol, Basic, era muito mais voltado para isso daí. Internet, naquela época, estava começando a engatinhar, no Brasil realmente era muito difícil, a gente não tinha acesso. Era mais assim, tinha mais em países desenvolvidos né, Estados Unidos, Japão e no Brasil estava realmente engatinhando ainda. Com relação a parte econômica, eu falo agora como funcionário né, o Centro Paula Souza era, quem trabalhava aqui na ETEC naquela época, era muito valorizado, eu me lembro bem que o pessoal que entrou no começo, quem trabalhava no Centro Paula Souza o salário era equiparado com quem trabalhava na UNESP, então hoje em dia isso mudou. À partir do governo do Mário Covas, isso daí se tornou inviável, o governo achou que os trabalhadores do Centro Paula Souza não poderiam ser equiparados ao salário de quem trabalha na UNESP, então isso para nós hoje em dia, é um dos grandes empecilhos, uma das coisas que muito desanima né, nos deixam muito chateados porque a gente não vê o nosso trabalho valorizado. Com relação ao trabalho que eu realizo aqui na ETEC, a escola nos dá toda estrutura é que nem eu disse, o trabalho da gente, não se sente valorizado. Eu entrei aqui na ETEC através de um concurso realizado em 2010, fui convocado no ano de 2011, então já fazem aí oito anos estou trabalhando aqui que eu estou trabalhando aqui na ETEC. Continuando a falar da época que eu era estudante, eu trabalhava com o meu pai, ele tinha um pequeno comércio de verduras. A inauguração da ETEC de Taquaritinga, foi assim muito esperado, essa escola, esse curso principalmente o curso de alimentos e processamento de dados por que? Naquela época, a cidade girava em torno da agricultura e o comércio também era muito forte, então os dois cursos eram bem-vindos aqui em Taquaritinga. Eu lembro que a parte de processamento de dados, o meu TCC, foi um sistema que a gente elaborou para fazer o controle de estoques da quitanda, do varejão e o controle de clientes. Então, naquela época lá, o curso foi muito bom nessa parte aí, e na cidade toda, depois a gente ficou sabendo da vinda da FATEC, e nessa parte de sistemas, na parte de informática em geral, aumentou bastante, os

alunos, principalmente na parte de informática, tecnologia, Taquaritinga é na verdade um grande polo junto com a FATEC são formadores de grandes profissionais a ETEC, né, no estado inteiro. Tem amigos meus que estudaram aqui na ETEC e hoje em dia estão muito bem empregados, inclusive na parte de informática eles montaram lojas, para vender tanto a parte de *software* como parte de *hardware*.

Quando se fala em ETEC DANS, como cidadão taquaritinguense, qual é a imagem que a população tem da escola?

Ogasawara: Eu posso te garantir que a ETEC DANS em Taquaritinga, não só para Taquaritinga, mas para toda a região, é um motivo de muito orgulho, realmente é uma escola assim modelo. Tenho muito orgulho de fazer parte desse time, da secretaria aonde trabalho, vejo todo o esforço da escola, da direção, dos professores, os funcionários em manter o nível que a ETEC sempre teve. A escola é uma fonte de capacitação dos alunos, a gente vê aqui pessoas com idades a partir de 16 anos até 45, 50 anos. Eles vêm aqui para ETEC, a fim de se capacitarem. Atualmente o mundo está muito concorrido, o mundo corporativo, de emprego está muito ruim. Se a pessoa não tiver uma capacitação fica difícil então [...] realmente a ETEC neste aspecto é motivo de muito orgulho para cidade.

O público atual de estudantes diverge da sua época de estudante?

Ogasawara: Com certeza. Eu acho que é no momento de crise que o cidadão procura se capacitar, não está fácil para ninguém, desde estudante recém-formado. Temos estudantes de 30,40, 50 anos nos mais variados cursos da ETEC, que agora tem um leque muito grande de cursos. Eu vejo, principalmente pessoas que já estão empregadas, procuram se especializar para subir de cargo ou mesmo pessoas que estão desempregados, que buscam através da escola a capacitação, para se inserirem novamente no mercado de trabalho e, graças a Deus, estão conseguindo, tanto na parte profissional como na parte de estagiários. Eu cuido dessa parte, temos muitos estagiários, colocados em várias frentes, de diversos tipos de cursos, por exemplo, secretariado, jurídico, a parte de administração, principalmente pelos processos seletivos do CIEE, são alunos que prestam o processo seletivo e conseguem um

estágio remunerado, o mais importante dando suporte para a pessoa fazer o estágio e, ao mesmo tempo, tem a sua renda.

Poderíamos concluir que o trabalho e à educação estão unificados?

Ogasawara: Com certeza, estão unificados sim. Eu acho que o mote atual, hoje em dia, seria isso aí. Unir o trabalho com a educação, somente através dessa união que o cidadão vai seguir cada vez mais, se qualificar para o mercado de trabalho, todo mundo está procurando uma qualificação hoje, então eu acho que é muito importante. O trabalho com a educação.

Gostaria de registrar alguma particularidade que tenha marcado esse tempo de ETEC seja como profissional ou como estudante?

Ogasawara: As minhas lembranças da ETEC, quando eu passei no concurso aqui, que eu vim para trabalhar na ETEC, foi assim muito gratificante para mim porque foi aqui na ETEC que eu passei os quatro anos de escola que foram os quatro anos mais marcantes, por quê? Aqui na aqui na ETEC, além das amizades que a gente fez, a escola oferecia possibilidades não só na parte educacional como na parte da comunidade [...]

Pausa

Ogasawara: [...] a escola realizava bastante festas, para integrar a comunidade com a instituição, naquela época eu lembro muito bem, que a escola realizava aquelas festas Texanas, e as festas Texanas realmente marcaram época através da diretora Celinha e a cidade inteira se envolvia. Quando chegava o dia da festa Texana, a cidade parava. Na Vila Rosa os carros iam até o rio, o pessoal vinha mesmo, todo mundo gostava, e o que marcou realmente na minha época de estudante, até hoje a gente relembra. Inclusive, no ano passado, foi pensado na volta da festa Texana, mas não foi possível realizar. Realmente essa parte da festa Texana, aqui na ETEC, era uma tradição, uma coisa que eu gostaria de reviver novamente.

Figura 12 - Aduino Luiz Carrino



Fonte: redes sociais.

L - Aduino Luiz Carrino, egresso com vínculo empregatício docente

Aduino Luiz Carrino, natural de Taquaritinga, São Paulo Foi aluno da ETEC DANS, entre 2004 a 2006. Graduado e licenciado em Propaganda e Marketing, na Universidade Paulista – UNIP. Posteriormente a conclusão de ensino superior, integra o quadro de docentes efetivos, através de concurso público. Mestre em educação e doutorando em educação pela UNESP Araraquara.

A entrevista ocorreu na ETEC DANS, após o horário de aulas da docente. Imediatamente, após a solicitação da pesquisadora, o entrevistado se prontificou a fazer seu depoimento. O clima foi acolhedor e fraterno e, em alguns momentos, cheios de emoção pelas recordações dos tempos de aluno. Inevitavelmente, tal emoção acometeu igualmente a pesquisadora. O encontro ocorreu na ETEC DANS, Taquaritinga, em 10.04.19.

Entrevista

Oliveira: Poderia contar um pouco da sua história pessoal, da sua origem familiar até ingressar na ETEC DANS?

Adauto Luiz Carrino: Eu tenho um berço a questão pedagógica, as minhas duas tias são professoras e a minha mãe também é professora do ensino fundamental. O meu pai já é mais um lado de empreendedorismo, de empresa. Acho que eu capturei um pouco dos dois para ter essa formação. Sempre estudei em escola pública e, estive no ensino médio da ETEC, só que na minha época era um pouco diferente do que é hoje, não era integrado. Posteriormente, fiz graduação em propaganda e marketing pela UNIP Araraquara, fiz mestrado em educação pelo Centro Universitário Moura Lacerda e atualmente eu faço doutorado em educação escolar pela UNESP FCLAR em Araraquara.

Qual era o sistema de ingresso?

Carrino: O sistema de ingresso era por processo seletivo, era vestibulinho, como vestibular, muito mais concorrido porque, se eu não me engano, era 38 por sala, 38 candidatos por sala, tinha a turma A e turma B [...]

Pausa

Carrino: [...], porém como não havia tantas ETECs, Taquaritinga praticamente era a pioneira, não existia ETEC na região como Monte Alto, expansão em Jaboticabal, Matão também não tinha uma abrangência tão grande assim, então era muito concorrido, entrar na ETEC era um futuro garantido talvez para uma universidade pública. Ingressar na ETEC era como entrar numa UFSCar, numa USP, numa UNESP era aproximadamente 13 a 14 candidatos por vaga.

O ensino médio naquela época era integrado ou era somente com a base nacional comum curricular, a BNCC do ensino médio?

Carrino: Não, era integrado, era somente as bases curriculares, porém nós tínhamos diferenças do ensino médio convencional do estado, principalmente na questão do horário que, se eu não me engano, o convencional saía 12:00, 12:30, e o da ETEC sempre saía às 11:40 e existia diferenças entre

as disciplinas. Algumas disciplinas, vamos chamar de raízes, elas continuavam com o mesmo princípio: matemática, português, história, geografia, mas tinha algumas adicionais do que tem no ensino médio ensino médio convencional do estado.

Como era o seu relacionamento com a escola naquela época? Como o envolvimento com os alunos, com os professores?

Carrino: Com a escola sempre tive um respaldo muito bom dos professores, professores sempre excelentes, respondiam às nossas perguntas e nos prepararam com uma visão para o vestibular, para entrar numa universidade pública, porém com os alunos eu tinha minha turma de Taquaritinga, só que era muito sedimentado a sala, pela questão de que, como tinha muita gente de fora, então praticamente numa sala de 38 alunos apenas cinco eram de Taquaritinga. Então tinha ali, por exemplo, 15 alunos de Jaboticabal, sete alunos de Monte Alto, oito alunos de Dobrada, de Santa Ernestina, então acaba sendo aqueles grupos, aquela segmentação de cidade com a mesma cidade, então não havia tanto uma mistura assim [...]

[...] havia outros cursos técnicos, mas também quando entrou, havia um curso médio regular, que não direcionava para uma profissão, por exemplo como alimentos [...]

Carrino: Sim.

Então optou pelo ensino médio regular?

Carrino: Na minha época não existia o ensino médio integrado, porém muitos alunos no segundo ano do ensino médio prestavam técnico à tarde, que era alimentos e informática e aí vinham alunos de fora, de Jaboticabal, de Monte Alto e acabavam ficando o período integral na escola, mas fazendo não integrado, curso técnico à tarde e ensino médio pela manhã.

Qual a cultura local da época, a procedência das famílias, havia muitos imigrantes [...]

Carrino: Eu por exemplo, a minha família é de descendência italiana. Muitas pessoas também têm, a lista que eu vejo dos alunos pelo sobrenome deles, tem uma aproximação com a Europa. Meu avô veio da Itália, então eu

acho que Taquaritinga, em si, ela tem um berço muito italiano, pelo que eu ouço falar dos meus avós e pela cultura. Tenho um primo meu que está na Itália também. Você tinha me perguntado referente à cultura [...]

A cultura local e regional, pelo que falou, tinham pessoas de diferentes regiões. Qual a origem dessas famílias?

Carrino: Existia bastante culturas, tinha uma diversidade grande, mas eu acredito que sobressaía a cultura italiana, percebíamos pelos alunos essa questão.

E quanto à infraestrutura?

Carrino: Sempre foi boa, estudar na ETEC era como um princípio, de como você estivesse estudando numa escola particular assim, o ensino sempre foi muito bem delineado, amparado e exigente! Reprovava mesmo, era uma coisa bem rígida, é como se estivesse estudando mais uma universidade pública, bem rígida, os professores já incorporavam o aluno para essa tendência. A estrutura física era boa, tinha laboratório de informática, de alimentos, a enfermagem também se demonstrava muito forte! Eu fiz ensino médio, acredito que era de 2004 a 2006, as escolas ainda começavam a engatinhar nessa questão da era da *internet*, que que foi mais introduzida mesmo Brasil por volta de 2003. Era *internet* discada ainda, então não tinha todos os recursos tecnológicos que têm hoje, então professor não utilizava tanto da tecnologia como hoje.

E a saída da instituição e o retorno a ela, como aconteceu o esse desejo de estar regressando à escola a qual se formou? A ETEC deu o pontapé inicial para graduação?

Carrino: Primeiro que desde a graduação, apesar de ser uma graduação em propaganda e marketing, que declina muito para a gestão empresarial ou abertura de agência de publicidade, eu nunca tive essa ambição e essa vontade pela viabilidade de mercado de uma agência de publicidade na minha cidade de Taquaritinga. Então, essa vontade de ser docente eu já tinha desde a época da minha graduação e, foi quando eu saí, terminei a graduação e aí surgiu a oportunidade de abrir um concurso público para docente, e aproximadamente um mês e meio da minha formatura, que estava formado, surgiu a oportunidade,

prestei o concurso e foi aprovado. Graças a Deus ainda não precisava de mestrado para ser docente, porque eu entrei depois, eu fiz a licenciatura depois, então essa foi a oportunidade que eu falei: “Nossa! Poxa, eu moro em Taquaritinga, na minha própria cidade, uma escola que eu tenho tanto carinho, como é a ETEC e eu consegui retornar com professor!”. Então, para mim, assim [...]

Pausa

Carrino: [...] foi um grande presente ter passado no concurso. Amei e amo até hoje dar aula na ETEC. Para mim eu tenho a ETEC como uma escola de berço porque eu fui criado, constituído educacionalmente por ela, e hoje eu tenho a possibilidade de disseminar o conhecimento nessa mesma instituição, então é muito gratificante.

Haveria algum ponto marcante nessa sua trajetória, ora como aluno e agora, como professor?

Carrino: Nossa, é difícil, eu dou aula a mais de oito anos, tantos pontos marcantes. É difícil. Como aluno, eu lembro muito das partes que os professores associavam mais a questão lúdica de fazer seminário, de fazer apresentação temática, capturando os livros, trazendo isso para a realidade. Por exemplo, português entrelaçando com história, mas eu lembro muito de uma parte mais marcante, a rigidez de um professor de biologia, que ele era realmente assim, não posso definir como ditador [...]

Pausa

Carrino: [...] colocava um pouco de medo nos alunos, a sala inteira ficava congelada com a presença dele, pela exigência dele enquanto professor. Ele falava que nós éramos capacitados, deveria apresentar um trabalho na mesma linha. Enquanto docente várias coisas, não tem como definir uma só. Eu acho que o ser docente ele é surpreendido todos os dias em sala de aula, seja por algo bom, algo ruim, seja pelo acolhimento, pela confiança que aluno tem com o professor, porque muitas vezes o aluno acaba passando mais tempo na escola do que com a própria família. Acabamos nos tornando a família do aluno. Momentos marcantes foram alunos virem para mim e falar o quanto eu estou ajudando-os, de ver um retorno também desses alunos depois do curso técnico

narrando que evoluíram, que aprenderam muito e que melhoraram as condições de trabalho, condição profissional. Vejo uma evolução, e eles retornando, narrando essa história, contando a contribuição do curso, que a ETEC em si fez para eles. Não há um momento específico, mas a somatória deles.

Comentou que havia uma rigidez de um professor, no entanto, não sei se é do tempo e, que foi aluno, havia um o *slogan* liberdade [...]

Carrino: Com responsabilidade.

Isso.

Carrino: É da minha época. Aí teve outro diretor, o professor Valmir. Existia isso mesmo. A ETEC era uma escola inteira aberta, não existia fechar os portões, era totalmente livre, não era, entre aspas, obrigado a estar na aula, mas tinha a responsabilidade de estar na aula. A nota era muito rígida, falta muito rígida, assim existia realmente essa liberdade, mas com muita responsabilidade! Você não via ali aluno matar a aula, você não via nada dessas coisas, é algo muito regrado, muito disciplinado.

Trazendo isso para 2019, hoje houve alguma alteração [...]

Carrino: Total [...]

[...] no perfil do aluno?

Carrino: Total, total, o perfil do aluno hoje é outro. A seletividade que tinha anteriormente hoje não existe. Atualmente, existem várias ETECs, com isso eu acredito que caiu um pouco a questão da seletividade da clientela, então o número de vagas aumentou para as outras cidades. Hoje nós não temos tantos alunos assim de Jaboticabal. Monte Alto e região porque existem outras ETECs e com isso o nível, não falo do discernimento do docente com alunos, mas talvez o nível de interesse dos discentes com a escola está mais baixo do que era na minha época, com certeza.

Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Carrino: Não, acho que muitas disciplinas mudaram, hoje a grade curricular da ETEC ela continua sendo muito boa, os professores também continuam sendo muito bons, porém nós temos um novo perfil de aluno, como eu narrei na minha época de 2004 não existia tanto esse respaldo tecnológico.

Hoje existe! Cabe muitas coisas o docente saber, tratar essa tecnologia em sala de aula, o docente também conhecer a questão do capital cultural do discente, do aluno, o *habitus* desse aluno. Portanto, o docente ele tem que ter uma ampla visão, para ter um discernimento do procedimento educacional que ele vai utilizar em sala de aula, de acordo com todas as diretrizes.

Figura 13- Amadeu Di Pietro Neto



Fonte: Redes sociais.

M - Amadeu Di Pietro Neto, egresso com vínculo empregatício docente

Amadeu Di Pietro é natural de Taquaritinga, São Paulo, descende de italianos. Possui o curso técnico em processamento de dados, pela ETEC DANS. Licenciado em química pela UNESP de Araraquara.

Iniciou sua carreira docente no quinto ano da graduação, na rede particular de ensino, na disciplina de química. Posteriormente, ingressou na ETEC DANS em 2010, como docente, função que exerce tanto no ensino público como privado, até a presente data.

A entrevista ocorreu na ETEC DANS, em clima respeito e acolhimento. O entrevistado foi extremamente pontual e prestativo, recebendo a pesquisadora em delongas. Foi possível observar a emoção do ex-aluno, hoje docente da instituição, relatar sobre seus alunos com profunda doçura e compreensão onde, muitas vezes, houve cara emoção em seu relato. O encontro ocorreu na ETEC DANS, Taquaritinga, em 04.04.19.

Entrevista

Professor Amadeu, gostaria de começar a entrevista perguntando qual a sua origem familiar.

Amadeu Di Pietro Neto: Os meus bisavôs tanto por parte de pai quanto por parte de mãe, eles nasceram, pelo menos é a história que os meus pais contam, nos navios vindo da Itália para o Brasil, então tanto por parte de pai e mãe eu sou descendente italiano. Eles vieram para cá, os meus avós, os meus bisavós e avós, conseguiram prosperar tendo sítios e fazendas aqui, na região de Taquaritinga. Com o tempo eles acabaram perdendo, por essa falta de tino administrativo, não conseguiram lidar com as transformações que a sociedade estava tendo e acabaram perdendo, e aí acabaram vindo para cidade, e a gente começou a ter uma vida urbana.

Em vindo para cidade, como iniciou sua vida escolar? Numa instituição particular, pública? Como foi seu ingresso na ETEC DANS? ETE Vila Rosa?

Neto: O meu ensino fundamental um, eu fiz parte dele em Matão, porque os meus pais são daqui, mas em determinado momento decidiram ir para Matão, porque as oportunidades de emprego lá eram melhores. Meu pai acabou entrando na Marquezan, a minha mãe era dona de casa e o ensino fundamental eu acabei fazendo lá. No meio do ensino fundamental, eu vim para Taquaritinga terminar o ensino fundamental um aqui. O fundamental dois eu fiz no Silveira Coelho, tudo em escola pública, e do Silveira Coelho, após o vestibulinho, entrei na ETEC em 95, fiz o curso 95, 96, 97 em processamento de dados. Na época não era informática, recebia esse nome e me formei também no ensino médio em toda escola pública. Então eu tenho esse curso de técnico em processamento de dados.

E saindo daqui qual foi o passo seguinte?

Neto: A minha família é uma família muito pobre, então eu nunca tive oportunidade de fazer um colégio particular, ensino médio particular. Eu me lembro de que quando eu saí da ETEC, abriu no Objetivo um cursinho noturno, em parceria com a prefeitura, para 80 vagas. Eu consegui, devido a essa falta, essa questão financeira, eu consegui fazer um pouco de cursinho à noite, no

Objetivo. Chegou no final do ano, eu queria prestar medicina e devido à falta de base que a gente tinha enfim, eu não consegui entrar prestando a UNESP, aí eu tentei mais um ano sem fazer cursinho, tentei mais um ano e não consegui de novo. Eu estava desanimado já, tinha feito processamento de dados, e conversei com os meus pais e falei: olha, eu vou trabalhar! Não quero mais estudar, já prestei dois anos vestibular. Prefiro trabalhar”. E eles falaram: “não, olha, se você quiser tentar mais um ano, tenta mais um ano, só que você sabe que a gente não tem condições de pagar nada”. Então, não tinha computador, eu não tinha condições de fazer um cursinho, eu não tinha dinheiro para pagar professor particular, então o que eu fazia? Ia na biblioteca municipal, pegava alguns livros de colégio particular, COC, Objetivo e levava para casa, havia o direito de ficar 15 dias. Eu acordava todos os dias 6 horas da manhã e ficava até por volta das 6, 7 horas da noite, parava meia hora para almoçar, todo dia em casa. Então cada dia da semana eu ficava fazendo uma disciplina, ficava estudando uma matéria e quando eu tinha dúvida em algum exercício, eu tinha que me virar sozinho, não tinha para quem pedir, nem *internet* para consultar. E quando eu tinha muita dúvida, eu tinha que voltar à biblioteca, pegar outros livros, voltar para casa, poder processar em cima daquele exercício até resolver. Eu fiquei um ano inteiro assim. Eu aprendi a aprender sozinho. Cheguei ao final do ano, eu falei: “bom, eu não vou prestar UNESP medicina porque eu vou tomar pau de novo, não vou dar mais essa frustração para mim nem para os meus pais”. Eu também sempre gostei de laboratório, eu fui pesquisar e vi que em Araraquara tinha o curso de química. E o curso de química tinha um pessoal daqui de Taquaritinga que fazia o transporte de alunos para Araraquara, na UNESP, na UNIARA, então eu pensei que seria bom para mim, é algo que também me interessa e vou enfim, vou partir para essa área. Graças a Deus eu passei muito bem colocado na UNESP, fiz química, me tornei docente e talvez se eu tivesse ido para a área da medicina eu não fosse tão realizado quanto eu estou sendo dando aula, embora a gente saiba que tenha muitos problemas na educação, ainda assim é uma profissão que dá prazer, que é prazerosa no Brasil [...]

[...] terminou a graduação na UNESP e já veio direto para ETEC ou teve algum outro tipo de trabalho nesse íterim?

Neto: Em 2005, eu estava no meu quinto ano de faculdade e eu precisava trabalhar! Então eu já tinha entrado tarde na faculdade, eu precisava de um emprego e mandei um currículo para um colégio particular da cidade. Conversei com alguns docentes que trabalhavam lá, que pudessem me indicar como professor. No quinto ano de faculdade apareceu oportunidade em um colégio particular aqui da cidade e eles me ofereceram na época, duas aulas de química por semana, até que pudesse me conhecer, ver meu trabalho. Eu entendo por que uma pessoa recém-saída da faculdade, na verdade ainda no quinto ano da faculdade, para uma escola, causa insegurança e então eu entendi o lado deles. Eu comecei dando aula de química, os alunos começaram a gostar e eu lembro que em pouco tempo, em um ou dois meses o professor de física pediu demissão e me ofereceram aula de física e aí eu fui dando aula de física. Aí eu fui dando aula de física, foram aparecendo outras escolas, outras oportunidades, em 2007 eu ingressei em outro colégio particular também da cidade e fui crescendo, ampliando, fazendo as pessoas me conhecerem melhor, viram que eu trabalhava sério, que eu trabalhava bem e em 2010 tive oportunidade de fazer um processo seletivo aqui na ETEC e acabou dando certo de eu ser chamado.

E quanto à infraestrutura, da época de estudante o relacionamento entre os colegas [...]

Neto: Quando eu era estudante da ETEC, o relacionamento era um pouco diferente do que a gente observa hoje. Era um relacionamento, tanto quanto difícil explicar, nós éramos acho que entre aspas, mais inocentes do que eu observo os alunos de hoje. Éramos mais bobinhos e a gente percebe que hoje os alunos são mais espertos. Parece que eles amadurecem mais cedo, têm um comportamento adulto precoce. Pensávamos em jogar bola, brincar, a gente percebe que hoje os adolescentes são mais precoces, então eu penso que talvez a diferença, pelo menos da minha turma, para aquilo que eu vejo hoje, a diferença básica é serem mais precoces, a gente era mais inocente na época, as nossas brincadeiras, as nossas relações eram mais tranquilas do que a gente vê hoje [...]

[...] relatou que fez processamento de dados. Quanto à infraestrutura, qual a diferença entre o aluno e o docente de hoje? O laboratório de química na época não existia?

Neto: Quanto à infraestrutura, havia laboratório de química. Na época, eu me lembro de que havia apenas o curso de alimentos e PD. Os laboratórios eram poucos, era um número menor do que a gente vê hoje, mas eu lembro que os laboratórios de informática e o número de máquinas era menor. Nós tínhamos que nos dividir em grupos de três, quatro alunos por cada computador. Atualmente, cada computador fica dois alunos, então aumentou e os computadores são melhores. Na época, me lembro de que nós trabalhávamos todos com sistema Ms-dos, eu estava saindo do colégio, o nosso auxiliar docente aqui estava instalando o primeiro Windows em uma máquina para a gente ter acesso e ver. Então, era ainda uma tecnologia rudimentar perto daquele que a gente tem hoje. Dentro das condições da época, o que a gente tinha aqui era o que havia de disponível no mercado e o que podíamos na ETEC. Eu me recordo do número limitado de computadores e livros. Acredito que era também porque o curso ainda estava se solidificando e se desenvolvendo. Hoje eu entendo, mas na época como adolescente, a gente não entendia muito, questionávamos que eram poucos. Tínhamos essa ideia na época.

Como unificaria trabalho e escola? A instituição prepara profissionais para o mercado de trabalho, como é esse *link* entre escola e a necessidade de mercado?

Neto: A unificação entre trabalho e escola é importante. Eu dou aula em colégio particular e na ETEC e, muitas vezes, no curso de química, na aula de química e até mesmo na aula de física, eles perguntam: “onde eu vou usar isso? Para que eu estou aprendendo isso? Aqui nós temos uma base para associar o teórico com aquilo que eles podem aplicar na prática, que é numa indústria, num laboratório de manipulação de cosméticos, de fármaco. Eu acho que isso é interessante, porque nós conseguimos mostrar onde é utilizado, para que ele está aprendendo aquilo. Esta resposta oferece até um estímulo maior do que simplesmente você, numa aula tradicional, em que só é dada teoria. O aluno acaba até muitas vezes duvidando daquilo que você está falando, da utilidade daquilo do que está aprendendo. Aqui não, quando você consegue demonstrar isso na prática, parece que flui melhor, parece que eles aceitam e entendem melhor.

Qual a imagem que a ETEC DANS tem perante a comunidade?

Neto: A imagem que a comunidade tem da ETEC DANS, eu converso com muitos pais de alunos, de ex-alunos e eles, pelo menos com aqueles que eu conversei, eles são unânimes em dizer que a ETEC preparou esses alunos, para ensino superior, para o mercado de trabalho, que deu uma base boa para que eles pudessem se desenvolver. É claro que cada um tem o seu ritmo, cada um vai se desenvolver em momentos diferentes, mas a semente foi plantada e lançada e, a partir disso, ele tem condições de pouco a pouco, buscar o seu espaço, seu desenvolvimento profissional e pessoal. Eu acho que isso é importante, a ETEC prima muito também por esse contato humano, eu penso que muitas vezes eles buscam a gente não só essa questão profissional, mas busca também um contato mais humano, de um apoio muitas vezes. A comunidade enxerga dessa forma, mais do que uma escola, algo que realmente funciona como uma base para que eles possam se desenvolver também de forma pessoal.

Tem alguma coisa que o marcou em sua trajetória, seja como aluno ou como professor, que gostaria de estar socializando? Um fato específico?

Neto: Eu vejo que os alunos, de certa forma, a cada ano que passa, eles são mais carentes de atenção. Acho que o que me chama atenção neles, não como um fato, mas como algo assim que a gente observa mesmo, eles vêm muito carentes de atenção e de orientação. Eu ainda percebo que eles buscam, muitas vezes, no professor, esse auxílio, esse contato, esse carinho. Eles podem ter isso em casa, mas parece que a sociedade que a gente vive hoje é uma sociedade muito superficial, então mesmo que eles tenham isso em casa, eles estão sempre buscando mais, então eles são muito carinhosos. Isso é o que observo tanto no colégio particular quanto no colégio público, é algo que é independente de classe social ou de dinheiro, de questão financeira. Creio ser uma questão social, essa carência que eles têm de afeto, de um carinho, de escutar, às vezes você não precisa falar nada para eles, só escutar os problemas que eles têm eles já se sentem bem, aí eu vejo que eles têm um carinho nesse sentido, então isso que me marcou muito como professor.

Figura 14 - Fernanda Gianotti



Fonte: Redes sociais

N - Fernanda Gianotti, egressa com vínculo empregatício docente

Fernanda Gianotti é natural de São Paulo, capital. Iniciou seus estudos na ETEC DANS, no curso integrado de processamento de dados. Possui graduação e licenciatura em administração, tecnóloga em processamento de dados e mestrado em administração. Ingressou em 2006 no quadro de colaboradores na ETEC DANS e, em 2014, mudou sua sede para a ETEC Monte Alto.

Durante o transcorrer da entrevista, a entrevistada denotou muita emotividade dos tempos de ensino médio, das lembranças de “estripulias” da juventude, como assustar a vizinha da escola, com o enterro fictício, com “caixão e tudo”, junto com seus colegas de turma. A ênfase e os olhos lacrimosos que as lembranças trouxeram, especialmente nos pontos, supõem, de dificuldades, tornou o momento precioso e vivo numa troca de experiências mútuas de aprendizagem e emoções. O encontro ocorreu na ETEC Alcides Cestari, Monte Alto, em 27.03.19.

Entrevista

Oliveira: Poderia discorrer sobre suas origens familiares, estudantil antes do seu ingresso na ETEC DANS? O que levou a escolher a ETEC DANS como instituição?

Fernana Gianotti: Minha origem familiar é de São Paulo. Eu fiz a primeira fase do Ensino Fundamental toda na rede pública da cidade de São Paulo e mudei-me para Monte Alto no ano de 92. Na quinta série mudei para cá e terminei o ensino fundamental aqui nas escolas estaduais. Quando foi para ingressar no ensino médio, minha mãe havia me dado a sugestão de fazer o magistério, aí ficamos nesse impasse, até que fui em busca de outras opções. Eu conhecia a ETEC DANS e foi uma opção não fazer o ensino médio regular. Na época existiam dois cursos: o curso técnico em alimentos e o curso técnico em processamento de dados. Decidi fazer o curso técnico em processamento de dados, que era o curso PD, em 97 quando ingressei. Eu cheguei até lá por buscando um curso que não fosse o colegial comum, que era oferecido na cidade de Monte Alto. Eu ingressei na ETEC DANS em 97 estudei no período integral. Era um curso que iniciava as aulas as 7 horas da manhã, 7:10 da manhã com o término geralmente às 17. No período que eu estudei lá, era uma escola bastante dinâmica, nós éramos uma sala com 36 alunos, no final a gente deve ter concluído por volta dos 33, 34 a maioria era de alunos que vinham de outras cidades. Os alunos eram bem empenhados na sua grande maioria, a gente tinha sim um desempenho muito legal, nem todos nós tínhamos a mesma facilidade ou a mesma praticidade na hora de aprendermos os conteúdos técnicos voltados para informática, principalmente as linguagens de programação, mas eram um pessoal bastante promissor. Hoje nós temos colegas que estão trabalhando na Europa, na Microsoft ou na IBM, em outras empresas diretamente ligadas à informática. O que me chamou atenção mesmo é o fato de muitos dos meus colegas terem saído do ensino do técnico processamento de dados e ingressarem direto em faculdades como os USP, UNESP e FATECS, teve uma força bem legal. Outros decidiram seguir sua vida profissional antes de fazer faculdade, essa inclusive foi a minha opção. Eu fui primeiro trabalhar para depois ir atrás de fazer faculdade. A ETEC, a ETE DANS em 98, 99, no período em que

eu estava lá era uma escola sim, muito aberta. Aberta no sentido amplo mesmo, nós éramos visitados por esses ex-alunos que iam lá.

Poderíamos pensar que a escola ofereceu além do conhecimento acadêmico, a escola ofereceu responsabilidade [...]

Gianotti: Era uma escola que tinha uma flexibilização na entrada e saída do aluno, então, o portão ficava aberto e a gente trabalhava o valor e o lema de liberdade com responsabilidade. Fomos aprendendo, ainda que jovem, fomos aprendendo sobre o que é ser responsável e até onde pode ir a minha liberdade. Então, a chamada tinha o procedimento burocrático de uma escola, era normal, chamada, prova e notas. A gente tinha que dar conta do desempenho, mas a gente tinha ali aquela liberdade, eu estou cansado, agora vou ficar aqui sentado na quadra da escola, de boa. Esse é um fator que me destacou muito, que me marcou muito, porque a gente acostumada no regime tradicional, numa escola onde a gente entrava e saía conforme tocava o sinal, o horário de recreio, fazia fila para voltar para sala. Eu chego numa outra escola, onde o ambiente é totalmente diverso, a adolescência já traz essa liberdade e a vontade de explorar. Nós almoçávamos na escola ou saíamos para ir a restaurantes [...]

Pausa

Gianotti: [...] foi um momento de aprender a controlar o dinheiro, porque o dinheiro que minha mãe me dava, eu tinha que passar a semana inteira com ele. Eu lembro que na época com R\$ 2,00 eu almoçava bem e tomava suco no restaurante, coisa que jamais a gente conseguiria fazer 20 anos depois. Foi a primeira vez que eu senti de verdade responsabilidade, de sair cedo de casa, de ir de ônibus até Taquaritinga, de controlar o dinheiro que eu ia gastar no horário de almoço, de voltar para casa, de ter que continuar estudando e, apesar de chegar em casa tarde, já mais de 6 horas da tarde de novo, ainda assim eu tinha que continuar estudando porque no dia seguinte eu tinha que levar o resultado daquilo que eu tinha tido de aula. Isso para mim foi muito importante, me favoreceu muito no desenvolvimento pessoal, social e financeiro. Hoje eu vejo o quanto eu aprendi naqueles três anos. Eu acredito assim, que o jovem naquele momento não consegue enxergar, vai precisar amadurecer e passar por outras coisas na vida para conseguir enxergar o quanto aquele período do ensino médio, como foi importante para o seu desenvolvimento enquanto pessoa. Neste

sentido a ETEC DANS me ajudou bastante, porque era um ambiente muito pluralizado, eu tinha colega de muitos lugares, de famílias muito distintas, de hábitos muito diferentes daquilo que eu estava acostumada. Assim eu tinha colega lá que com 15 anos já morava sozinho numa república. Hoje a gente vê isso acontecendo nas faculdades, mas eu tinha um colega aqui com 15 anos, tinha mudado já para Taquaritinga, morava numa república porque na escola, ou melhor, na cidade onde ele morava não tinha condição dele fazer o curso, não tinha ETEC. Era uma experiência diversa o tempo todo, os cinco dias da semana.

A escola tinha um lema [...]

Gianotti: Liberdade com responsabilidade [...]

E ser capaz de arcar com as consequências dos seus atos [...]

Gianotti: O tempo todo, durante três anos que eu estive lá, isso era muito claro. Eu, por exemplo, era uma aluna que estava sempre envolvida com atividades esportivas e, quando eu fui para Taquaritinga, fui procurar um espaço onde eu pudesse me desenvolver, já que eu ficava o dia inteiro lá e encontrei. Então a gente tinha que treinar, para ter um bom desempenho no esporte assim como nos estudos, a gente tem que treinar, aproveitar o horário do almoço para treinar, uma janela de aula, um horário estendido na hora do intervalo. Sempre tinha essa cobrança que ficava ali martelando na minha consciência, e quando saíamos para jogar, por exemplo, para defender a escola numa competição interescolar, então eu saía, ia para o ginásio por exemplo, ficava a manhã toda e a aula estava correndo lá na escola. Então o retorno era obrigatório, eu tenho que voltar, eu tenho e colocar o meu conteúdo em ordem.

Poderia falar um pouco mais depois da ETEC DANS, detectando a sua trajetória profissional até retornar à instituição como professora?

Gianotti: Eu acabei o curso técnico o processamento de dados em 99, e naquele momento, eu não me via continuando os meus estudos na área de informática. Não me via, por exemplo, fazendo o curso técnico da FATEC de processamento de dados, então fui trabalhar, não tinha dinheiro para pagar a faculdade. Eu fui trabalhar, na época eu havia mudado para Araraquara, e fui com o meu curso técnico em processamento de dados em busca de um emprego. Trabalhei em Araraquara fazendo manutenção de redes e

computadores por dois anos, numa loja especializada em artigos de informática. Essa loja prestava serviço no Polo de Odontologia da UNESP de Araraquara e foi um período muito rico esse momento, agora profissionalmente, porque eu tive contato com uma instituição pública, no caso da UNESP, lá na odontologia com um nível de escolaridade que até então eu não imaginava que existisse, professores, doutores, Ph.D., que tinham feito cursos fora do país. Era um mundo totalmente diferente daquilo que uma menina de 18 anos pudesse imaginar. Trabalhei dois anos nessa empresa, enfim foram dois anos fazendo isso e decidi mudar minha vida. Decidi casar-me e voltei para Monte Alto [...]

Pausa

Gianotti: Voltei para Monte Alto, mudei de emprego, obviamente vindo trabalhar numa indústria aqui na cidade, também na área de informática. Até esse momento, isso aconteceu em 2002 e de 2002 a 2004, o que eu sabia era o suficiente para o trabalho que eu tinha. Não sentia necessidade de ampliar conhecimento nem cursos de aperfeiçoamento. Por dois anos eu fui melhorando, fui desenvolvendo, tinha uma outra empresa que prestava assessoria também, desenvolvendo sistemas, então as coisas foram ampliando na indústria, os computadores foram crescendo e aí o senti uma necessidade de voltar a estudar, isso em 2004. Eu não queria fazer informática. Até este período eu não enxergava uma outra opção. Então, por exemplo, eu ia fazer alguma coisa na área de desenvolvimento e aí eu teria que aprender linguagens de programação, que era o que eu não queria, já tinha isso muito claro na minha cabeça, eu não quero trabalhar com programação. Essa opção, para mim, estava fora de cogitação, estava muito longe, não tinha aderência ao meu aspecto socioeconômico. Fui procurar alguma coisa que abrangesse, que me trouxesse um conhecimento, e que eu pudesse empregar as habilidades técnicas que eu já tinha então, aí eu optei pelo curso em administração, bacharelado em administração agregando a tecnologia que eu já tinha um certo domínio. Em 2004 eu pensei ingressei no curso de bacharelado em administração e as coisas foram evoluindo, foram crescendo. Um dia numa apresentação de trabalho, o professor disse para mim que eu estava na função errada, que o meu lugar não era atrás de uma máquina, que meu lugar era na frente de uma lousa e que eu devia arriscar e ir em busca de ser professora. Aquilo ficou martelando na minha

cabeça. Era uma aula de administração financeira, aí cheguei em casa comentei com meu esposo. Ele falou sobre a abertura de um processo seletivo na ETE DANS. Na época, ainda era ETE. Em 2005, a gente podia prestar o concurso como técnico, não precisando obrigatoriamente ser graduado. Existia essa brecha, essa exceção. Eu fui menos despretensiosa, afinal de contas, eu tinha um trabalho, registro em carteira, eu fazia faculdade, estava tudo muito fácil. Fiz a prova, passei por uma banca avaliativa com três docentes e, no começo do ano em 2006, surge uma oportunidade de ingressar na ETEC de Taquaritinga. Ela estava criando uma ETEC em Bebedouro, então as aulas eram todas abertas, não tinha professor para isso. Surgiu uma oportunidade de eu entrar para sala de aula e aí eu fui para Bebedouro, com medo, insegurança, reaprendendo tudo novamente, das linguagens de programação, aquelas que eu não queria no passado. Assim, em 2006 iniciei em Bebedouro, não tinha terminado a faculdade. Então eu voltava de Bebedouro, ia direto para faculdade, tive que abrir mão do meu emprego por conta do horário. Pedi demissão da indústria onde eu trabalhava, fiquei na faculdade no período noturno de administração, na ETEC de Bebedouro e algumas aulas na ETEC DANS em Taquaritinga.

Qual o ano de regresso à instituição?

Gianotti: O regresso à instituição foi em 2006. Eu saí de lá em dezembro de 1999 e, no dia dois de fevereiro de 2006 eu retorno com a carteira assinada como professora na ETEC, na época ainda era ETE Adail Nunes da Silva e no mesmo curso que eu tinha feito como aluna, agora ele já chamava técnico em informática. Voltei para dar aula no mesmo curso que eu havia feito com muitos professores em comum, então isso também foi legal. Por exemplo, o professor Geraldo Santana tinha sido meu professor de matemática na ETE DANS e aí eu o tive como diretor em Bebedouro. A gente se reencontrou sendo professores juntos, foi bastante legal, os professores do ensino médio estavam lá, do mesmo jeito de quando eu tinha saído em 2000. Muitos professores permaneceram e me receberam como sua nova colega de trabalho. Isso foi muito, muito legal, foi um laço afetivo assim importante para eu conseguir deslanchar na carreira docente.

Quanto a infraestrutura da ETEC DANS? Contou que no início lecionou na ETEC DANS e, simultaneamente, era estudante num desdobramento da ETEC DANS em Bebedouro. Como era a infraestrutura? Houve um paralelo entre estudante e docente? Como seria essa comparação?

Gianotti: Na infraestrutura, muita coisa mudou nesses sete anos. Quando eu fui aluna, nós tínhamos dois laboratórios, com cerca de 20 computadores, mas ele era suficiente porque nós éramos em três turmas, em três salas, um primeiro, segundo e terceiro. Praticamente quem usava os laboratórios eram só esses alunos, então o horário já era desenvolvido de forma que enquanto uma turma estava na sala de aula as outras duas podiam usar os laboratórios. Quando eu retornei em 2006 como professora já era um outro cenário, porque já havia sido alterado o modelo do curso integrado, já não existia mais o curso que eu fiz, então já eram cursos técnicos de três semestres, eram cursos rápidos, com muito mais alunos e muito mais necessidade de salas utilizando. Houve necessidade de uma ampliação considerável na quantidade de laboratório. A equipe de docente, da área de informática, fazia a arrecadação com os colegas e com os alunos para poder comprar uma *internet*, para poder comprar mais um computador, então por semestre os professores desempenhavam algumas atividades para ir melhorando os laboratórios. O governo do Estado, de vez em quando, através dos pregões e das atividades licitatórias, enviava para a escola os equipamentos para podermos melhorarmos as máquinas. Bebedouro era uma escola nova, era uma escola nova que estava usando um espaço de uma escola estadual e as primeiras aulas de informática que eu dei lá, foram com transparência, sem computador e nem *datashow* não existia. Era transparência, aquela escrita à mão, de retroprojetor, também não tinha não tinha outra ferramenta.

Qual é a imagem que a cidade de Taquaritinga tem relação a ETEC DANS?

Gianotti: A imagem que a cidade de Taquaritinga tem em relação a ETEC DANS, acredito que seja uma imagem muito positiva. Hoje o número de alunos de Taquaritinga é muito maior do que quando eu entrei lá em 97. Nesse período já houve um aumento considerado do número de estudantes de Taquaritinga indo para ETEC. Quando eu saí de lá em 2014, esse número já era maior ainda, então quando a gente fazia os trabalhos de divulgação do vestibulinho, a gente

via que a frequência dos alunos em Taquaritinga era bem grande, inclusive um aluno às vezes terminava o curso técnico e já prestava o vestibulinho para fazer um outro curso e dar continuidade. O renome da escola, a imagem que a escola tem na cidade e na região ela é muito positiva, é uma escola de referência.

Podemos pensar que a peculiaridade da ETEC DANS é ser técnica e, portanto, haveria a unificação entre trabalho e escola? O curso Inicial foi de PD e alimentos, estava voltado para economia local? Como ocorreu a unificação da escola com o mercado local de trabalho?

Gianotti: Quanto a unificação da escola com o mercado local de trabalho, em 89 quando a escola foi criada em Taquaritinga, existia uma indústria grande na área alimentícia, que era a indústria Peixe. Tinha um peso muito grande na área de alimentos, a região onde nós estamos inseridos é uma região com grandes indústrias de alimentos. Aqui em Monte Alto, na época por exemplo, nós tínhamos a Cica, temos muitas usinas, em Itápolis tem uma indústria de óleo. Então eram atividades muito próximas que serviam para o atendimento dos trabalhadores dessas cidades. Assim, o curso técnico em alimentos, ele tinha essa vantagem, ele atendia aos barracões de fruta, na época nós fazíamos estágio inclusive, e eu lembro de muitas colegas do curso técnico em alimentos irem fazer estágio nos barracões de frutas, na seleção dos alimentos, das coisas que iam para o CEASA, para indústria. O técnico processamento de dados, nós estávamos naquele momento em ascensão tecnológica, da *internet*, estava começando a ensinar, surgiram os primeiros aparelhos celulares, estavam bombando, era uma tecnologia de ponta. Estava despontando, então era o cenário profissional que precisava de especialistas e o curso técnico ele traz essa característica, ele te foca naquela formação, então naquele momento qualquer empresa que precisasse de uma mão de obra qualificada em processamento de dados, tinham os alunos da ETEC que poderiam ser contratados [...]

Pausa

Gianotti: De certa forma a escola teve uma visão, um momento visionário prevendo o futuro da informática quando implantou. Eu acredito que sim, porque a história da informática tem um passado bem anterior à década de 90 com uma janela longa. A ETEC abre suas portas em 89, já enxergando essa demanda,

então a equipe que abriu e foi até São Paulo, no Centro Paula Souza, e pediu que esses cursos fossem trazidos para nossa cidade, para Taquaritinga, já estava enxergando essa demanda, essa oportunidade, que seria no futuro breve, tanto é que hoje ninguém funciona mais sem um computador ou sem celular.

Atualmente, existe alguma mudança que gostaria de acrescentar? Qual foi o significado mais importante da ETEC DANS como docente egressa?

Gianotti: O que é muito marcante para mim foi a vivência que eu tive, que eu tento de certa forma proporcionar aos alunos hoje na ETEC Alcides Cestari, um ambiente muito parecido com aquilo que eu tive enquanto aluna. Nós tínhamos um ambiente diversificado, o ambiente de respeito, claro que “aluno é aluno”, e ainda mais na adolescência, então confusões, brigas, discussões, conflitos harmônicos à flor da pele, existe em qualquer escola. É impossível ter um monte de adolescentes e não ter nenhum problema com eles, mas a convivência e o aprendizado, principalmente social que nós tínhamos, que não fazia parte do currículo não estava escrito lá: “olha, você tem que aprender a conviver com aquele que você não gosta, isso não estava escrito no currículo de ninguém, nenhuma matéria, mas esses valores, essa construção moral fazia parte do contexto escolar fazia parte do desenvolvimento político da escola. Se você não gosta daquele seu colega, vai ter que aprender a respeitar, vai conviver com eles oito horas do seu dia e isso você vai levar para sempre na sua vida porque você vai trabalhar e aí no seu trabalho você vai ter 300 pessoas que trabalham com você e nem sempre você vai gostar das 300”. Então, essa experiência de empatia, de resiliência, de respeito, foram valores que foram desenvolvidos naquele período, pelo menos em mim. E eu vejo isso muito claro hoje. O que eu tento trazer dessa minha experiência, dos 15 aos 17 anos e que eu tento apresentar para os nossos alunos hoje, é a tolerância, o respeito, saber ouvir esperar a sua vez, são valores que a gente precisa desenvolver também, não tá escrito no meu currículo, também não tá escrito nas bases tecnológicas das aulas que eu tenho que dar, mas é isso que eu sei que o mercado vai pedir. E quando esse menino hoje, tem 14 para 15 anos, essa menina que faz parte desse grupo, quando eles estiverem no mercado de trabalho, daqui três ou quatro anos, eu sei como é que ele vai pedir isso. Então, além do conteúdo da formação técnica que eu estou trabalhando com eles, eu estou muito preocupada

também em auxiliá-los e ajudá-los a desenvolver essas competências pessoais. Então isso eu trago lá da minha da minha experiência, lá da Fernanda adolescente, da Fernanda aluna lá na ETEC DANS, nos idos 97/99.

Haveria algo que gostaria de acrescentar?

Gianotti: As experiências marcantes, eu acho que são muitas experiências, mas eu tive professores muito bons, eu tive professores dos quais eu me lembro até hoje, tive professores dos quais eu tento replicar as suas técnicas de aula, e não necessariamente tinha aquelas técnicas de aula mirabolante, era a sua simplicidade, a sua genialidade, que às vezes pareciam coisas assim tão absurdas, tão diferentes, mas que a gente conseguia reproduzir. Então eu acho que esse é um fator muito marcante na minha vida e pessoal e profissional, eu tento ser para os meus alunos uma professora boa assim como eu tive dezenas de professores bons no período que eu tive em Taquaritinga. Recordar para mim é muito bom.

Figura 15 - Laís Valência Gimenes



Fonte: Redes Sociais.

O - Laís Valência Gimenes, egressa com vínculo empregatício docente por tempo determinado

Laís Valência Gimenes é natural de Taquaritinga, São Paulo. Sua origem é de italianos, com a particularidade de possuir pais circenses. Foi aluna do ensino médio regular e do ensino técnico em secretariado. É graduada e licenciada em secretariado trilingue, com vínculo empregatício docente por tempo determinado, em seu segundo processo seletivo.

A entrevista ocorreu na ETEC DANS, após o horário de aulas da docente. Imediatamente, após a solicitação da pesquisadora, a entrevistada se prontificou a fazer seu depoimento. O clima foi acolhedor e fraterno e, em alguns momentos, cheios de emoção pelas recordações dos tempos de aluna. Inevitavelmente, tal emoção acometeu igualmente a pesquisadora. O encontro ocorreu na ETEC DANS, Taquaritinga, em 10.04.19.

Entrevista

Oliveira: Poderia narrar um pouco sobre sua história familiar?

Laís Valência Gimenes: Eu sou de Taquaritinga mesmo eu descendente de italianos e espanhóis, a família do meu pai é circense [...]

Pausa

Gimenes: e um irmão mais velho também.

Como foi a escolha da para ingressar como aluna na ETEC DANS?

Gimenes: Eu estudava no 9 de julho e, assim, o ensino público não era dos melhores na minha época já, desde a minha época já a situação já estava um pouco precária e, então, como a ETEC é a melhor da cidade, eu decidi prestar o vestibulinho para vir para cá, onde eu passei na primeira chamada e fiz os três anos de ensino médio aqui, só que não era integrado ainda, era só o ensino médio mesmo, e também fiz o curso técnico em secretariado, na época.

Com era relação entre professores e alunos, na sua época de estudante?

Gimenes: Sempre muito boa, os professores muito prestativos, muito amigos, quando a gente precisava, sempre foi de contar muito com eles.

E quanto a infraestrutura da escola?

Gimenes: Na época, a quadra não era coberta, principalmente a aula de educação física era um pouco difícil, por conta do sol, que era muito quente principalmente nas últimas aulas, mas no restante, a escola sempre teve uma infraestrutura que atendia as necessidades de todos.

O curso de secretariado foi aqui mesmo na ETEC DANS, sede?

Gimenes: Não, foi na expansão lá onde é o 9 de julho.

E terminando o ensino médio, qual foi o passo seguinte?

Gimenes: Eu fui fazer a graduação na em secretariado executivo trilingue na faculdade São Luís de Jaboticabal, também sou bacharel, foram três anos de graduação.

E depois da sua graduação?

Gimenes: Eu entrei e voltei para a ETEC como docente em 2015, fiquei o ano de 2015 e 2016, tive que me afastar porque eu sou determinada né, eu tenho o interstício, e agora em 2018 eu estou retornando à instituição como docente.

Na sua opinião, como seria essa unificação entre trabalho e a escola?

Gimenes: Eu acho que tem uma visão, principalmente dos alunos, muito interessante, por ser um curso profissionalizante, o curso técnico já dá um início de mercado de trabalho. Os alunos saem um pouco mais preparados do que um aluno de uma escola particular, de uma escola pública, sem ter noção de um curso técnico integrado.

Então poderíamos pensar que o curso técnico é um preparatório para uma universidade?

Gimenes: Eu acredito que sim.

Este foi o seu caso?

Gimenes: Sim. Eu fiz a graduação exatamente por conta do técnico, que fez com que eu gostasse muito da área.

Em sua opinião, qual a visão que a população tem em relação a ETEC DANS?

Gimenes: Como eu te disse anteriormente, é a melhor escola pública da cidade e a população tem uma aceitação muito grande, muito boa da escola, tem uma visão ótima por conta dos profissionais que estão aqui, que são capacitados, além da seleção do vestibulinho na hora de entrar aqui, então a cidade como um todo apoia e gosta muito da escola.

Teria alguma coisa, nessa sua estada entre estudante e professora, tem alguma coisa que a marcou, alguma coisa específica?

Gimenes: Eu acho que é uma coisa que marca na vida de todo mundo, de todos os alunos é o relacionamento com os professores. Você poder contar com ele no momento que você está precisando nem que for para conversar, simplesmente. A gente sempre teve esse *feedback* de todos os professores. Eu, como professora, vejo isso também hoje, quando um aluno me precisa também

dou esse *feedback* por quê foi uma coisa muito importante para mim na época em que eu estudava.

A senhora foi aluna, depois foi egressa, agora egressa como docente?

Gimenes: Pois é.

Esse carinho todo pela instituição tem alguma razão de ser?

Gimenes: Eu acho que a gente sai da ETEC mas a ETEC não sai da gente, eu acredito que todo o aluno tem um carinho muito grande pela escola, a gente tenta não gostar, mas quando a gente está aqui, reclama porque é puxado, tem muito trabalho, muita prova mas quando saímos dá saudade. Dá muita saudade.

Alguma coisa que a senhora gostaria de contar?

Gimenes: Acredito que não, eu acredito que seja isso. Para mim, esses três anos do ensino médio ou esse um ano e meio do curso técnico, vão ser os melhores da vida, porque a ETEC muda a vida da gente, de um jeito assim inexplicável, só quem fez ETEC sabe como que é a sensação, de verdade. Eu acredito que todos os alunos digam a mesma coisa.

Figura 16 - Lldiane Cristina Pavarina



Fonte: Redes sociais.

P - Lidiane Cristina Pavarina, egressa com vínculo empregatício docente

Lidiane Cristina Pavarina é natural de Taquaritinga, São Paulo, egressa com vínculo empregatício docente. Realizou o ensino médio integrado a alimentos, pertencendo a segunda turma da ETEC DANS, graduando-se em engenharia de alimentos.

Após atuar no mercado, em sua área de formação, direciona sua carreira ao exercício da docência, ingressando como docente na instituição.

A entrevista ocorreu na ETEC DANS, após o horário da docente egressa. Ao ser solicitado a dar seu depoimento, imediatamente se colocou à disposição da pesquisadora. O clima da entrevista transcorreu calmamente e, em alguns momentos, com muita emoção dada as lembranças evocadas da egressa, da segunda turma de ensino médio integrado a alimentos, na história da unidade escolar. O encontro aconteceu na ETEC DANS, Taquaritinga, em 04.04.19.

Entrevista

Oliveira: Poderia narrar sobre sua trajetória como estudante, como aluna egressa da instituição? Como foi a sua entrada como aluna na instituição?

Lidiane Cristina Pavarina: Eu fiquei muito feliz com esse convite porque toda essa história que eu tive, que tenho com a ETEC, e de ter voltado após tantos anos. Eu entrei aqui em 1990 e eu sou da segunda turma, até então eu sempre estudei em escola pública aqui. Eu fiz o pré na Domingues da Silva, aí depois eu fiz o Nove de Julho, que eram escolas tradicionais. Eu ia continuar a estudar no Nove de Julho, aí surgiu a ETEC, que era uma escola nova, era o curso integrado, tinha processamento de dados na época e o curso de alimentos, e até então eu não sabia, ninguém sabia muito o que era o curso de alimentos, processamento de dados, era uma oportunidade diferente que na época ninguém sabia ou conhecia muito sobre o assunto. E aí minha mãe perguntou: “você quer estudar? Quero”. Eu tinha 14 anos, não entendia muito, acabei prestando curso técnico em alimentos sem saber o que que era na realidade. Iniciei o curso e comecei a realmente a gostar das matérias, dos professores, a me envolver nessa tecnologia toda, dos professores. Eu tenho um professor que é meu colega, me deu aula na época, que é o Atílio Cavicchioli, eu brinco com ele até hoje, ele é meu colega de trabalho, foi meu professor, eu tinha alguns professores na época que fizeram faculdade na Fundação Educacional de Barretos. Eu conversava muito com ele também, porque eu me identifiquei com a área de alimentos, mas eu não queria sair para o mercado de trabalho, queria continuar e fazer engenharia de alimentos. Até então, eu não possuía uma certeza na escolha profissional, como “eu quero fazer odontologia, eu quero fazer advocacia, eu quero fazer engenharia”, eu não tinha isso bem definido na minha cabeça. Aqui na ETEC que eu vi o que realmente eu queria fazer, que foi o curso técnico em alimentos que me abriu para o curso de engenharia de alimentos. Terminando aqui 92, eu fiz um ano de cursinho em Araraquara e aí prestei vestibular na FEB, na Fundação Educacional de Barretos, e fiz o curso lá de 94 a 98 e me formei em janeiro de 99. Saindo de lá, eu trabalhei em indústria alguns anos, uma fábrica de tomate seco, depois eu fui para uma indústria de suco. Eu comecei a ver que havia algumas coisas na indústria que eu não

conseguia mudar, eu era funcionária e tinha os proprietários, com uma visão diferente do que eu tinha. Aí eu percebi que, se eu começasse a ensinar lá no curso, eu poderia ensinar a forma correta de se fazer, não que todas as empresas são assim, é claro que tem as empresas idôneas, que trabalham corretamente, não estou generalizando, mas é que foram as duas experiências que eu tive. E aí eu voltei para Taquaritinga em 2007, quando eu fiquei grávida do meu filho. Prestei quatro processos seletivos para entrar aqui na ETEC, no quinto tinha prometido para mim mesma que ia ser o último, mas eu falei: “mas eu vou ganhar pelo cansaço! Eu quero entrar, eu quero dar aula na ETEC”. Tenho uma história de vida aqui, nos três anos que eu passei, muitas recordações boas, muitos amigos, muitos colegas, o pessoal que trabalhava aqui que continua trabalhando até hoje, alguns já se aposentaram, professores, amigos que na época estudavam, que a gente acaba reencontrando, que acabam voltando, então tenho ótimas recordações daqui. Então eu queria passar o meu conhecimento e trabalhar na área que eu gosto, que é engenharia de alimentos e tinha que ser aqui na ETEC. Aí surgiu a oportunidade de um concurso e foi aonde eu passei. Na época, a Gisele Larosa era coordenadora, prestei o concurso, deu certo e eu fui chamada. Na época eu já estava dando aula no Senac, em Jaboticabal, para o curso técnico em nutrição. Faziam dois anos, eu era professora convidada lá, mas era assim, ficava dois meses saía, aí depois eu acabei sendo contratada também, mas lá era por hora de trabalho, era diferente do que aqui, por hora-aula. Tive que escolher entre lá e aqui, aí eu acabei escolhendo a ETEC, que é a minha escola do coração, aqui tenho todas as lembranças, as memórias. Tive a oportunidade de comemorar os 25 anos da ETEC e os 30 anos! Então, quando tem alguma palestra de ex-aluno, eu conto que eu estudei aqui desde os 14 anos. Aos 14, 15 anos eu não sabia o que eu queria, era um curso integral, que a gente almoçava, que fazia isso, que fazia aquilo, que a estrutura da escola, que o que tinha, o que não tinha, porque hoje aí a estrutura da escola ela tá muito melhor. Lógico que hoje nós temos a tecnologia, computador, temos uma quadra coberta, antigamente a gente não tinha a quadra coberta e em 1992 a gente nem celular tinha! Se for ver computador tinha, mas era pouca coisa, mas depois com o advento da tecnologia, essa facilidade que nós temos com celular, o note, com *datashow*, mas na época mesmo sem isso tudo, eu tinha lousa, giz e os professores. Eu

tive tudo o que eu precisava para chegar na faculdade, na engenharia de alimentos e perceber que eu tinha o conhecimento básico de várias coisas, de vários assuntos, eu já percebi que os meus colegas eles olhavam assim, eles estavam perdidos e eu não, eu já tinha uma noção do que eles estavam falando e eu fui me aperfeiçoando. Não imaginava quando eu entrei aqui, que eu teria essa vocação de dar aula, ser a professora, eu não imaginei. Eu gosto de trabalhar em indústria, trabalhar em laboratório, mas esse contato que eu tenho com os alunos, um laboratório, isso me deixa feliz. Apesar das dificuldades que nós temos, afinal de contas faz 10 anos que eu estou na docência, a gente nunca para cada semestre aprendemos uma coisa diferente, uma coisa nova ali, sempre estudando, fazendo curso, a gente nunca parou. Eu nunca parei, e professor, na realidade nunca para, mas isso que eu gosto, então está sempre procurando uma coisa diferente, a gente passa a mesma matéria todo o semestre, mas é sempre com uma coisa a mais, um trabalho mais, um ponto de vista a mais, um conhecimento a mais, porque as turmas são diferentes, e os perfis dos alunos são diferentes.

Os cursos eram voltados visando o mercado de trabalho local?

Pavarina: Sim, em 1992 nós tínhamos várias indústrias aqui, então quando o curso técnico de alimentos ele foi montado, havia várias empresas no município como a Peixe, a Colombo, a Lemaq, a Cica, tinha várias empresas que ofereciam mercado de trabalho, vários colegas que foram e entraram nesse ramo. Nós fizemos, até dois anos atrás, em janeiro o encontro de Turma de 92 aqui e aí conversa vai, conversa vem, nós vimos quem continua na área, quem não continuou, mas ele todos têm muitas boas lembranças daqui da escola, da época de que estávamos aqui.

Em sua percepção, qual a visão que a comunidade tem da ETEC DANS?

Pavarina: A comunidade aqui de Taquaritinga, como é uma escola a escola tradicional aqui [...]

Pausa

Pavarina: [...] a ETEC ela está localizada entre várias cidades, então a ETEC atende Taquaritinga e várias cidades da região, apesar de algumas dessas indústrias que eu comentei agora há pouco terem fechado aqui na

cidade, na região tem várias outras. As empresas encaminham os funcionários ou pessoas que têm interesse em trabalhar na área vir aqui na ETEC, se aperfeiçoar ou ter a formação técnica para poder [...]

Pausa

Pavarina: [...] poder continuar trabalhando na área, então a ETEC, ela beneficia não somente Taquaritinga como também a região. Quando ela começou em 1989/90, tinha dois cursos, hoje tem vários outros, então ela ampliou o seu leque de opções, mas a região em si ela atende várias cidades. Eu acho que isso que é importante, então a ETEC DANS ela abrange a cidade de Taquaritinga, Monte Alto, Matão, São Lourenço do Turvo, Pirangi, Borborema, Vista Alegre, tem várias cidades, vários alunos de outros municípios que vem para cá por ser uma escola tradicional, pelo ensino que ela oferece e pelos cursos que ela tem.

Teria algo especial que marcou a sua trajetória, seja como aluna da ETE Vila Rosa ou como professora da ETEC Doutor Adail Nunes da Silva, que desejasse registrar?

Pavarina: Como aluna, eu lembro das amizades, do coleguismo que nós tínhamos, tudo que eu lembro da ETEC da época me traz ótimas recordações. É difícil de eu falar uma coisa específica. Faz uns dois anos mais ou menos, eu fui convidada para dar uma palestra como ex-aluna, aí eu fui procurar umas fotos e eu achei um vídeo do desfile da cidade, que agora infelizmente a ETEC não participa mais e antigamente nós tínhamos [...]

Pausa:

Pavarina: [...] quando a ETEC Taquaritinga começou, eram 14 ETECs no Estado de São Paulo, hoje são mais de 200, mas quando lá em 1992 eram 14 ETECs e tinha a integração esportiva e cultural, a gente chamava de IEC e cada bimestre era uma modalidade esportiva. E aí cada bimestre era numa cidade, numa ETEC e teve uma vez que eles vieram para Taquaritinga e foi muito interessante porque eles vieram todos de trem para cá, então nós fomos na época, no Jardim São Sebastião buscá-los de ônibus, cada aluno ia recepcionar uma ETEC no seu ônibus, eles ficaram o final de semana aqui na ETEC. Então isso ficou muito interessante, muito legal para mim, todo bimestre ou era

atletismo, ou era basquete, sempre tinha algum esporte, futebol de salão, então todo mundo ficava animado. Tinha que fazer algum esporte porque todo mundo queria ir ao IEC, porque eram 14 unidades que se revezavam. Nos três anos eu não fui em todas, mas sempre que podia eu ia, então quando eles vieram para cá foi muito legal, porque eles vieram de trem e isso ficou marcado. Posteriormente, como professora, todo começo de semestre quando eu conto a minha história, conto um pouquinho de mim, se um ou dois alunos pegarem sua história e guardar, me guardar no coração o que aconteceu comigo, eu acho que eu vou plantar uma sementinha, uma ou duas pessoas para mim já é o suficiente. Nesses 10 anos que eu estou aqui, 10 não, nove, eu já estou satisfeita. Se eu conseguir plantar uma sementinha do bem, de tudo que aconteceu comigo, de tudo que eu passei, eu já vou ficar satisfeita.

Figura 17 - Maria Aparecida Beltrame



Fonte: Redes sociais.

Q - Maria Aparecida Beltrame, egressa com vínculo empregatício docente

Maria Aparecida Beltrame é natural de Ibitinga, São Paulo, descendente de italianos. Foi aluna da primeira turma do curso de Processamento de Dados da ETEC DANS, realizando paralelamente o ensino médio. Fez o técnico em contabilidade na Escola Industrial iniciando como docente no SENAI e, posteriormente, como docente determinada seguida de sua efetivação no quadro de colaboradores indeterminados da ETEC DANS, até a presente data.

A entrevista ocorreu na ETEC Alcides Cestari, em Monte Alto. Ao ser contatado pela pesquisadora, de pronto a entrevistada se ofereceu para auxiliar na investigação. O encontro ocorreu de forma tranquila e acolhedora, de ambas as partes. Visivelmente foi possível observar a gratidão da colaboradora pela instituição, bem como o carinho em suas palavras sobre sua trajetória e sua relação como aluna e docente do Centro Paula Souza. O encontro ocorreu na ETEC Alcides Cestari, Monte Alto, em 10.04.19.

Entrevista

Poderia nos relatar sua origem familiar e história pregressa antes de ingressar na ETEC DANS como aluna?

Maria Aparecida Beltrame: A minha família é de origem italiana, do Sul da Itália, inclusive eu tenho família até hoje, tenho primos que moram lá ainda, no centro sul da Itália. Essa origem, os meus tataravôs vieram para o Brasil fugindo da guerra, alguns ficaram em Santos, mas a gente não tem registro, outros vieram para o interior. Quando eles vieram para o interior a família se separou, algumas pessoas foram para o centro norte do Estado de São Paulo e o que deu origem a minha família foi para Ibitinga e Itajú, a parte central do Estado. Eles fixaram residência em Itajú, em Bariri e Ibitinga. Tinham sítio, lavoura de café, cana-de-açúcar, gado e depois cada filho foi crescendo, casando-se, casou-se com outros italianos, o sobrenome da minha avó é Casselato, também italiano, e eles foram se mudando. Mudaram para Ibitinga os filhos, que são os meus avós, os meus pais e os meus tios, cada um depois mudou para uma região no estado e o meu pai veio para Taquaritinga abrir um comércio, então nós estamos em Taquaritinga desde 1991.

Poderia falar mais sobre a sua vida estudantil ETEC DANS o que ela ofereceu? Gostaria de saber sobre a relação entre trabalho e educação, porque o lema em outras entrevistas era “liberdade com responsabilidade” isso foi positivo? Como foi como foi vivenciar isso?

Beltrame: Eu estudei em escola pública, fiz ensino médio, fiz técnico de contabilidade na época, a gente fazia técnico de contabilidade, curso de datilografia e fui estudar na ETEC DANS à tarde processamento de dados, acho que eu fui a primeira turma que fez técnico à tarde em processamento de dados, era super disputado assim, você passar na ETEC era até um status social na cidade. O adolescente que passasse na ETEC as pessoas rotulavam como muito inteligente! Passou no vestibulinho da ETEC! Então tinha esse status. Então a ETEC sempre recebeu alunos bons. Eu fui fazer processamento de dados, é uma profissão que eu não segui, mas aquilo que eu aprendi lá é que me ajudou bastante em geoprocessamento porque eu sou professora de

geografia e também me ajudou depois quando eu trabalhei em outra instituição, antes de retornar a ETEC como professora, porque através desse conhecimento do curso técnico foi aonde eu consegui segurar um emprego de nove anos, então o técnico em contabilidade que eu fiz numa escola industrial e o técnico de processamento de dados, eu consegui passar no processo seletivo, depois fixei no concurso nessa outra instituição mas não como professora de Geografia, e sim com um conhecimento prévio técnico, então eu utilizava o diploma de curso superior mas o conhecimento era de matérias técnicas que eu tinha feito na ETEC, nessa escola Industrial. Assim, a ETEC ela me abriu muito leque, eu conheci várias pessoas onde eu tenho um relacionamento até hoje de amizade e relacionamento profissional, depois eu me formei como professora de Geografia, já faz 18 anos que eu sou professora de geografia. Retorno em 2003 na ETEC como professor determinado em Taquaritinga mesmo, fico nesse processo seletivo de 2003 até 2007, depois eu me ausento da ETEC, vou trabalhar nessa outra instituição que é o Senac São Paulo, fico mais ou menos nove anos, então à partir de 2013 retorno para ETEC e agora sou indeterminada, só trabalho na ETEC de Guariba. Quando eu era estudante, havia na escola o lema de “liberdade com responsabilidade”. Isso foi positivo na época, tínhamos uma diretora que era a Celia Gabriel, ela que tinha muito tato com os alunos, com a ETEC, que eu falo como aluna, eu não sei a outra parte, eu não tinha o conhecimento que eu tenho hoje pedagógico. Como aluna, lembro que a gente tinha bastante responsabilidade e a nossa liberdade era cobrada de forma bem assertiva, não autoritária, mas assertiva, então “olha você quer fazer tal coisa, mas você precisa dar conta disso e daquilo”. Isso contribuiu na minha formação! Para quem só estudou em escola pública, vê uma nova forma de escola, então quando eu estudei na ETEC, o prédio, a estrutura, a forma dos professores, a forma de aprender, a estrutura da ETEC ela é importante. Por quê? Porque aquilo realmente dá um impacto no aluno, eu vivenciei isso como aluna, creio que os meus colegas também possam estar falando isso, porque você chega, você fala: Nossa! Que bonito! Que gostoso estudar nessa escola! E aí você tem a convivência com os professores do conteúdo tal, tudo, um completa o outro, então assim essa vivência na escola me fez abrir o horizonte do que seria uma faculdade, como poderia ser profissionalmente no futuro. As palestras que o pessoal trazia na época, a vivência com outros cursos técnicos, a vivência com

professores de outros cursos técnicos, as conversas, então aquilo tudo, dia a dia te traz um crescimento. Eu acredito que o ensino durante o dia ele é importante para fazer um desenvolvimento e um conhecimento, não só o ensino integrado, mas também o ensino modular, noturno. Isso faz você sair da sua zona de conforto, daquele mundo pequeno que se vive, abrindo para um novo horizonte.

A escolha pelo curso de Processamento de Dados estaria direcionada ao mercado local? Poderíamos pensar entre trabalho e educação?

Beltrame: Eu fazia o ensino médio pela manhã e o técnico a tarde. A minha escolha por processamento de dados foi por vagas de emprego na cidade, inclusive quando eu estava na ETEC eu consegui dois estágios. No comércio eu consegui um que era num cartório, e depois o outro estágio numa oficina, mas optei pelo cartório. Enfim, é uma forma de você perceber que você escolhe o curso pela vaga de emprego, pela forma que você tenha seu retorno rápido financeiro, que o aluno da ETEC, ele vai em busca de uma profissão rápida, para entrar rápido para o mercado de trabalho. Então eu era uma adolescente que precisava entrar rápido para o mercado de trabalho, por isso eu optei pelo curso técnico. O curso técnico me dava isso e, mesmo não precisando, eu fui atrás do estágio, partiu de mim e consegui.

Como é ser professora na instituição que a acolheu como aluna?

Beltrame: Como aluna eu adorava estudar na ETEC por todas as questões que eu já falei. Como professora eu quis retornar a ETEC pelas condições de trabalho, então as condições de trabalho são muito boas, temos uma valorização profissional, um cuidado profissional, a própria instituição consegue nos mostrar um caminho e aí a gente opta se quer seguir aquele caminho positivo de crescimento ou não. Cada profissional pode fazer a sua opção, é claro que se quiser uma evolução na sua carreira, automaticamente tem que optar por evoluir, se capacitar, se transformar em um bom profissional. Com isso terá valores em dinheiro agregado ao salário, se não optar por isso, vai ficar estacionado. Quem pensa na realização enquanto profissional, automaticamente vai se atualizando, independente se vai ganhar menos ou se vai ganhar mais. Eu optei em sair do sistema S, sair do Senac São Paulo para

retornar à ETEC, primeiro porque eu fui aluna, segundo que eu tenho uma afetividade com a instituição grande e, pela afetividade optei ficar na ETEC e pela afetividade todos os dias venho trabalhar, me dedica bastante, quero que as outras pessoas, outros alunos, adultos, a comunidade em geral, possam ter a oportunidade que eu tive, que outros colegas tiveram, de ter uma instituição de qualidade.

Qual a visão que a comunidade tem sobre a ETEC DANS?

Beltrame: A comunidade possui uma visão boa da ETEC, é uma referência numa cidade pequena uma escola de curso técnico, é como se fosse uma faculdade ali, vai fazer com que os filhos daquela cidade estudem, consigam uma profissão prévia para arrumar um emprego e aí conseguir algo com maior valor econômico. Ao mesmo tempo tem pessoas que só ficam no curso técnico e conseguem se desenvolver, conseguem um salário até maior do que quem faz faculdade. A ETEC ela é um ponto principal para a sociedade, ela precisa existir, se atualizar, atualizar sua infraestrutura, os seus cursos, seus profissionais, porque ela é bem vista pela comunidade. Não tem uma cidade que tem a ETEC que fala mal da ETEC, só se a pessoa desconhece a instituição e, quando esclarecida, não vai mais falar mal, mas a instituição em si, a sua missão, visão e seus valores ela é bem recebida pelos alunos, até porque a gente vê os números aí do vestibulinho. Eu acredito que a ETEC é uma instituição do Centro Paula Souza que precisa cuidar bastante da formação dos líderes, cuidando da formação dos líderes então daquela, daquele ponto para baixo, a instituição vai ter uma nova realidade.

Figura 18 - Nelson Sadala



Fonte: Redes sociais.

R - Nelson Sadala, egresso com vínculo empregatício docente

Nelson Sadala é natural de Monte Alto, São Paulo. Ingressou na ETEC DANS em 1994, como estudante do ensino médio regular e, em horário oposto, realizou o curso técnico em processamento de dados. Posteriormente, ingressa na FATEC, na área de Processamento de Dados. Inicia sua carreira profissional lecionando em escolas de informática e particulares em Monte Alto, bem como empreende como programador. Inicia sua trajetória na ETEC DANS como docente determinado e, posteriormente, integra o quadro de colaboradores efetivos. Até a presente data, possui 25 anos de experiência na área de informática.

A entrevista ocorreu em tom cordial e participativo do entrevistado. Sua disponibilidade para o depoimento foi imediata bem como em certos pontos da narrativa, especialmente o de estudante, despertou sincera comoção do colaborador. Relembrar sua trajetória de vida o emocionou, assim como a pesquisadora. O encontro ocorreu na ETEC Alcides Cestari, Monte Alto, em 27.03.19.

Entrevista

Oliveira: Como foi o ingresso como estudante na ETEC DANS?

Nelson Sadala: Quando era moleque, eu queria fazer o curso de informática e descobri que alguns amigos em comum faziam em Taquaritinga. Eles tinham esse curso de informática, de programador, que era algumas coisas que eu já fazia anteriormente aqui na nossa cidade e a partir daí surgiu esse interesse de estar prestando. Havia o vestibulinho na época para estar entrando e trabalhando nessa área que, para mim na época, era uma interessante. Então, a princípio, foi por conta disso que eu escolhi. Meu pai já se interessou porque ele achava que eu tinha que estudar [...]

Pausa

[...] realmente, é uma escola de curso integral. Era de manhã à tarde, e aí ele acabou me apoiando para que eu fizesse o curso de maneira integral. Então foi uma coisa bem pensada, bem estruturada desde criança. Eu gostava muito da área, meu pai me apoiou bastante em relação a essa questão de fazer o curso na área de informática no curso integral, então foi por isso que eu escolhi basicamente esse curso em de Taquaritinga e [...]

Pausa

[...] quando eu era estudante, eu consegui aprender muitas coisas, principalmente a questão de relacionamento, porque eu era uma pessoa bem introvertida antes de estudar na ETEC e ali, como eu tinha um pouco mais de afastamento dos meus pais, tive que me virar e isso me deu um currículo. É muito importante essa questão de aprender a conviver com as pessoas e aprender a saber lidar com as situações, porque já não tinha mais a minha família tão perto, era uma cidade do lado, mesmo que fosse do lado! Eu tive que aprender a me virar, pegar o ônibus, a comer sozinho, então são coisas que eu aprendi durante esse período. O relacionamento com os amigos também mudou bastante, porque as pessoas eram de várias origens e várias cidades, então isso, acredito, mudou muito na questão de relacionamento. Tanto é que até hoje ainda tenho contato com esses amigos dessa época. Como estudante, para mim, foi muito importante, essencial no meu crescimento tanto profissional quanto pessoal. Ingressei na ETEC em 94, prestando vestibulinho. O aspecto

pedagógico, enquanto aluno, eu achava muito interessante, porque os professores davam uma liberdade que a gente podia ter em relação a buscar novos conhecimentos. Tudo era associado a uma prática, por ser um curso técnico eles tinham assim, muita a prática como vivência, do que a gente aprende na teoria. Muitos professores na época, pediam para gente fazer ações dentro da escola, que realmente eu não via quando ainda estava no ensino fundamental. Então, para mim, assim pedagogicamente, achei muito interessante, fora que a cobrança era diferente. Não era apenas na questão do conhecimento teórico. Era o conhecimento teórico com uma parte prática que era solicitada pelos professores.

Qual foi a continuidade acadêmica? Por qual razão está na instituição vinculado como docente?

Sadala: Assim que eu saí da escola da escola técnica, eu já prestei a faculdade lá em Taquaritinga, a FATEC que é da mesma instituição para dar continuidade nos meus estudos e o que acabou acontecendo é que eu comecei a dar aulas em escolas particulares, aqui na cidade de Monte Alto. E aí durante o período que eu fiquei na FATEC, eu dava aula nessas escolinhas e trabalhava em um emprego, que não era vinculada à área de atuação da faculdade e da Escola Técnica que eu tinha feito. Depois de um determinado período, eu comecei a abrir uma empresa com um dos meus professores, uma empresa de programação. Aí sim, na área de informática. Ele continuava sendo professor da escola de Taquaritinga. E aí surgiu a oportunidade de estar fazendo a o processo seletivo para professor, eu prestei e acabei passando dando continuidade nessa área. Ela foi uma coisa bem interessante, porque tudo foi uma sequência: sair da escola técnica, dar aula escola particular, depois já entrei na faculdade na mesma área e depois eu continuo aí indo nesse caminho. Então foi uma coisa meio natural, não foi escolhido, eu fui só caminhando nesse processo e esse processo já tem 15 anos, desde escola técnica. Já são 25 anos. Eu estou até hoje como professor, agora como administrativo e como professor eu entrei em 2004, então eu tenho 15 anos de instituição.

Existe algum tipo de mudança no perfil do aluno?

Sadala: O que eu percebo atualmente, é que o perfil da escola tem algumas alterações do período que eu era aluno, para hoje. Acabou retornando

para o que era, ou seja, integral, quando eu ingressei já não tinha mais o curso integrado. Já era um curso separado do ensino médio, era um curso técnico. Então isso já dava uma diferença nos alunos que entravam, e depois de um certo tempo retornou dessa maneira. Eu acredito que os alunos, eles têm a sua diferença, mas para evolução da tecnologia, porque naquela época quando eu entrei, principalmente no curso de informática, você não tinha computador então, tudo que tinha que aprender era diretamente na lousa. Hoje os alunos entram com uma bagagem na área tecnologia um pouco maior, é o que percebo, muitas vezes eles ficam um pouco mais enfadados quando eles estão aprendendo sobre essa área, eles querem mais do que a gente normalmente costuma oferecer. Desta forma, temos que estar sempre se atualizando nessa área, por conta disso. Os alunos hoje, eles buscam mais do que quando éramos estudantes, porque naquela época a gente não tinha muito acesso à tecnologia como tem hoje. Na minha área especificamente, percebo essa diferença: o aluno que já chega com a tecnologia.

E quanto a infraestrutura?

Sadala: Quanto à infraestrutura, na época que eu fiz, tinha dois laboratórios, tinha no máximo cinco computadores em que a gente fazia normalmente os trabalhos em grupos. Os computadores já eram bem defasados, mesmo para época, com 15 anos de defasagem mais ou menos. No decorrer do processo, nós continuamos com aqueles computadores muito antigos e, quando eu entrei, já como professor, a gente ainda tinha uma de defasagem. Apesar de não ser ainda o ideal, eles fazem as trocas. Ainda demora um pouco, mas é muito melhor do que era antigamente, pelo menos eles dão um suporte muito maior hoje em dia.

Existe uma unificação entre trabalho e escola?

Sadala: Quanto a unificação trabalho e escola, hoje eu já percebo que existem mais empresas aqui na região, que isso aumenta um pouco mais de necessidade de profissional. Na época, havia pouca demanda, então o que havia como opção era abrir a primeira empresa. Alguns alunos acabaram indo para outras regiões, tem amigos no trabalho em São Paulo ou no Rio de Janeiro, na área de tecnologia ou dar aula, necessário em escolinha de Informática como nas escolas e faculdades. Então, tudo isso eram opções na área de trabalho e

seus caminhos para a programação, que é a área que eu atuei e atuo ainda hoje. Você tem demanda, porque como eu falei, muitas pessoas formadas estão no mercado hoje. Como a região não consegue absorver toda essa mão de obra, muita gente acaba indo para fora, por conta disso, apesar das empresas estarem começando a se deslocar para cá, então tem muita empresa. Se a gente for abrir um leque de 80 Km, já tem muita gente trabalhando aí.

Qual é a imagem que a ETEC DANS tem perante a comunidade?

Sadala: Eu acredito que seja uma imagem positiva da ETEC DANS, porque é uma escola muito grande, de muito tempo. Hoje se você falar sobre escola técnica, é uma referência na região, até para as outras escolas técnicas que abriram ao redor dela. A gente percebe que todo mundo fala que é uma escola que, para quem passou por lá, deixou saudade. As pessoas falam muito bem, do período que estudaram lá e muitas pessoas ainda procuram uma escola técnica lá, como sendo um centro de referência, principalmente na área de cursos técnicos. Então eu acho que assim, é bem interessante, tem um mercado muito grande ainda.

De tudo, qual o significado disso para sua experiência? O que a ETEC DANS significou na sua experiência de professor e de aluno?

Sadala: Com a escola, eu acredito que a minha forma de lidar com o mundo. Não é o fato de eu ter saído debaixo da asa da minha família tão cedo, praticamente com 14 anos, 15 anos. Me deu uma experiência de vida que eu não teria se eu tivesse que ficar na cidade, no ensino médio ou pelo menos atrasaria esse amadurecimento. Então já nesse momento da minha vida bem moleque, o acesso aos professores que eu tive, ao conteúdo que eu tive, a forma que tinha que fazer para poder se deslocar, então isso me deu uma bagagem de vida muito cedo que para mim fez toda a diferença.

Gostaria de registrar algum ponto que o marcou nessa trajetória como profissional ou como aluno?

Sadala: O que me marcou foi na escola foi a sua diferença, que era a questão de a gente ter uma liberdade, essa liberdade vem acompanhada com uma responsabilidade. Então a gente podia fazer tudo, desde que isso tudo fosse marcado para as nossas consequências, então tudo que a gente fazia tinha uma

consequência seja ela a boa ou ruim. Então a gente aprendeu a viver dessa maneira, aprendemos a lidar com as situações da nossa vida a partir dessa visão, vamos dizer, assim, que seria a responsabilidade, a liberdade. Eu entendo essa liberdade, mas tem que ter uma responsabilidade para ficar com aquilo que eu estava escolhendo. Então acho que isso é o que mais foi importante na minha trajetória do meu amadurecimento, como aluno e como profissional [...]

Pausa

[...] a escola me deu uma maturidade que eu não teria, se eu tivesse ficado aqui na cidade, adiantou um processo. Na época tinha amigos que iam fazer um curso, então eu percebi a responsabilidade que eu já tinha na época, coisa que os meus amigos não tinham, então isso para mim me marcou bastante, que ela me adiantou esse processo.

Figura 19 - Ariele Regina Severino



Fonte: Redes sociais.

S - Ariele Regina Severino, egressa

Ariele Regina Severina é natural de Monte Alto, São Paulo. É egressa do curso técnico em secretariado e do ensino médio regular, sendo atualmente aluna do curso técnico em administração, na ETEC Alcides Cestari, em Monte Alto.

A entrevista ocorreu na ETEC Alcides Cestari, em Monte Alto. Atualmente a entrevistada é aluna do Técnico em Administração, sendo seu segundo curso técnico do Centro Paula Souza. A colaboradora atendeu prontamente a solicitação de entrevista, rememorando sua passagem na ETEC DANS com profunda emoção. O encontro ocorreu na ETEC Alcides Cestari, Monte Alto, em 10.04.19.

Entrevista

Oliveira: Gostaria de iniciar perguntando qual sua origem familiar.

Ariele Regina Severino: Meu nome é Ariele, tenho 21 anos, a origem da minha família é brasileira, um pouquinho de africana, por parte do meu avô. Eu estudei na ETEC DANS no período de 2014 até 2015, um ano e meio de curso por indicação de uma tia que estudou lá há mais de 10 anos, ela fez enfermagem, e sempre me apoiou, sempre falou muito bem da ETEC DANS. E aí ela me orientou a fazer o vestibulinho, passei, escolhi o curso de secretariado, é um curso bem legal, ele abrange várias áreas no mercado de trabalho, é um curso bilíngue, é difícil ter isso em cursos técnicos, que são mais práticos e o da ETEC é bilíngue.

Como foi a sua convivência com os outros alunos, os professores, como que era o relacionamento? Era na própria ETEC DANS ou era na expansão?

Severino: Era na expansão. O relacionamento era superlegal, os professores eram bem compreensivos, eu estudava de manhã no ensino médio em Monte Alto, ia fazer o técnico em Taquaritinga à noite. Às vezes a gente estava um pouquinho cansado e eles sempre foram muito compreensivos, faziam aulas legais, dinâmicas para manter a gente sempre ativo na aula, fazia a sala interagir um com o outro, sempre foi todo mundo muito unido, trabalho juntos, era bem legal, era um relacionamento muito bom, os professores, alunos, coordenadores, a gente tinha relacionamento com palestras lá na ETEC, na sede, para sempre ter contato uma escola, com a outra, porque era tudo o mesmo núcleo.

Como era à infraestrutura, os laboratórios [...]

Severino: A gente não tinha muito acesso no laboratório lá da ETEC, era mais na expansão mesmo, mas aí tinha o laboratório de informática com bastante computadores, um para cada aluno. Às vezes tinha um pouquinho mais de aluno, ficava dois em cada computador, mas nunca teve problema com isso. Todo mundo fazia atividades, era um laboratório bem legal, bem estruturado lá perto.

Qual a imagem que a comunidade tem da ETEC DANS?

Severino: Uma escola técnica [...] hoje o pessoal vê muito bem na parte de arrumar serviço rápido porque é um curso mais rápido, mais curto, então ele abrange práticas do dia-a-dia já, coisas que a gente realmente usa no nosso trabalho, então o pessoal gosta mesmo, tipo: “ahh eu fiz um curso técnico lá na escola de Taquaritinga, em Monte Alto, qualquer lugar! Então você já consegue fazer isso, aquilo!” Quem não consegue este curso eles ensinam. A gente já sai de lá com a noção do que vai fazer no trabalho. Eu acho que é muito bem visto pela sociedade a escola técnica.

Como foi a sua saída e o seu ingresso no mercado de trabalho?

Severino: Logo que eu concluí o curso, arrumei um emprego na área de secretariado mesmo, era secretária de um agricultor. E dentro da empresa eu administrava a parte de secretariado mesmo para ele, era secretária diretamente dele, eu fazia agenda, eu que fazia contratos no computador, usava pacote do Office da Microsoft, atendia o telefone, conversava com os fornecedores, marcava reunião para ele, então graças ao curso eu me adaptei bem rápido ao serviço porque lá, eles ensinavam bastante, faziam seminários, palestras, explicando algumas técnicas para a gente fazer. E aí no serviço eu consegui fazer isso com mais facilidade por causa do que eu aprendi no curso.

Ainda se mantém nesse trabalho hoje?

Severino: Hoje não, tanto é que voltei para ETEC procurando um curso de administração para me aperfeiçoar um pouco, porque nesse emprego do secretariado eu tive um pouquinho de contato com a área administrativa e gostei. Então hoje eu voltei para ETEC, também prefiro ficar um pouco mais nessa área e buscar o serviço nela, um pouco melhor talvez em outro lugar, numa empresa um pouco maior.

E a ETEC que estuda hoje é a ETEC DANS?

Severino: Não, é daqui de Monte Alto, a Alcides Cestari. Eu busquei agora na mesma cidade que eu resido, porque é um pouco mais fácil para vir, para não chegar tão tarde em casa.

E dessa experiência toda, qual foi o seu momento mais importante de estudante da ETEC DANS? Qual foi o fato mais marcante?

Severino: O TCC [...] eu acredito que foi o TCC do meu técnico em secretariado na ETEC DANS, porque ele foi um momento incrível, eu nunca tinha feito um TCC e os professores foram super companheiros, ajudaram muito, a sala foi bem unida, a sala foi dividida em grupos, aí cada um tem um tema e os professor vinham e ajudavam o que a gente tinha dúvida e ensinava alguma coisa diferente. Foi um momento de muito nervoso, uma explosão de sentimentos, de nervosismo, e foi um momento muito marcante para mim, mas no final deu tudo certo, a gente fez o TCC com um evento e tivemos que fazer o evento dar certo e deu super certo. Os professores participaram, eram testemunhas. Foi bem legal.

Gostaria de estar registrando algo mais?

Severino: Ah, eu acho que a experiência é de fazer um curso técnico, eu indico para todo mundo, até aqui levei a minha irmã também para fazer o técnico lá na ETEC DANS, ela concluiu também agora no final do ano o secretariado. Ela também gostou bastante e, hoje, ela está morando em Campinas [...]

Pausa

[...] aí eu acredito que é uma experiência única, todo mundo deveria passar por isso, mesmo até quem tem faculdade, eu indico fazer um técnico para conhecer, para tirar dúvidas, de realmente se questionar: será que a faculdade é melhor? Como é que funciona? Porque a ETEC é um caminho bem, como que eu posso dizer, é um caminho muito amplo, para ensino hoje em dia.

Figura 20 - Gabriel Luís Colombo



Fonte: Redes sociais.

T – Gabriel Luís Colombo, egresso

Gabriel Luís Colombo é natural de Taquaritinga, São Paulo e descendente de italianos. Realizou o ensino médio integrado em química, na ETEC DANS e, ao final do ano letivo de 2018, ingressou na UNESP, sendo aluno da graduação em química,

A entrevista ocorreu na residência do entrevistado. Sua participação e disposição foram significativas, disponibilizando à pesquisadora sua atenção e participação ativa. O encontro ocorreu em sua residência, na cidade de Taquaritinga, em 06.04.19.

Entrevista

Oliveira: Qual a sua origem familiar?

Gabriel Luís Colombo: Bom, minha origem familiar é italiana e portuguesa. Minha família sempre foi nativa de Taquaritinga, depois que vieram os meus avós, mas se espalhou um pouco no Brasil, mas a maior parte materna e paterna ficou em Taquaritinga e moraram por aqui. Eu nasci em Taquaritinga e eu sou nascido e criado aqui.

E como foi a sua formação antes de ingressar na ETEC DANS?

Colombo: Antes de ingressar na ETEC, sempre estudei em escola particular, eu passei um tempo do primeiro até o quarto ano no Colégio Objetivo em Taquaritinga, aí do quarto ano até o sexto ano eu passei um tempo no Pequeno Príncipe, com o sistema de ensino do COC, depois eu voltei para o Objetivo e fiquei lá até o 9º ano.

Como foi prestar o vestibulinho na ETEC DANS?

Colombo: Porque várias pessoas vinham me falando também, vários professores da ETEC são conhecidos meus, alguns deles são até meus parentes e eles vinham me dizendo que era uma escola muito boa, e que o ensino era muito bom. E eu também tinha muito interesse pelo curso técnico.

Como foi o seu período de estudante?

Colombo: Foi o melhor período da minha vida.

O que tinha de especial que o fez ficar por este tempo?

Colombo: Os professores eram muito bons, todas as pessoas acolhiam, os orientadores, eram pessoas muito boas, ajudavam no que a gente precisava.

E quanto à infraestrutura?

Colombo: Na infraestrutura eu sempre achei com uma infraestrutura muito boa, tinha acesso para cadeirante também, por conta do elevador, tinha refeitório onde o pessoal podia almoçar, o micro-ondas que as pessoas utilizavam para esquentar comida e tudo mais. Algumas vezes os micro-ondas chegaram a queimar, só que eles sempre repunham, sempre fazia [...]

Pausa

[...] o pessoal do grêmio estudantil sempre contribuía também para isso. Você sempre achava uma coisa muito legal.

E as salas de aula e laboratórios?

Colombo: Também sempre tinha de tudo que a gente precisava. Quando faltava alguns reagentes, algumas coisas nos laboratórios, já era mandado para comprar. Algumas vezes a escola não tinha dinheiro para comprar esses reagentes, então a gente ficava esperando alguns meses, mas logo depois sempre chegava.

Durante o período que esteve na ETEC DANS, houve um fato principal que marcou essa trajetória?

Colombo: O fato principal? Eu não vou saber muito bem assim dizer, que já teve vários, foi que eu falei [...]

Pausa

[...] o ensino mesmo que foi muito bom, vários professores tentavam ajudar passando matérias para a gente. Por exemplo, a professora Sílvia, de português, ela passava aulas de redação para nós. Ela chegou a levar a gente até numa palestra com uma corretora do Enem, para explicar algumas coisas a respeito da redação do Enem. Isso eu achei uma coisa muito legal! O simpósio de química também foi muito bom, no segundo simpósio chegou um químico forense famoso, também foi muito legal.

Me parece que houve uma palestra com [...]

Colombo: Com a Joana D'arc.

Seria possível narrar este fato?

Colombo: Sim, foi uma das melhores experiências que eu tive também. Ela chegou no terceiro simpósio, no ano passado, ela veio dar uma palestra para gente, foi como se fosse uma palestra motivacional e falou alguns aspectos da química, em contexto geral sobre o trabalho dela, e todo mundo adorou. Foi uma das melhores palestras que a gente já teve. No final conseguimos até o autógrafo dela [...]

Risos

[...] Ela tem um nome, ela chegou a trabalhar até na NASA. Porque ela disse que começou devagar, ela nunca teve muita coisa, ela tinha pele negra [...]

Pausa

[...] e por isso algumas vezes foi até humilhada e tudo mais. Só que ela acabou conseguindo vencer na vida e ela tem Ph.D. em Harvard.

Então foi uma grande emoção essa participação da ETEC DANS, oferecendo esse nível de palestra.

Colombo: Sim.

O ensino médio integrado em química terminou em 2018, o que aconteceu depois que terminou o curso de técnico?

Colombo: Depois que eu terminei o ETIM, eu comecei a me preparar para o mundo de trabalho, então eu prestei alguns vestibulares só que eu não esperava passar esse ano, eu esperava que eu teria que fazer um cursinho para passar no próximo ano. Porque para mim eu ainda não estava pronto, então já comecei a montar currículo, mandar para algumas empresas e oferecer o trabalho como técnico. Contudo, acabei passando e sendo chamado na UNESP de Araraquara e curso bacharelado em química na Unesp Araraquara.

Quais são as pretensões futuras?

Colombo: Minhas pretensões futuras é terminar o bacharel, começar uma iniciação científica. Eu já estava vendo para começar a iniciação científica ou na parte de química quântica, que é uma das coisas que eu mais gosto ou também na inorgânica, para trabalhar com uma parte da química nuclear, e [...]

Pausa

[...] também eu gostaria de fazer um programa de intercâmbio e concluir um mestrado e doutorado, mas futuramente.

Qual a imagem, como cidadão taquaritinguense, qual a imagem que a população tem da ETEC DANS?

Colombo: Da população em geral? Bom, depende bastante porque já teve alguns problemas, que foram passados na ETEC e tudo mais, teve aquela

questão do pessoal LGBT. Tem algumas escolas de amigos meus que acabam não tendo uma visão muito boa, mas sempre que eu tenho contato com eles eu falo para eles o quanto bom é a ETEC e tudo mais, e aí tem várias pessoas também que tem uma visão boa à respeito da escola, então varia muito o quanto de informação à respeito da escola.

A comunidade em geral, avalia como mais ou menos, positiva, negativa [...]

Colombo: Eu avalio mais como positiva.

Figura 21 - Leonardo Frederico Tayar Lui



U - Leonardo Frederico Tayar Lui, egresso

Leonardo Frederico Tayar Lui é natural de Jaboticabal, São Paulo, descendente de italianos. É egresso do ensino médio integrado a processamento de dados, finalizando-o em 1999. Formou-se na Academia do Barro Branco e atualmente, é Capitão da Polícia Militar na cidade de Sertãozinho, São Paulo.

A entrevista ocorreu na ETEC Alcides Cestari, em Monte Alto. A disponibilidade do entrevistado foi total bem como sua contribuição significativa para a investigação institucional. O encontro foi colaborativo e sem restrições quanto às questões abordadas. O encontro ocorreu na ETEC Alcides Cestari, Monte Alto, em 04.04.19.

Entrevista

Oliveira: Eu gostaria de começar perguntando para o senhor um pouco da sua origem familiar.

Leonardo Frederico Tayar Lui: A minha família é de descendentes de italianos, os meus bisavôs vieram da Itália direto para região de Taquaritinga. Na época da imigração italiana, os meus avós eram comerciantes, meu pai teve oportunidade de estudar e virou professor universitário da UNESP de Jaboticabal, na parte de veterinária, a minha mãe bancária do Banco do Brasil, a gente sempre teve uma influência muito forte dessa origem italiana na família com alimentação, festas e reuniões familiares [...]

Pausa

[...] também me deram oportunidade de estudar e, por influência da família no caso da ETEC, de incentivar a prestar o concurso, a estudar na ETEC para ter um conhecimento a mais.

Como foi seu ingresso na ETEC DANS? Por que a escolha dessa instituição profissionalizante [...]

Tayar Lui: Vamos lá. Na época, em 97, 96 a informática estava dando um bum, todo ano vinha uma tecnologia, vinha uma mudança radical, então todo mundo enxergava como seria o futuro. A minha família sempre foi voltada ao incentivo de estudo, de buscar conhecimento, por coincidência um pouco antes um primo frequentou a ETEC DANS, meu irmão também já tinha, já era aluno matriculado no terceiro ano, em 96, 97 e eu tive oportunidade quando eu saí do ensino médio de prestar o concurso. Eu buscava ter esse aproveitamento, do momento colegial, o ensino médio junto com o curso técnico, que eu acho que era uma ferramenta que a ETEC oferecia à época.

Era o curso médio de manhã e o técnico à tarde ou era integrado?

Tayar Lui: Era integral tudo. De manhã eu tinha uma aula de português, depois eu tinha uma aula de introdução à informática, de processamento de dados, de programação em Cobol, misturado com as matérias curriculares.

E como era relação com os estudantes, com os professores [...]

Tayar Lui: O ambiente da ETEC [...]

Pausa

[...] foi uma surpresa para mim, porque eu saí de uma escola comum, onde o que eu conhecia havia estudado na cidade de Jaboticabal e fui para o ambiente onde eu me sentia dentro de casa, eu acordava com vontade de ir porque se sentia muito bem lá dentro. Era interessante isso. Em que pese muitas vezes, o aluno, no meu caso, eu não gostava de alguma matéria na área de exatas, mas a gente sentia um relacionamento excelente com professores, eu vi esse diferencial com amigos que estudavam em outras escolas, de eles narrarem situações de escola comum e, lá, eu me sentia em casa, como se fosse uma extensão nossa casa, é um diferencial da ETEC de Taquaritinga.

Quanto ao pedagógico, a matriz curricular, o que era assim diferenciado nessa escola que o fez sair da sua cidade e ir para Taquaritinga?

Tayar Lui: Eu entendi, quando meu irmão contava bastante, que eu teria oportunidade de aprender algo mais, teria oportunidade de aprender mais, além da matéria que eu era obrigado, ia aprender um curso mais. Na época, estávamos focados em computador, meu pai incentivou bastante e gostávamos de aprender mais sobre essa tecnologia e foi isso que me fez buscar. Quando se tem a oportunidade em três anos e já ter o curso técnico junto com o que eu era obrigado a fazer, isso atraiu muito mais olhares para ETEC, essa mistura dos cursos que eu achei muito interessante. Também a forma curricular que me surpreendeu depois, foi esse fato de a gente ter uma aula curricular e, quando estava cansativo, você vai para um negócio especial que é a parte de informática, que eu gostava muito. E eu sempre estudei lá, sempre aprendi imaginando trabalhar naquilo, a gente logo de cara que entrou nas primeiras aulas já se imaginava: eu vou trabalhar na parte de informática o resto da vida. Esse era o foco nosso.

E quanto à infraestrutura da escola?

Tayar Lui: Para a época que eu saí de uma escola que tinha dois computadores na secretaria, para ir para uma escola que tinha dois ou três, três laboratórios de informática, computadores para dois alunos era o que tinha de melhor, que poderia se oferecer. Qualquer curso de informática que eu fiz fora, eram dois a três alunos por máquina e ali, no máximo, eram um ou dois alunos

por máquina, então eu me sentia no paraíso! Eu não sei se hoje em dia chega ter um computador por aluno em escolas. Na época, o custo de um computador se poderia comprar um carro razoável e, hoje em dia, é muito mais barato o computador. Na época era uma maravilha para nós, era uma estrutura muito boa é [...]

Pausa

[...] você sai de uma sala de aula comum para ir para uma sala com estrutura, como eu falei, com computadores quase que individuais. Havia momentos em que tínhamos que se dividir em dois grupos, dependendo da matéria. Quando eu contava isso para colegas que faziam cursos, até em faculdade eles não tinham a mesma infraestrutura, nesse aspecto da parte técnica. Da parte curricular para mim era normal, era uma escola boa que atendia o que a gente precisava, não tenho nenhuma reclamação da época para ser feita.

Havia um lema naquela escola, liberdade com responsabilidade. Eu gostaria de saber como era vivenciado isso, como aluno.

Tayar Lui: Era interessante. O lema era liberdade com responsabilidade. No primeiro dia de aula, tinha uma reunião com todos os alunos e, a diretora, a Celinha Gabriel na época, reunia os alunos e passava essa mensagem, liberdade com responsabilidade. O que era? Eles davam total liberdade e exigiam a responsabilidade, cobrava o conhecimento. Ou você se dedica ao estudo ou você não vai ter futuro, mas eu também não vou ficar pegando no seu pé, quem tem que pegar no seu pé é sua família, quem tem que educar é seu pai e sua mãe e era interessante isso, porque tinha alguns alunos que a gente percebia que levava muito a sério a liberdade. É mais do que responsabilidade, parecia que não ia ter futuro nenhum! Hoje tenho até contato com alguns e vejo que passaram o tempo só lá, mas é uma minoria, a maioria levava a sério a responsabilidade. Por quê? É uma fase de adolescência. Na minha opinião, quanto mais responsabilidade você dá para ele, mas ele quer responsabilidade, ele precisa de responsabilidade, ele quer se sentir responsável, ele quer se sentir dono daquele trabalho, daquele objeto, daquele futuro, a gente precisa [...]

Pausa

[...] é uma fase que deixa de ser cuidado dentro de casa, que o pai busca no portão da escola e leva para escola, para ir sozinho. No meu caso, eu tinha que pegar o ônibus, uma hora antes do horário da escola em Jaboticabal, para ir para lá, já dá uma diferença. Se eu quisesse usar essa liberdade a ponto de não entrar na sala de aula, eu não entraria. Os meus pais, responsáveis por mim, estavam em Jaboticabal, e eu precisava ter consciência disso, e ela conseguiu implementar essa consciência nos alunos, então eu via essa liberdade com responsabilidade para época, como algo que aquela equipe conseguiu implementar.

Acredita que se esse lema fosse seguido hoje, 20 anos depois, em sua opinião, surtiria o mesmo efeito?

Tayar Lui: Hoje eu viria com mais cautela, porque a educação dos alunos, daquela época da adolescência, era diferente. Se naquela época a minha família desconfiasse de alguma indisciplina em escola, com certeza eu seria muito punido dentro de casa, com algumas regalias que a gente chama de castigo. E hoje em dia a gente percebe o contrário, quando um aluno ele é punido por falta de disciplina na sala de aula, tem pai que quer discutir com a escola para falar: “o quê que você tá querendo com meu filho?” Então, eu acho que depende do grupo, depende de um bom trabalho em equipe para analisar se vale a pena ter esse lema liberdade com responsabilidade. Há também tem uma cobrança que é diferenciada, antigamente não tinha uma cobrança, eu acho por parte da direção e da coordenação da escola com relação à frequência dos alunos, como é hoje. Hoje você é obrigado, como diretor de escola, como o professor, manter o aluno em sala de aula. Naquela época, se o aluno tivesse x faltas ele era retirado da escola. Então com relação ao lema liberdade com responsabilidade, se hoje em dia dá certo dia dá certo? Eu encaro como um teste, tem que ser feito um teste entre diretores, professores, uma conscientização de todos os funcionários para poder implementar isso numa escola, e tem que fazer um trabalho muito desgastante de convencimento dos alunos do que é essa liberdade. Na verdade, o que eu encaro como aprendizado? Eu não tinha liberdade! Eu tinha mais uma conversa sobre responsabilidade, da gente vestir a camisa e tinha que ser responsável, porque se eu não fosse responsável e optasse pela liberdade livre mesmo, livre, leve e solto eu ia me ferrar na vida.

Então, não é que deixa à vontade! É uma sensação de te dou mais responsabilidade. Tem que tomar cuidado com esse a interpretação, porque às vezes o aluno pode interpretar como 90% da liberdade só 10% de responsabilidade. Na verdade, era o contrário, era 99% responsabilidade e só 1% de liberdade.

Qual era a imagem da ETEC DANS perante a comunidade?

Tayar Lui: É interessante isso, a gente era muito respeitado [...]

Ênfase

[...] e eu lembro do fato de frequentarmos a sociedade no horário do almoço, a gente ia a restaurantes, então os donos de restaurante recebiam aqueles adolescentes, com 16, 15 anos de idade. E tratavam muito bem, gostavam não só pelo fato de sermos clientes, mas conversávamos sobre assuntos. Eles encaravam a gente como alunos diferenciados, alunos mais amadurecidos. Talvez essa parte da liberdade com responsabilidade, dá essa oportunidade de amadurecimento, em minha opinião. A gente tinha contato, na minha época de jogos escolares com outras escolas, e a gente sentia essa diferença, do aluno mais com mais responsabilidade nesse ponto.

Como as pessoas da comunidade e região, como viam a ETEC DANS?

Tayar Lui: Considerando como eles respeitavam os alunos, eu acredito que eles admiravam a instituição.

A escola repercutia no município e na região, como uma escola de qualidade, ou seja, tinha um atrativo nas escolas, nas cidades vizinhas?

Tayar Lui: Sim, a maioria dos alunos eram de fora, ou seja, tinha um atrativo, as escolas, as cidades vizinhas, despertava a atenção e o interesse por aquela escola. Jaboticabal tinha escolas excelentes, inclusive públicas, na questão do ensino médio. Mas, a gente podia entender como uma procura muito grande, até porque nas outras escolas bastava se matricular e a ETEC sempre teve uma procura de três, quatro por vaga. Na época que eu prestei o processo eram 3,6 por vaga para prestar o vestibulinho e isso quer dizer que tinha uma procura muito grande.

É possível pensarmos na unificação entre trabalho e profissão?

Tayar Lui: Eu acho bem interessante a maneira como acaba distribuindo os cursos da ETEC, que é voltado para a economia local. Por quê? Ele tem condições, todo aluno que se dedica um pouquinho, que leva a sério o curso, tem condições de sair dali empregado. Eu me lembro que, quando eu estava para me formar, eu tinha propostas, lógico que como estagiário, de escritório, de lojas na parte de informática, porque era uma demanda de profissionais muito escassa. Durante o estágio que eu fiz, no escritório de contabilidade, ele queria que eu continuasse no escritório com ele, então eu vejo isso como uma ponte muito rápida entre a formação curricular comum junto com o técnico profissionalizante e, portanto, o primeiro emprego. E acompanhando agora a evolução das ETECs, eu a vejo surgindo em cidades, sempre pesquisando a dinâmica local da indústria, do comércio, para formar eu acho muito interessante isso. Se não fosse a ETEC, aonde essas pessoas procurariam esse curso profissionalizante? Uma cidade como Sertãozinho, ou mesmo Taquaritinga, tem cursos particulares profissionalizantes, mas não tem cursos públicos, então não dá, a ETEC ela atende quem quiser, quem precisar, isso que eu acho interessante.

Uma vez se formando, qual foi a sua trajetória da saída da ETEC DANS até hoje?

Tayar Lui: Eu me formei em 99, eu queria muito continuar na área específica da programação, só que na minha família incentivava muito a prestar vestibular e fazer um curso superior. Então, logo de cara continuei estudando, analisando durante aquele último ano algum curso que eu poderia dar complemento ao curso técnico de processamento de dados, eu optei por prestar Ciência da Computação. Não me dei bem, porque eu nunca fui de estudar muito bem matéria curricular, não fui, não fui [...]

Risos

[...] não adianta, não fui, eu assumo isso, não tem problema nenhum. Eu descobri naquele ano de 2000 como estudar, porque eu estudava o suficiente para tirar aquela nota, para passar de ano, mas eu não estudava o suficiente para aprender. Na questão técnica eu gostava, da matéria técnica, então não precisava estudar, uma vez que o professor ensinasse, eu já nunca mais esquecia, assimilava isso tudo. Mas português, matemática, história, geografia,

química e física não, eu passava na prova, eu resolvia meu problema e não assimilava. Por isso eu tive dificuldade no vestibular, meu pai a me matricular no cursinho, e onde eu aprendi a estudar, aprender técnica de estudo, técnica de assimilação e eu era obrigado a aprender aquilo para poder passar no vestibular, senão eu tinha que procurar alguma coisa para fazer. Nesse período do cursinho eu conheci trabalhos que o cursinho fazia, de análise psicológica [...] como é mesmo o nome? [...] me fugiu [...]

Orientação vocacional?

Tayar Lui: Isso. E logo de cara eles fazem um gráfico no final, foi muito sério, foi uma semana de testes, uma semana de entrevistas, um negócio bem para valer. Não foi um questionarinho assim de Folha de São Paulo. Foi um negócio bem interessante. No final, o psicólogo chamou um por um para conversar, e ele deu um gráfico de atividades, tipo de atividades muito acima da média do gráfico, estava atividades perigosas, atividades que dependeriam [...]

Pausa

[...] que eu seria feliz se eu estivesse fazendo algo com risco, é muito louco isso. Abaixo da linha de aceitável de uma atividade que eu seria feliz, que estaria condizente com o meu perfil psicológico, daria atividades com criatividade como arte, arquitetura e construção de coisas, que tem o desenvolvimento criativo, tem a ver com que eu estava fazendo antes, no processamento de dados. Só que eu estaria abaixo da linha da felicidade e acima, com atividade perigosa. Isso me trouxe à memória a oitava série, quando eu fiz um curso com bombeiro, de combate a acidentes domésticos, o cursinho que o bombeiro fazia com as crianças e adolescentes. Todo mundo queria ser bombeiro quando participa desse curso, só que eu nunca esqueci disso, quando veio para mim essa atividade perigosa comecei a procurar o que eu poderia fazer. Inacreditável, eu voltei para o desejo de ser bombeiro e fui procurar como que eu podia fazer aquilo. E para tristeza da minha família, que não quer que o filho jamais trabalhe alguma atividade que põe em risco a sua vida, estava eu lá procurando alguma coisa para fazer. Eu fiquei seis meses tentando me convencer de alguma coisa que eu pudesse fazer e ser feliz, quando eu descobri o concurso da polícia. Para entrar na polícia, para entrar no bombeiro, você tem que primeiro prestar concurso para Polícia Militar, então uma história em cima disso. E fui fazer esse

concurso, não passei logo de cara por uma questão de vestibular e meu pai me deu oportunidade de estudar de novo mais um ano e aí eu passei no concurso da academia do Barro Branco, sempre focado para essa ideia do bombeiro, por dois motivos: um que eu conhecia bombeiro, não conhecia polícia. Eu conhecia polícia de ver na rua e outra, na minha família ninguém, em hipótese alguma, imaginava que teria um filho que fosse seguir uma carreira dessa, por medo, por desconhecer. Eu não sabia nada, então bombeiro é menos ruim do que a polícia, propriamente dita. Aí nos quatro anos de curso fui conhecendo um monte de coisas e aí foi que eu optei, quando eu descobri essa outra carreira. Na questão de informática, entender de processamento de dados me auxiliou muito porque eu sempre tive como resolver problemas na Polícia Militar, na parte de informática, porque a gente que resolve tudo, eu sou um, a Academia do Barro Branco ela te forma administrador de pessoas e de coisas, então eu tenho que resolver os problemas, e esse conhecimento ajudou bastante.

Isso quer dizer que, retomando, as estripulias da sua juventude narradas anteriormente a entrevista, resultaram em uma carreira militar de alto risco, mas que o deixa feliz e, por outro lado, a ETEC também o auxiliou no desenvolvimento de um raciocínio lógico, porque na programação é necessário algoritmo e raciocínio lógico. Isso o levou a carreira de hoje, como relatou, de Capitão da Polícia Militar. Gostaria de deixar registrado algo mais?

Tayar Lui: Eu acho que a ETEC DANS é serviu muito para o meu futuro, encaro isso como um amadurecimento mais rápido perante o que eu posso comparar com colegas de infância, que eu sempre tive contato. Aquela situação da liberdade com responsabilidade, que a responsabilidade vai muito acima, eu sinto que todos os meus colegas da época tiveram a influência muito grande da busca da responsabilidade e que todos eles até hoje, tem essa coisa, essa tatuagem gravada no corpo, na mente, na memória, e de repente, isso daí fez com que eu encarasse melhor esses desafios na sequência, me ajudou muito dentro da polícia, no trabalho que desenvolvo hoje, que eu sempre desenvolvi, tive ótimos exemplos nessa relação com a ETEC, de professores, de colegas, de orientadores de alunos.

Figura 22 - Thiago Aparecido Cetroni



Fonte: Redes sociais.

V - Thiago Aparecido Cetroni, egresso

Thiago Aparecido Cetroni é natural de Monte Alto, São Paulo, com descendência italiana e portuguesa. Ingressou na ETEC DANS, no ensino médio regular, em 2001 e, no terceiro ano, ingressou no curso técnico modular em informática, no período oposto. Graduiu-se em produção industrial e processamento de dados pela FATEC, em Taquaritinga. Prosseguiu seus estudos com o mestrado. Inicia como docente na escola particular Microlins, posteriormente como docente determinado na ETEC Alcides Cestari. É funcionário público municipal, docente no colégio Anglo e vereador na cidade de Monte Alto, em seu segundo mandato.

A entrevista ocorreu com cordialidade e acolhimento do entrevistado. Durante a entrevista, denotou emoção nas memórias evocadas. A disponibilidade para o relato foi total, sendo a pesquisadora imediatamente atendida. O encontro ocorreu na Câmara Municipal de Monte Alto, em 01.04.19.

Entrevista

Oliveira: Qual sua origem familiar, como aconteceu o seu ingresso na ETEC DANS?

Thiago Aparecido Cetroni: Bom, primeiro eu agradeço o convite para responder. Eu terminei meu mestrado recentemente, eu sei o quanto é importante é a questão da pesquisa do nosso país. A minha origem familiar do lado paterno é de origem italiana, o sobrenome é Cetroni, do meu lado materno minha origem é portuguesa. No tocante a origem estudantil, a vida toda estudei em escola pública inicialmente no Distrito onde resido, uma pequena comunidade distante aqui do município de Monte Alto. Fiz do primeiro até a quarta série na época, depois eu ingressei aqui na escola Jeremias, também uma escola pública estadual, estudei do 6º ao 9º ano. Na época, era muito comum a realização de vestibulinho para bolsa, eu me recordo que passei para bolsa estudantil em escolas particulares aqui de Monte Alto, mas mesmo com desconto, mesmo com a bolsa, como não era integral, a minha mãe não tinha condição de pagar [...]

Pausa

[...] a escola particular e eu também prestei na época a ETE, a ETE DANS em Taquaritinga. É política aqui da cidade o transporte gratuito, tanto para curso técnico para curso superior. Então eu prestei esses vestibulinhos e prestei também o curso técnico na ETEC. Fui aprovado inicialmente no ensino médio, iniciei o meu ensino médio lá no ano de 2001 e, no finalzinho do ensino médio prestei novamente o vestibulinho, só que desta vez para o curso técnico em informática, então eu cursava de manhã ensino médio e, à tarde, o ensino técnico em informática. O período da ETEC foi um período muito bom. Naquela época nós não tínhamos tanta ETECs como nós temos hoje. Atualmente nós temos ETEC em Monte Alto, nós temos ETEC em Guariba, nós temos ETEC em “n” cidades. Naquela época não! Nós tínhamos menos ETECs, então quando eu cheguei na ETEC, tive a convivência com colegas de outras cidades. Eu me lembro da cidade de Nova América, Taquaritinga, Santa Ernestina, Itápolis, Ibitinga, Monte Alto, de diversas cidades e eu o que eu fiz foi muito bom, muito

importante, por quê? Se talvez tivesse cursado o meu ensino médio aqui nas escolas estaduais a minha convivência, minha experiência de vida ela seria com aquelas pessoas criadas dentro de uma mesma cidade, com as mesmas práticas, com as mesmas culturas, e ao ir para ETEC DANS, além do ensino que, que era muito bom, tanto que a gente pode ser aprovado no vestibular, em faculdade pública. Além disso, a convivência com pessoas de diversas cidades, com religiões diferentes, com ideias diferentes, isso nos enriqueceu muito enquanto o ser humano [...]

Pausa

[...] foi uma experiência muito boa enquanto instituição, a única reclamação que eu tenho, era o tal do processo seletivo docente, às vezes ficava muito tempo, às vezes ficava um mês, às vezes até dois meses sem professor, esperando o tal do processo seletivo. Quando não, a gente ficava um ano e meio com o professor, ou às vezes até dois anos com professor e, no meio do caminho, tinha que deixar a sala porque era de processo seletivo, tinha que ficar um tempo fora para depois retornar. Era uma reclamação, uma reivindicação que a gente sempre tinha, mas era muito boa a estrutura da escola, tanto da parte da tecnologia quanto da convivência com os professores. Então foi uma experiência muito, muito exitosa.

E quanto a infraestrutura da instituição?

Cetroni: Também bacana, eu acho que a gente não tem o que reclamar. Hoje em dia a gente poderia falar que faltava ar-condicionado [...]

Risos

[...] mas não era muito costume na época, então ar-condicionado era só nos laboratórios de informática. Acho que a estrutura era bacana, a escola era sempre muito limpa. Como eu disse, eu fazia ensino médio de manhã e o técnico à tarde. Nos reuníamos na cozinha, que era cozinha até dos funcionários, sempre muito carinhosos. A gente chegava, guardava às vezes a comida na geladeira que era dos funcionários, usávamos o fogão e o micro-ondas para esquentar, sempre muito atenciosos conosco. Então era uma convivência muito bacana, tinha os banheiros, às vezes a gente decidia tomar banho, tomava

banho ali. Acho que eu não tenho que falar o que falar da estrutura não, acho que era muito bacana sim.

E quanto aos outros que tinham na época, que era processamento de dados e alimentos [...]

Cetroni: Na minha época já era técnico em informática. Eu acho que era alimentos e enfermagem que tinha, não me recordo se havia nutrição, mas esses três certamente: informática, alimentos e enfermagem.

Esses cursos foram criados para uma necessidade local, do comércio local, da infraestrutura local, por conta de ser uma região agrícola? Qual o objetivo da instalação especificamente desses cursos?

Cetroni: Em 2001, embora em grandes centros e a nível mundial, a informática já estava bastante difundida, eu acho que nesse sertão aqui de meu Deus, a informática ainda ela estava dando seus primeiros. Que eu me lembre, a gente nem computador tinha, era muito raro. Eu fui ter computador só no final do técnico, em 2003, era tudo muito caro e por ser caro não eram todos que tinham. Acredito que a informática, ela é presente na tecnologia nos dias de hoje, mas naquele momento de maneira especial se introduziu nesse interior do estado, a informática. O curso de enfermagem, acho que a demanda é sempre crescente e, o da área de alimentos, Taquaritinga tinha frigoríficos, produção de mortadela e aqui, nós já tivemos a Cica. Hoje temos a Cepêra, naquela época já existia a Fugini. Então eu acho que a região demanda sim esses cursos que existiam na época.

Poderíamos pensar em unificação entre trabalho e escola?

Cetroni: Sem dúvida, eu tive até uma experiência fora de ETEC em relação a isso. Eu dei aula no Senac, num programa chamado programa educação para o trabalho, onde os alunos tinham [...]

Pausa

[...] de manhã, eles estudavam no ensino regular, a tarde ou de manhã, sempre no período contrário, eles tinham uma formação educacional e nos últimos seis meses do curso eles eram inseridos no mercado de trabalho. Então eles trabalhavam, através de menor aprendiz, desenvolvendo essas atividades.

Eu acho que é maravilhoso, o trabalho edifica o homem, além de ser positivo mostrarmos aos alunos não só a questão da teoria, mas como que ela acontece na prática, porque através da prática e aí através do trabalho, em especial dos cursos técnicos, que o aluno consegue visualizar que tudo aquilo que foi trabalhado em sala de aula, o que de fato pode ser aplicado no dia-a-dia dele porque aí começa a fazer sentido. Do contrário, nos deparamos com aquelas constantes frases de alunos: pra quê estudar equação do segundo grau? Quando que eu vou usar isso? Para quê estudar a fórmula de bhaskara? Quando eu vou usar isso? Então, a partir do momento que você traz um aluno para o trabalho, unifica escola e trabalho.

Posteriormente a saída da ETEC DANS, qual foi a sua trajetória posterior?

Cetroni: Eu me lembro de quando estava na ETEC, eu prestei vestibular na FATEC e na UNESP de Araraquara. Eu fui aprovado nos dois, tanto no curso de administração pública da UNESP de Araraquara quanto ali na FATEC e eu me lembro inclusive, que quando eu fui prestar eu estava em dúvida, se eu prestava na FATEC o curso de processamento de dados ou o curso de produção industrial e aí, inclusive perguntando, conversando com uma professora, que eu era mais próximo, me falou assim: “olha, informática você já conhece um pouco através do técnico, então preste produção industrial que é algo novo, porque informática você já fez o técnico, já tem uma noção”. Eu prestei produção industrial passei por você e depois de um alguns, de alguns anos eu fui fazer PD também, acabei fazendo os dois. Acabei fazendo FATEC, me formei, fiz algumas especializações e, entre essas especializações, eu comecei dar aula na Microlins. Depois participei inclusive da implementação da ETEC Alcides Cestari, que é a nossa ETEC de Monte Alto, que na época se chamava ETEC Monte Alto. Participei da implementação da ETEC, aqui em Monte Alto lá pelos anos de 2007/2008, então de aluno da ETEC eu passei a ser professor de ETEC. Então, inicialmente no curso técnico de informática, inclusive que foi que começamos com a classe descentralizada aqui, e depois até mesmo dando aula durante o período aqui na Cestari.

E hoje?

Cetroni: Hoje sou funcionário público efetivo, sou concursado na prefeitura na área na área de tecnologia de informação, inclusive quando eu

prestei esse concurso lá em 2006, para poder prestar concurso eu usei o meu diploma da ETEC DANS, porque como pré-requisito era ser formado como técnico em informática e eu pude prestar o concurso, por isso então sou funcionário efetivo concursado na área de tecnologia da prefeitura, sou professor do colégio Ângulo, que é uma escola particular aqui, dando aula de informática e robótica, também fui secretário educação da cidade. Atualmente estou no mandato legislativo, no mandato de vereador no meu segundo mandato.

O que mais o marcou na ETEC DANS?

Cetroni: A convivência. Eu brinco que foi muito mais gostoso a convivência, o dia-a-dia na ETEC do que da própria faculdade. Na faculdade eu já trabalhava, então cursava, ia embora, voltava a trabalhar. Era muito corrido e a FATEC era muito maior e a ETEC não, era uma família verdadeiramente. Eu saía de casa às cinco da manhã, chegava na ETEC umas 6:40 e ficava até que até às 6 horas da tarde. Éramos muito acolhidos pelos funcionários, pela Celinha, que era diretora da época, pela coordenação, eu não tenho assim, um professor ou um funcionário que eu possa dizer: “ah, esse funcionário eu não gostava, não tem, não tem”. Então assim, o que mais marcou foi a convivência além da formação educacional, que foi maravilhosa, a formação enquanto ser humano, enquanto respeito. Eu sempre lembro do lema da escola da ETEC DANS, que era muito estranho para nós. É porque aqui sempre estudamos na escola com os portões trancados, os portões fechados. Eu nunca pulei o muro da escola, mas a gente sabia dos colegas pulavam o muro da escola para matar aula e tudo mais, e lá ETEC quando a gente se deparou com portões abertos, a gente se assustou. Eu lembro da fala da Celinha, que era liberdade com responsabilidade: “vocês querem sair, vocês podem sair, o portão tá aberto, vocês vão ter que ter responsabilidade de arcar com os seus atos”. É algo que sempre marcou, essa convivência, essa formação para o nosso amadurecimento, acho que é uma das coisas que a gente poderia destacar.

Mais alguma coisa assim que gostaria de acrescentar?

Cetroni: Gostaria de agradecer a oportunidade de falar dentro desta tua pesquisa de doutorado, dessa instituição, que é tão querida para mim e sei que para todos os fizeram parte da ETEC DANS. Eu tenho os materiais de antigamente, tenho um uniforme até hoje do time da sala, escrito ETEC DANS e

tudo o mais, o número cinco era a minha camisa. Está até hoje guardado e, não está emoldurado, porque eu uso mesmo!

Figura 23 - Vítor Augusto de Souza Ferreira Marques



Fonte: Redes sociais.

W - Vítor Augusto de Souza Ferreira Marques, egresso

Vítor Augusto de Souza Ferreira Marques é natural de Taquaritinga, São Paulo. Estudante da rede pública de ensino, é egresso da ETEC DANS, do ensino médio regular. No segundo ano do ensino médio, ingressou no técnico em informática no período contrário, abandonando-o para se focar nos estudos preparatórios para o vestibular. Atualmente é estudante de medicina, da UFSCar.

A entrevista ocorreu na ETEC DANS, de forma tranquila e acolhedora, de ambas as partes. O entrevistado solicitou a permissão de andar pela escola, recordando e relembrando seus tempos de estudante na instituição, junto com a pesquisadora. Durante a conversa, relatou que, no curso de medicina da UFSCar, 80% dos alunos são egressos de escolas particulares e, o restante, egressos de ETECs. Durante parte de seu relato, ocorreu forte emoção, principalmente porque o entrevistado foi aluno da pesquisadora, durante o ensino médio. O encontro ocorreu na ETEC DANS, Taquaritinga, em 06.04.19.

Entrevista

Oliveira: Gostaria de iniciar perguntando um pouco sobre a sua origem familiar.

Vítor Augusto de Souza Ferreira Marques: minha família é toda daqui de Taquaritinga, inclusive todos nasceram aqui, como eu. Fui criado pela minha mãe, não tenho muito contato com meu pai, minha mãe trabalhou muito tempo como empregada doméstica e atualmente ela trabalha num mercado na cidade. Não convivi com o resto da família, a minha outra parte da família que eu tenho mais contato são os meus avós, meu avô inclusive faleceu esses tempos. Não tenho muito contato com o meu pai, fui criado mais com a minha mãe, pela tia dela e pela minha avó também.

Como foi a sua entrada no mundo acadêmico? Sempre estudou em escola pública anteriormente à ETEC?

Marques: Sim, a minha primeira escola foi a Domingues da Silva, que é uma escola municipal de Taquaritinga, depois disso eu fui para o Silveira Coelho, que é uma escola estadual, e após o Silveira Coelho eu vim para a ETEC.

Por que razão a ETEC?

Marques: Porque na minha época a ETEC é e era uma das escolas referências da cidade. As outras escolas, apesar de até serem boas, a ETEC sempre foi referência, sempre foi bem falada dentro até das próprias escolas pelos alunos e pelos professores como referência.

Como foi a sua passagem como estudante na ETEC DANS?

Marques: Foi muito boa, comparada com as outras escolas que eu estudei, a ETEC tem uma organização muito melhor, dava um pouco mais liberdade aos alunos, que todas as escolas da minha época estavam fechando, tirando a liberdade de circulação dos alunos dentro da escola, dentro da classe, às vezes por causa de bagunça e desorganização. Então, a ETEC tinha um sistema de organização muito bom naquela época, uma melhor interação com os docentes e com os alunos, os docentes tinham mais liberdade para ensinar,

muito por causa de não ter tanta bagunça, não ter tanta desorganização da própria escola.

E quanto à infraestrutura?

Marques: A infraestrutura mudou muito, dos anos de estudo aqui. Foram construídas mais salas, a quadra que era antes descoberta foi coberta, foi construído o refeitório, tudo durante a minha estadia de três anos então, teve uma grande melhoria da infraestrutura que já era muito boa.

Nesse período que estudou aqui, como era a alimentação e o tipo de ensino médio que frequentou? Regular ou integrado?

Marques: O ensino médio era o regular, mas tinha opção de fazer técnico partir do segundo ano, então no primeiro ano eu fiz só o ensino médio na parte da manhã, no segundo ano comecei a fazer o técnico em informática, então aí eu comecei a ficar o dia inteiro, só que eu acabei não terminando o técnico, acho que eu larguei depois de um ano, para poder estudar depois para o vestibular mas, eu acabava ficando aqui. Eu não me alimentava normalmente na instituição, mas ela sempre oferecia comida.

Qual a visão da comunidade sobre a instituição?

Marques: Na minha época era muito bem visada, inclusive os pais de todos os alunos de outras escolas apoiavam os alunos a prestar o vestibulinho da ETEC. Sempre quando os alunos estavam chegando na oitava série para o primeiro colegial, todos prestavam por causa de influência da família e de amigos para vir para cá, porque era uma instituição muito boa.

Poderia relatar o que aconteceu com o término do curso, como foi sua transição para outra universidade?

Marques: Depois de terminar a ETEC em 2014/2015 eu acabei estudando para o vestibular e, em 2016, entrei na faculdade de medicina de São Carlos, a Universidade Federal de São Carlos, a UFSCar. Foi uma transição muito boa e a ETEC me trouxe várias ferramentas para poder ingressar na instituição, que eu acho que isso se eu tivesse outra escola na mesma cidade eu não conseguiria. Acho que me ajudou muito também no começo da faculdade com algumas matérias básicas no curso, principalmente na área de biológicas, um

pouco em outras áreas como a área de exatas. Eu consegui entrar não tão equiparado com pessoas que são de escolas particulares, mas consegui entrar num bom nível para poder acompanhar a faculdade.

Qual a unificação entre trabalho e educação? O que a escola ofereceu neste aspecto?

Marques: Como eu disse anteriormente, a escola oferece um ensino técnico, inclusive eu participei junto com muitas pessoas da minha classe [...]

Pausa

[...] apesar de não ter ficado até o final do meu técnico, ele me ajudou a ter conhecimento em uma outra área tanto que vários alunos que faziam técnico junto comigo, mesmo na área de informática quanto na área de química e de alimentos, que são as outras áreas oferecidas na época, muitos ingressaram dentro da profissão que eles aprenderam dentro do ensino técnico, então a escola conseguiu dar uma estrutura muito boa para eles continuarem, tanto a sua vida, tanto os que ingressaram para continuar com a vida acadêmica dentro dessa área que começaram no técnico. Muitos foram fazer faculdade de sistemas de informação ou informática por causa de técnico de informática ou dentro da área de química por causa da química, ou mesmo ingressaram direto nas indústrias exercendo a sua função técnica.

Relatou anteriormente que, ao término do curso de regular de ensino médio, o realizou um curso. Poderia narrar a lacuna entre o curso e a entrada na universidade de medicina?

Marques: Logo depois que eu terminei o ensino médio, eu entrei no cursinho comunitário uma cidade vizinha, em Jaboticabal, fiquei por seis meses apesar de o cursinho ser por um ano. Eu queria prestar medicina, então entrei no cursinho para aprender um pouco como é o estudo para o vestibular, que é uma coisa que tivemos um contato dentro da ETEC, mas que não era tão grande na minha época. Assim, entrei para me preparar um pouco mais, e logo depois de seis meses eu abandonei o cursinho comunitário e fiquei estudando em casa, inclusive com algum material que ETEC me disponibilizou de livros, de livros já não usados mais pelos alunos que me ajudaram a passar no vestibular.

Entrou no ano seguinte?

Marques: Isso, eu me formei 2014, em 2015 eu estudei para vestibular e em 2016 eu ingressei na faculdade.

Então seis meses o senhor teve auxílio dos professores e outros seis meses foram de autodidata?

Marques: Sim.

Gostaria de registrar algo mais?

Marques: Eu tive muitas boas interações com os professores da ETEC, inclusive eu tive muita ajuda em diversas áreas e principalmente dos coordenadores também. Quando estava para me formar, eu pedi alguns livros porque, se eu não me engano os livros que a gente usava iam vencer e iam ser renovados no ano que seguinte. Eles me disponibilizaram ainda isso, para poder ter um desconto maior para ingressar na faculdade. Foi um apoio tanto acadêmico, educacional e na parte técnica, quanto um apoio emocional e ajuda mesmo, para outras coisas.

Então podemos pensar que a função do professor, muitas vezes, extrapola a sala de aula?

Marques: Sim, muito de mim e dos meus colegas de ano de estudo, tinham muitos exemplos de professores, então normalmente algum professor que dava mais apoio, alguma coisa a mais, se tornava uma matéria mais fácil para o aluno aprender, e que era às vezes uma área que o aluno se interessava mais, acabou até seguindo mais para frente academicamente, ou dentro da área dela.

Figura 24 - Dorival José Micali



Fonte: Redes sociais.

X- Dorival José Micali

Dorival José Micali é natural de Taquaritinga, São Paulo, descendente de italianos. Residente na Vila Rosa, bairro da ETEC DANS, faz parte da comunidade local, participando na criação e implantação da instituição, na ocasião, como vereador. Atualmente é comerciante aposentado.

A entrevista ocorreu na residência do Sr. Dorival José Micali, Taquaritinga, em 29.03.19, o qual recepcionou prontamente a pesquisadora. O encontro ocorreu em tom amigável e cortês. Posteriormente a entrevista, narrou que era de família italiana, trabalhou com um gerente italiano na fábrica de tomates Etti, em Taquaritinga. Relatou com presteza sobre sua gestão como vereador em Taquaritinga, bem como acolheu cordialmente a pesquisadora.

Entrevista

Oliveira: É morador da ETE Vila Rosa? Como foi o início até o presente momento?

Dorival José Micali: Como morador da Vila Rosa, eu trabalhei e a Marilda Bertaco Peria, professora, e seu marido, trabalhamos por ela. Quando nós alcançamos da escola vim para Taquaritinga, eu fui e falei com Doutor Adail Nunes da Silva, a escola que nós queríamos para cidade. Ele nos deu apoio. Então, eu queria a escolha de um terreno, mas que fosse próximo a rodoviária. Ele pensou e, de um dia para o outro, falou: “vou analisar”. Ele analisou dois locais. No recinto onde existe hoje, e esse área aqui, que era antena da Televisão da Rádio Imperial, aqui na Vila Rosa. O prefeito pediu para eu optar por qual, aí eu optei essa aqui da Vila Rosa, porque a outra era, um terreno muito brusco, muito caído, muito ruim. Então, eu escolhi essa área de terra, aí quando eu escolhi essa área de terra, levei lá para ele e falei: “doutor, pode ser essa área aí?”.

Essa escola já era a ETEC DANS ou não?

Micali: Não. Eu só quis que não acabasse com aquela lá.

Qual?

Micali: A industrial.

Então existia uma outra escola que era a industrial?

Micali: Aí eu parti pedindo uma outra escola, uma outra escola profissionalizante para vir para Taquaritinga, mas eu não sabia nem o nome que seria. E aí onde que calhou de nós trabalhar, trabalhar, o Wagner Rossi, o Deputado Estadual, o Otacílio de Almeida, Deputado Federal ajudou muito a gente, tanto aqui em São Paulo como em Brasília.

Esse terreno era propriedade particular ou era da prefeitura?

Micali: Não, não, era propriedade particular.

Foi desapropriado?

Micali: Foi desapropriado. Esse daí era dos Rosa, da família dos Rosa Mendonça.

Entendi.

Micali: É uma área que sobrou lá, era a antena da rádio neste local, aí ela tinha saído, e ficou essa área livre.

E como começou a construção?

Micali: A construção demorou. A construção para vir demorou.

Lembra mais ou menos o ano?

Micali: Começou em 88, não sei não se não foi em 90.

Mas a inauguração da ETEC foi em 88? O prédio existia antes?

Micali: O prédio foi começado, então foi em 85,86.

E como foi a inauguração, trazer esta escola para cá?

Micali: Agora é duro de eu pensar o que eu vou falar para a senhora [...]

[...] como foi a população reagindo [...]

Micali: Tinha vereador que trabalhava contra de eu trazer a escola para cá. Ele eram contra, porque tudo eu alcançava. Eu trabalhava demais, e o prefeito me ajudava muito, tanto o prefeito que nem o vice que era o doutor Horácio, então eu trabalhava muito, vivia como um carrapato em cima deles! Dava oito horas da manhã, eu estava no gabinete, eu não queria saber, era o meu serviço. Me candidatei para ser vereador então, eu quis ser vereador e trabalhar para o povo. Era de manhã à noite. Estava todo dia, então eu acho que eles preferiam me atender do que ver a minha cara todo dia [...]

Risadas

[...] pedindo a mesma coisa. A hora que eu partia para alguma coisa eu queria, de tudo jeito. E aí foi. Mas olha, quando aconteceu de eu falar para o Doutor Adail, nem ele acreditava. Porque ele não acompanhou nada, quem acompanhou foi o filho dele, o Tato, com o motorista em São Paulo.

Entendi.

Micali: Agora, teve o Tarzan, o Nadir me ajudou bem também, e a população quando soube ficou contente, ficou alegre, muitos ficaram enciumados, porque eu escolhi o terreno na Vila Rosa, perto da minha casa, aí eu comprei o terreno que estava vazio, na frente da onde ia construir, que é onde está a minha lanchonete, mas é meu filho que toca. Eu comprei o terreno da esquina, eu falei assim: “se Deus quiser vai dar para por alguma coisa aí”. Aí eu coloquei.

Compreendo.

Micali: O meu trabalho foi só aquilo lá, de eu construir isso aí, porque com o povo você não ganha nada. Com o povo você não ganha nada, o povo te esquece muito fácil. Você vê que na escola tem a placa de treze vereadores.

Por isso vamos registrar para não esquecer.

Micali: Tinha um vereador que era de um outro partido, o Estevão Salvani, família Salvani de Taquaritinga, que todo mundo falava que era o melhor prefeito que passou, e eu e a Marilda em Brasília. Ele telefonando daqui pedindo para a Zélia Cardoso, que atendia em Brasília, ela recebeu um telefonema dele daqui para não receber nós, que ele queria ir pessoalmente e nós já estávamos lá. E uma dona Ana, que era secretária dela, ela gostava tanto de nós porque, eu a Peria chegava lá, batia papo e tal, numa viagem a gente levava laranja, na outra, abacaxi [...]

Risadas

[...] então ela nos adorava. Ela pegou na extensão ele telefonando. Do jeito que ela pegou na extensão, ela foi na sala e falou para a Amarilda. A Amarilda veio e falou para mim. Aí eu falei: “agora é que nós não vamos sair daqui hoje”. Aí o Doutor Renato passava para adiante e para trás e eu e ela sentado, esperando para ser atendido. Até que eu fui enchendo e falei: “Doutor Renato, dá para atender nós? O senhor precisa ir à cozinha e mandar fazer bastante café para colocar aqui. Nós vamos passar a noite aqui, mas o senhor vai atender. Nós não vamos embora sem ser atendido!” Ele arregalou os olhos e ela deu o laudo para nós. E nós saímos, foi na base da bruteza. Ele estava impedindo de atender nós lá.

Naquela época as indústrias apoiavam trazer uma escola profissionalizante para cá?

Micali: As indústrias nós não fomos atrás, fomos mesmo de coração eu e ela, de querer ter uma escola. Mas a indústria nem sabia quando conseguimos. Nem a Etti, nem a Peixe, eles nem sabiam que estávamos atrás disso. Não tinha participação dessas coisas aí.

Esse momento é até a construção do prédio?

Micali: É.

Depois o prédio ficou pronto e tinha alguma escola específica para ser montada ou já era a ETEC?

Micali: Não, era para sair aquela da Industrial, para não acabar com a Industrial, e vir uma, bem dizer, quase igual ela. Ela tem parte da Industrial.

O que era a Escola Industrial?

Micali: Era juma escola profissionalizante, tinha tudo os maquinários e tudo para os alunos aprenderem fazer móveis, fazer tudo.

Então quer dizer que o prédio da ETE foi construído para uma outra escola, a Industrial, ela não veio para cá e ficou vazia? É isso?

Micali: Isso, o resto eu não me lembro muito bem, eu sei que o que estava lá foi para a Vila São Sebastião, o maquinário dela. O prédio ficou ocioso um ano parado. Sabe o que eles falavam? Os vereadores contra falavam que eu tinha arrumado um cavalo branco em Taquaritinga. Você sabe o que quer dizer?

Que não serve para nada.

Micali: É. E aí ficou até que chegou o dia de começar a funcionar o cavalo branco disparou [...]

Risadas

[...] eu não ia na escola, queria só montar e tudo bem. Eu tinha contato com a Célia Gabriel porque o marido dela era secretário da Câmara, a gente tinha contado direto com ela. Ela me adorava. O Adir Gabriel, turco, me adorava também. Agora, quem acompanhou tudo dentro foi a Amarilda. Por que eu? Quem sou eu para entrar, um caipira que não tem estudo, vai falar o quê? Eu só

queria trabalhar e ter as coisas aqui. Eu alcancei muita coisa na minha gestão, mas também nunca mais.